

Carlos Assunção, Rolf Kemmler,
Gonçalo Fernandes, Sónia Coelho,
Susana Fontes, Teresa Moura

A ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTVGVESA (1576) DE DUARTE NUNES DE LEÃO

Estudo introdutório e edição



VILA REAL - MMXIX



A *Orthographia da Lingoa Portvgvesa* (1576) de Duarte Nunes de Leão

Assunção, Kemmler, Fernandes,
Coelho, Fontes, Moura

Carlos Assunção, Rolf Kemmler,
Gonçalo Fernandes, Sónia Coelho,
Susana Fontes, Teresa Moura

A ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTVGVESA
(1576) DE DUARTE NUNES DE LEÃO

ESTUDO INTRODUTÓRIO E EDIÇÃO

COLEÇÃO ORTÓGRAFOS PORTUGUESES 2

CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

VILA REAL • MMXIX

Autores: Carlos Assunção, Rolf Kemmler, Gonçalo Fernandes, Sónia Coelho,
Susana Fontes, Teresa Moura

Título: *A Orthographia da Lingoa Portvgvesa* (1576) de Duarte Nunes de Leão:
Estudo introdutório e edição

Coleção: ORTÓGRAFOS PORTUGUESES 2

Edição: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,
Vila Real, Portugal

ISBN: 978-989-704-388-8

e-ISBN: 978-989-704-389-5

Publicação: 27 de dezembro de 2019

Índice

Prefácio	V
Estudo introdutório:	
1 Duarte Nunes de Leão, o autor e a obra	VII
1.1 Duarte Nunes de Leão (ca. 1530-1608): breve resenha biográfica	VII
1.2 A obra extralinguística de Duarte Nunes de Leão	XIII
1.2.1 Obra jurídica	XIII
1.2.2 Obras de natureza historiográfica	XVI
1.2.3 Obra geográfica	XVIII
1.3 A <i>Origem da Lingoa Portvgvesa</i> (1606)	XIX
1.4 A <i>Orthographia</i> (1576) de Duarte Nunes de Leão	XX
2 As principais ideias ortográficas de Duarte Nunes de Leão	XXIV
2.1 Vocalismo	XXIV
2.2 A grafia de <i, j, y> e <u, v> vocálicos, semivocálicos e consonânticos	XXVI
2.3 Consonantismo	XXVI
2.4 Definições	XXIX
3 Referências bibliográficas	XXXVII
Edição: <i>Orthographia da Lingoa Portvgvesa</i>	1-164

Prefácio

O presente livro constitui o segundo volume da coleção *Ortógrafos Portugueses* que presentemente está a ser editado pelos editores da mesma.

Uma vez que se procurou estabelecer uma edição semidiplomática da ortografia nunesiana, optámos por uma intervenção mínima no texto original quinhentista, com os seguintes critérios de edição:

- a) manteve-se qualquer grafia original e conservaram-se todas as variações gráficas encontradas, não se procedendo à correção de formas do texto original mesmo que os editores as possam julgar incorretas ou erradas existentes. Manteve-se, também, a pontuação original, removendo-se, porém, todos os espaços antes dos sinais de pontuação onde hoje não são habituais.
- b) foram mantidas as letras maiúsculas ou minúsculas conforme se encontram no texto original;
- c) separaram-se as palavras em fim da linha indicada mediante um hífen, mesmo quando ausente do texto original.
- d) manteve-se o *itálico* existente ao longo do texto original;
- e) mantiveram-se os caracteres <u> ~ <v> e <i> ~ <j>, independentemente do valor de vogal ou consoante;
- f) uniformizaram-se as ocorrências do <f, /, ß> longo com natureza alográfica mediante o emprego do <s> redondo (<s, s, ss>);
- g) substituíram-se os grafemas históricos como <ŷ> (para *et* ou *e*) por <&>;
- h) não se procedeu ao desdobramento da nasalação operada pela notação léxica <~>, mantendo-se os demais sinais de abreviatura;
- i) manteve-se da paginação e distribuição em linhas conforme o original;
- j) indica-se do número de fôlio ou da página original no fundo da página.

Estudo introdutório

1 Duarte Nunes de Leão, o autor e a obra

1.1 Duarte Nunes de Leão (ca. 1530-1608): breve resenha biográfica

Tendo gozado de uma sólida formação humanista, o eborense Duarte Nunes de Leão foi um verdadeiro homem do renascimento, com atividade intelectual notável em várias áreas do saber. Embora tenha escrito obras nalguns ramos do conhecimento para os quais ainda hoje pode ser considerado um autor de referência de prosa utilitária da segunda metade do século XVI e de inícios do século XVII, o verdadeiro percurso da vida de Leão tem-se mantido em grande parte desconhecido dos habituais biógrafos. No entanto, é também graças à investigação realizada ao longo dos séculos que a imagem biográfica de Duarte Nunes de Leão tem vindo a tornar-se cada vez mais completa. Seguem-se algumas das principais fontes que fornecem informações sobre o nosso autor. O primeiro bibliógrafo a mencionar Leão terá sido provavelmente o jesuíta espanhol Nicolás Antonio (1617-1684), em cuja *Bibliotheca Hispana nova* encontramos a seguinte entrada em latim:

EDVARDVS NVÑEZ DE LEON (vulgo Lusitanorum DE LIAON) Eborensi in urbe Portugalliae natus, quam ipse sibi patriam adscribit in Lusitaniae Descriptionis c.LXXXVIII non satis esse progressum se, aut connixum in demerenda civium suorum gratia & amore existimavit, nisi juris studia, quibus censebatur, ad reipublice administrationem conferret. In suprema namque Olissiponensi Curia, quae appellari tandem solet, jus dixit Senator Regius. *Desembargador da Casa da Supricação* idiotismus vocat Lusitanicus. Ampliorem tamen sibi aliunde, & cum perpaucis communem laudem fabrefecit. Patriam videlicet Historiam, & quidquid Lusitanum continet nomen celebrandii atque exornandi curam avidissime amplexus, clara admodum huius studii, atque in eo positae industriae quamplura dedit, emanareque fecit in vulgus documenta, Origines quippe Regni, atque Regum Portugalliae asseruit; vernaculi sermonis fontes, & orthographiae totam rationem, legesque reseravit; hodiernae Lusitaniae situm & naturam, gentisque mores, & praecipuas, cum belli, tum pacis artes egregie descripsit. Nec non & manuscripta adhuc Ferdinando Lupi, & quibusdam aliis authoribus, veterum Regum usque ad Alphonsum V. cognomento Africanum *chronica*, ipsa veluti mole sua, & prolixitate adeo laborantia, ut vel usque ad hunc diem typographicam industriam, conatusque retardaverint, in compendium justi corporis vere pulchrum, ac luculentum redegit (Antonio 1672, I: 260).

No primeiro volume da sua *Bibliotheca Lusitana*, também Diogo Barbosa Machado (1682-1772) mistura as informações biográficas conhecidas com elementos bibliográficos, mas acaba por oferecer mais pormenores do que o jesuíta espanhol no seu texto latino:

DUARTE NUNES DE LEAM Naceo na Cidade de Evora onde teve por Pay ao Doutor Joa3o Nunes insigne professor de Medicina que sendo chamado a Castella para curar huma grave enfermidade, ao voltar para a patria morreo infaustamente sumergido no rio Digebe. A natureza o dotou de engenho perspicaz na3o s3mente para em breve tempo comprehender as sciencias amenas sahindo insigne Latino, e na3o menor Poeta, e Mythologico, mas ainda as mais severas, como admirou a Universidade de Coimbra; quando recebeo o gra3o de Licenciado em Direito Civil, que o habilitou para ser Desembargador da Casa da Supplicaa3o, onde manifestou os dotes que constituem hum perfeito Ministro. Nas horas vagas de ministerio ta3o laborioso se dedicou impellido do affecto para a Patria reduzir a melhor methodo as Chronicas dos Monarchas Portuguezes escritas pelos Chronistas, que lhe preceder3o, nas quaes refutou alguns successos apocryfos que manchava3o o decoro dos Soberanos, e defendeo outros que cedia3o em mayor authoridade das suas Pessoas. Criticou com graves fundamentos a Genealogia dos mesmos Princepes que em Pariz compuzera, e imprimira Fr. Joz3 Teixeira da Ordem dos Pregadores que para justificar a pertena3o ao trono de Portugal do Senhor D. Antonio Prior do Crato de quem era acerrimo Sequaz, intentou persuadir que a succesa3o deste Reyno na3o era hereditaria, mas electiva. Descreveo com exac3a3o o sitio do nosso Reyno relatando os costumes dos seus naturaes, e as ac3oens dignas de memoria obradas assim na paz, como na guerra; recopilou as leys que para sua conserva3o promulgar3o os Princepes; descubrio as fontes dos Vocabulos de que uza3o os Portuguezes para que na3o s3mente fallassem com pureza, mas escrevessem com pontua3o. Querendo livrar-se do contagio que fatalmente devastava esta Corte no anno de 1599. se retirou 3 Villa de Alverca, e nem o temor da morte, e menos as molestias da ancianidade lhe impedira3o continuar nas suas litterarias composi3oens tolerando com animo constante a adversidade da fortuna que na3o correspondeo benigna a tantos disvelos intentados, e proseguídos em obsequio da Patria at3 que falleceo em Lisboa no mez de Mayo de 1608 [...] (Machado 1741, I: 736-737).¹

J3 o bibli3grafo oitocentista Inoc3ncio Francisco da Silva (1810-1872) apresenta informa33es biogr3ficas bastante menos pormenorizadas no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* do que o seu precursor setecentista:

DUARTE NUNES DO LE3O, Licenceado em Direito Civil e Desembargador da Casa da Supplicaa3o, escriptor mui laborioso e applicado, como se v3 pelas muitas obras que compoz, imprimindo algumas em sua vida, e deixando outras ainda ineditas: na reuni3o de Portugal 3 cor3a de Hespanha por morte do cardeal rei abra3ou calorosamente os interesses de Filippe II, cujo pretendido direito de success3o defendeu por escripto contra os que o impugnavam. – Foi natural d'Evora, e faleceu em Lisboa, d'idade mui provecta ao que parece, no anno de 1608. – E. (Silva 1859, II: 210).

Aqui, observa-se que Inoc3ncio parece limitar-se a repetir, sem altera33es, a ess3ncia das informa33es biogr3ficas anteriormente oferecidas

¹ No *Diccionario popular* de Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), as informa33es bio-bibliogr3ficas de Barbosa Machado encontram-se aproveitadas na respetiva entrada no oitavo volume, se bem que numa composi3o algo diferente (Chagas 1881, VIII: 465).

pelo Abade de Sever. No entanto, é de mencionar que Inocêncio opta por grafias divergentes do nome do nosso autor, nomeadamente 'Duarte Nunes do Leão' em Silva (1859, II: 210), mas 'Duarte Nunes de Leão' em Silva (1870, IX: 154). Assim, o bibliógrafo oitocentista testemunha implicitamente a confusão onomástica relacionada com o apelido do autor, nomeadamente entre 'do Leão' (em que o substantivo se refere ao animal africano *Panthera leo*) e 'de Leão' (como versão vernácula referente aos topónimos estrangeiros de *León*, em Espanha, ou de *Lyon* em França), que se vai perpetuando pela literatura secundária até aos dias de hoje.

No 19.º volume da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (originalmente editado em 1945), encontramos a seguinte síntese biobibliográfica, que se baseia sobretudo na informação fornecida pelos bibliógrafos anteriores:

NUNES DO LEÃO (Duarte). Jurista, historiógrafo e glotólogo português, desembargador da Casa da Suplicação, n. em Évora cerca de 1530, e m. em 1608. Era filho do dr. João Nunes, professor de Medicina, e estudou Direito Civil na Universidade de Coimbra. Consagrou-se primeiro, exclusivamente, a estudos jurídicos. Encarregado pelo conde do Redondo, regedor das justiças, de fazer o repertório dos cinco livros das Ordenações, com adições das leis extravagantes, publicou esse *Repertório* em 1560. Em 1569 publicou as *Leis extravagantes coligidas e relatadas*, edição feita por ordem do Governo. Também por ordem deste, e sendo já maior o rei D. Sebastião, emendou o livro dos artigos das sizas, quer dizer, modificou as verbas de tributo das sizas, que se andavam pagando com detrimento da fazenda pública. Organizou, também, metodicamente, uma grande quantidade de documentos relativos a contratos e estipulações de vária espécie que existiam na chancelaria e que se achavam caoticamente reunidos no *Livro Grande*. Além disso, reformou as posturas da Câmara de Lisboa e fez regimentos novos para vários ofícios mecânicos, cuja colecção tem a data de 1572. Encontra-se a alegação destes serviços, feita por ele próprio, num memorial que dirigiu ao conde de Portalegre, um dos governadores do reino no tempo dos Filipes. Em 1576 publicou a obra *Ortografia da Língua Portuguesa*, um dos primeiros livros que largamente se ocuparam de certo número de questões gramaticais do nosso idioma. Quando, em 1578, o cardeal D. Henrique subiu ao trono, encarregou-se de redigir umas instruções para o serviço dos tabeliães, e dessa incumbência resultaram duas obras, a *Teoria dos Notários* e a *Prática dos Notários*, que ambas ficaram inéditas, sendo que delas temos notícia por um *Memorial e Relação dos Serviços para o valido de el-rei Filipe*, redigido pelo próprio Duarte Nunes do Leão e inserto por Aires de Campos no volume XI do *Instituto* de Coimbra. Cristóvão de Moura, quando, em Agosto de 1578, depois da derrota de Alcácer Quibir, foi enviado a Lisboa por Filipe II para trabalhar secretamente pela união de Portugal a Castela, tratou logo de atrair jurisconsultos que dessem parecer favorável aos direitos do rei castelhano à coroa portuguesa, sendo um deles Duarte Nunes do Leão, que se gaba de ter aceitado as propostas de Cristóvão de Moura e de se haver entendido com os jurisconsultos espanhóis Luís de Molina e Rodriguez Vasquez de Arge, tendo tanta confiança nas promessas do embaixador do rei católico que nem exigiu "cédula", como tantos fizeram (tudo isto alega ele para justificar a pretensão a uma remuneração mais alta de que a que cobrara até aí). Tendo frei José Teixeira, confessor e partidário do prior do Crato, escrito

uma exposição intitulada *Compendiam de Portugalliae ortu, regni initiis, rebusque a regibus justis*, em que pretendia provar que era electiva, e não hereditária, a sucessão do trono português, justificando por aí os direitos de D. António à coroa (1582), Duarte Nunes do Leão contrapôs-lhe, provavelmente por ordem de Filipe II, uma refutação também em latim, que se publicou em 1585 sob o título de *Censurae in libelum de regum Portugalliae origine qui fratris Josephi Teixeirae nomine circumferuntur. Ita de vera regum Portugalliae origine Liber*, obra reproduzida no segundo volume da *Espanha Ilustrada*. Diz Duarte Nunes, no citado *Memorial*, que este escrito seu de tal modo indignara D. António, que, segundo lhe haviam dito certos portugueses que com o prior do Crato tinham conversado em Paris e Londres, não havia pessoa a quem D. António tivesse mais ódio do que a ele, Duarte Nunes: ódio que, no entender do jurista, constituía mais um motivo para ser remunerado pelos Filipes. Em 1599, grassando a peste em Lisboa, retirou-se para Alverca, onde continuou os seus estudos. Parece que Filipe o encarregara de rever e pôr em ordem o manuscrito da última *Década* de João de Barros, tarefa que não concluiu, se é que chegou a encetar, e de que foi depois incumbido João Baptista Lavanha. Entretanto, tratava de redigir as crónicas dos nossos primeiros soberanos, a partir do conde D. Henrique, chegando a D. Afonso V inclusive. Pouco mais fez aí do que reproduzir os cronistas anteriores. A primeira parte da colecção de crónicas foi publicada em 1600, ainda em vida do autor, e vai até o fim do reinado de D. Fernando; a segunda parte, publicada póstuma em 1643, compreende os três reinados seguintes. Compôs também uma árvore genealógica dos nossos reis, com o fim de provar que D. Afonso III nunca tivera filhos da condessa de Bolonha, e que portanto eram de todo infundadas as pretensões dos reis de França ao reino de Portugal, com o pretexto de descenderem do Bolonhês. Desta obra fez ele um extracto, por indicação de Filipe II de Espanha, para instrução do príncipe seu filho, que foi depois Filipe III. Foi esse extracto redigido em castelhano sob o título de *Genealogia verdadera de los reyes de Portugal, con sus elogios y sumario de sus vidas*; publicado pela primeira vez em 1590, reimprimiu-se em 1608. Em 1606 publicou a *Origem da Língua Portuguesa*. Dois anos depois da sua morte, isto é, em 1610, seu sobrinho Gil Nunes do Leão publicou o que é talvez o mais interessante dos seus trabalhos, a *Descrição do reino de Portugal*. Segundo as indicações de Barbosa Machado, ficaram inéditas, pelo menos, uma *Vida de D. Sebastião* e um *Tratado de varões ilustres*. O alvará que lhe concede vinte anos de privilégio para a publicação e venda dos seus *Artigos das sizas* tem a data de 29-XI-1564, e a de 15-XI-1568 o que lhe deu dez anos de privilégio para o *Repertório das leis extravagantes* (GEPB s.d., XIX: 73-74).

Nesta entrada, que parece ser um decalque dos textos anteriores, o autor desconhecido limita-se a apresentar uma descrição detalhada da obra conhecida, inédita ou impressa de Leão. Ainda no ano de 1945, também José Pedro Machado (1914-2005) procura esclarecer várias questões que continuam a persistir na literatura secundária sobre o autor quinhentista, no capítulo «Biografia de Duarte Nunes de Leão» (Machado 1945: 3-26) do seu «Estudo preliminar» à quarta edição da *Origem da Língua Portuguesa* (Leão

1945).² Infelizmente, o investigador lisboeta não consegue em grande parte ir além da conjectura que toma como ponto de partida os *supra* mencionados textos. Seja como for, não consta que tentativas posteriores de estabelecer uma biografia de Leão tenham tomado em consideração as ponderações biográficas de José Pedro Machado.

Pouco mais de duas décadas depois, o historiador conimbricense António de Oliveira (n.1931) apresenta uma síntese algo diferente dentro do seu artigo publicado na *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*:

Leão (Duarte Nunes de) – Jurista, linguista e historiador port. (Évora, c. 1530-Lisboa, 1608). Filho do judeu João Nunes, prof. de Med., licenciou-se em Dir. Civ., em Coimbra, e foi desembargador da Casa da Suplicação. Defendeu calorosamente os dirs. de Castela à Coroa de Portugal sem que com isso tirasse grande proveito (naturalmente pela sua origem judaica), como se deduz do "Memorial e relação dos serviços para o valido d'elrei Filippe" (publicado em *O Instituto*, XI, Coimbra, 1862, 165-167). Excelente prosador, a sua obra mais válida é a do pioneiro em estudos ortográficos ao procurar "descobrir as fontes dos vocábulos de que usam os Portugueses para que não sòmente falassem com pureza, mas escrevessem com pontuação" (Barbosa Machado) e a sua curiosa monografia sobre Portugal "em que se tracta da sua origem, producções, das plantas, mineraes e fructos, com uma breve noticia de alguns heroes e tambem heroínas, que se fizeram distinctos por suas virtudes e valor" (segundo a 2.^a ed., de 1785) (Oliveira 1971, XI: cols. 1602-1603).

Embora esta entrada forneça a maior parte das informações 'tradicionais' sobre a vida de Leão, é de notar que este breve artigo de Oliveira (1971) terá sido o primeiro a dar como certa a descendência judaica de Duarte Nunes. Uma vez que o autor deste artigo se refere a este respeito ao pai João Nunes, a dúvida que se coloca é se o nosso autor terá sido judeu (como filho de uma mãe judia), Cristão-novo (como convertido) ou mesmo Cristão-velho (como filho de uma mãe cristã).³ Na verdade, esta dúvida não pode ser esclarecida hoje, e apenas seria relevante na medida em que permitiria alguma conclusão sobre o prestígio de que Duarte Nunes de Leão gozava na sociedade cristã e católica dos séculos XVI e XVII.

Por seu turno, Maria Leonor Carvalhão Buescu (1932-1999) resume as informações que circulam na literatura secundária anterior sobre Duarte Nunes de Leão, no entanto, também acrescenta algumas perguntas e conjecturas:

² Nas suas fichas sobre as duas obras metalinguísticas de Leão dentro da *Bibliografia Filológica Portuguesa*, Machado (1941: fichas 951-955; 1943: fichas 1161-1165) prescinde de qualquer consideração biográfica.

³ No seu artigo sobre o relacionamento entre Duarte Nunes e a inquisição, Révah (1964) discute alguns testemunhos contemporâneos sobre a pertença (ou não) dele à fé judaica.

Duarte Nunes de Leão era natural de Évora, onde nasceu por volta de 1530, filho do médico hebreu João Nunes. Estudou leis na Universidade de Coimbra e entrou mais tarde como procurador e depois desembargador na Casa da Suplicação.

A sua vida pública, pormenorizadamente relatada no Memorial de Duarte Nunes de Lião e relação dos seus serviços para o valido d'el-rei Filipe (Cristóvão de Moura), mostra uma actividade cultural constante e profícua. Menciona nesse memorial todas as suas obras escritas (algumas perdidas), em número considerável. Essa intensa actividade situa-se em três coordenadas: jurídica, histórica e linguística, em que dá provas de uma sólida erudição humanística.

*Não obstante a sua posição política, abertamente favorável ao governo filipino, não parece que esse acordo com o regime vigente lhe tivesse servido de garantia. O próprio memorial prova, precisamente, que, apesar dos bons ofícios e serviços prestados directamente ao rei – nomeadamente em castelhano *Genealogia Verdadera de los Reyes de Portugal con sus elogios y summario de sus vidas (1569 e 1608)* – nunca ou muito raramente Duarte Nunes encontrou apoio. Consequências do sangue hebreu? Má vontade de invejosos? Consequência da sua posição política, que atraía sobre ele o desagrado talvez vingativo do Prior do Crato, que duramente atingira numa das suas obras?*

*Atormentado e desiludido, o velho Duarte Nunes de Lião morreu em Lisboa, dois anos após a publicação da *Origem*, em 22 de Abril de 1608, segundo consta no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de Filipe II, Doações, fls. 73 e 74 (Buescu 1978: 73-74).⁴*

Observa-se que Buescu, nas suas publicações da década de 1970 (cf. Buescu 1971, 1977, 1978), assim como na edição de Leão (1975a), escreve – embora sem coerência absoluta –⁵ o apelido do nosso autor como 'Duarte Nunes de Lião' (em óbvia referência à grafia original do apelido como <Duarte Nunez do Lião> ou <Duarte Nunez do Liam> que encontramos em Leão 1560, 1576, 1569a e 1569b). No entanto, na edição das duas obras metalinguísticas do autor que foi publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Leão 1983), a editora lisboeta adapta-se corretamente à ortografia modernizada de formas onomásticas de acordo com a norma ortográfica em vigor, grafando 'Duarte Nunes de Leão'.⁶

⁴ Com efeito, estes quatro parágrafos iniciais do «Esboço biográfico» da investigadora lisboeta constituem uma repetição quase *ipsis verbis* dos três parágrafos iniciais do capítulo «VII — Duarte Nunes de Lião e a busca das origens» que a autora publicara cinco anos antes em Buescu (1978: 73-74).

⁵ Constituem exceções as grafias 'Duarte Nunes de Leão' na edição de Barros (1971: 295, nota 2), elaborada pela mesma autora e 'Duarte Nunes de Leão' em Buescu (1977).

⁶ Uma variante desta grafia também se encontra no *Universal Index of Biographical Names in the Language Sciences* de Konrad Koerner (2008: 149), se bem que numa versão indevidamente hispanizada 'Leão, Duarte Nuñez de (c.1530-1608)'.

Mais recentemente, o historiador lisboeta Orlando Gama (2002) publicou o artigo «Duarte Nunes do Leão: Elementos para uma Biografia» como um dos estudos preliminares a Leão (2002). No âmbito do «Quadro Biográfico», Gama (2002: 9-29) tenta complementar os esboços biográficos fragmentários da literatura secundária acima descritos com outras fontes bibliográficas, nomeadamente com material arquivístico da Universidade de Coimbra e da Torre do Tombo, quer mencionado no estudo introdutório de Almeida (1975), quer mesmo inédito anteriormente. Mesmo que a documentação detalhada de Gama (2002), com um total de 52 alíneas com indicação das fontes, ilumine a carreira dos estudos universitários, as nomeações no sistema judicial real da época, bem como Alvarás e outros documentos relativos a várias tenças anuais, etc., mesmo após a morte do autor, é de notar, infelizmente, que algumas das questões centrais sobre a biografia de Leão, tais como o ano do seu nascimento ou a sua associação com o Judaísmo,⁷ ultimamente acabam por ficar sem resposta.

Como vimos nos trechos *supra* citados, Leão fez parte da elite jurídica do seu tempo, uma vez que o seu vínculo à Casa da Suplicação significava que desempenhava diferentes cargos no supremo tribunal de justiça da monarquia portuguesa quinhentista.

Consideremos, em seguida, as obras com as quais o nosso autor se imortalizou.

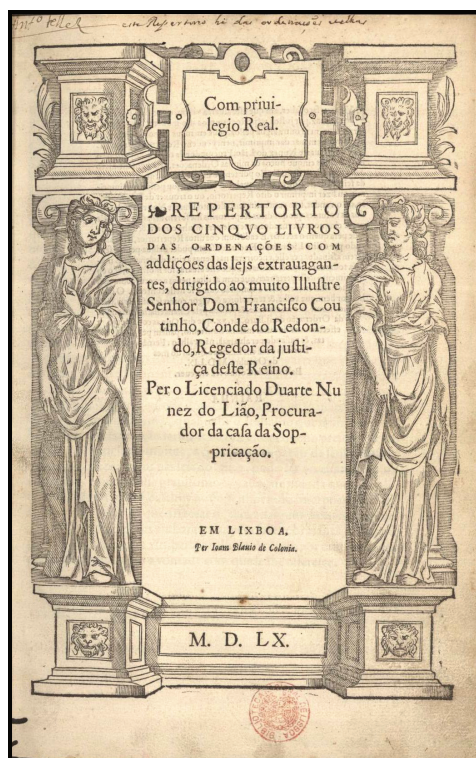
1.2 A obra extralinguística de Duarte Nunes de Leão

Sem tomar em consideração os manuscritos hoje perdidos que se encontram elencados na bibliografia setecentista de Machado (1741, I: 737-738), o autor não limitou a sua atividade à jurisprudência, mas dedicou-se à elaboração de trabalhos de natureza monográfica em várias áreas de saber. Assim, para além das obras metalinguísticas, que são o objeto principal deste livro, Leão publicou livros no âmbito do direito, da história e da geografia.

1.2.1 Obra jurídica

As primeiras quatro obras da pena do nosso autor pertencem à área do saber de direito, facto que não surpreende, dada a sua carreira.

⁷ Quanto à alegada origem cristã-nova de Duarte Nunes de Leão, parece-nos quase salomónica a conclusão que, sobre este tópico, nos dá Gama (2002: 30-31): «A falta de informação é, pois, notória e coloca muitas dúvidas, que só a colação com novos elementos que, eventualmente, se venham a encontrar, poderá resolver».



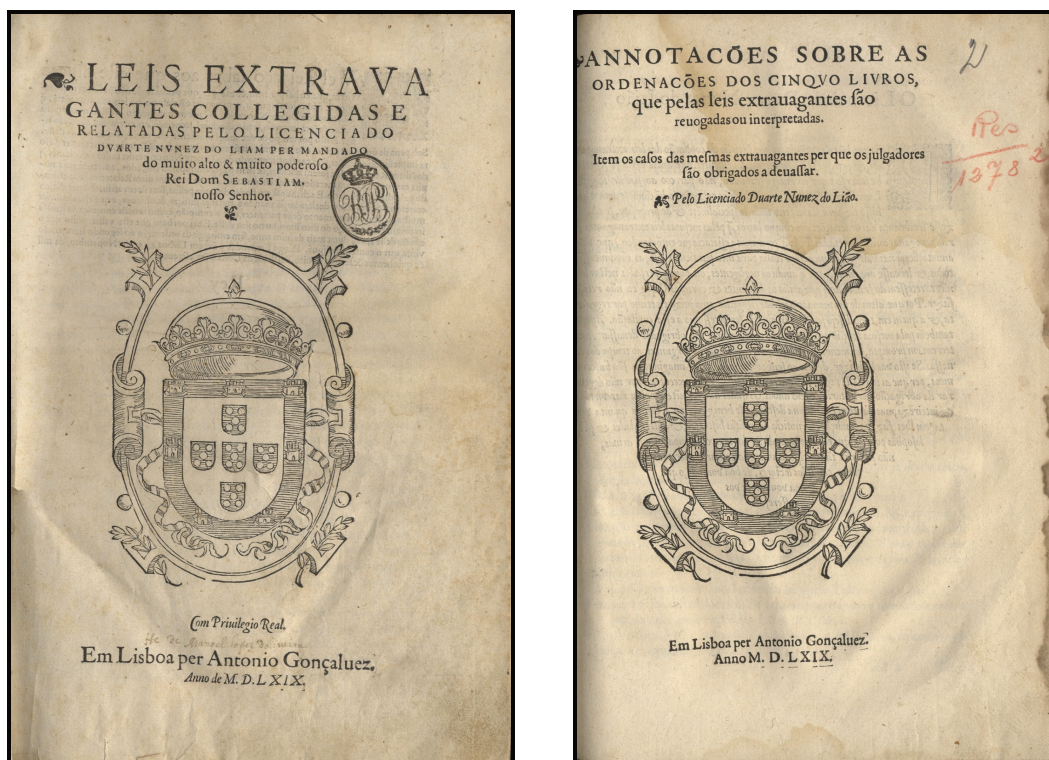
Leão (1560: [1r]) e Leão (1566: [1r]).

Já desde a sua primeira publicação, com o *Repertorio dos cinco livros das Ordenações* (1560), o então jovem procurador da Casa da Suplicação mereceu destaque por oferecer uma ferramenta de grande utilidade para todos os juristas da época. Num volume de grande dimensão, com [2], 112 fólios em formato *in-2.º* (ou seja, com uma altura de 29 cm), esta obra apresenta um índice temático sobre as *Ordenações Manuelinas* de 1521.⁸ Dedicado ao 3.º Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho (1517-1564), este livro vem provido de um privilégio real de 2 de outubro de 1559 (Leão 1560: fol. [1v]), o que garantia ao autor uma receita durante pelo menos dez anos, por mais que as respetivas vendas possam ter sido irregulares.

Já os *Artigos das sisas nouamente emendados per mandado Delrei nosso senhor* (1566) foram coligidos pelo jurista eborense a mando do jovem Rei D. Sebastião (1554-1578, reinou desde 1557). Tal como se vê no título, a publicação visa reunir, num só volume, todos os artigos relacionados com a sisa, um imposto direto sobre as transações de bens e direitos. Este opúsculo de [2], 7, [1], xxxvii, fólios no formato *in-2.º* (com altura de 28 cm) vem

⁸ Assim, o « Título. xlv. Em que modo se fara a eleição dos juizes τ vereadores τ outros officiaes» (*Ordenações* 1533: fol. lxxxix v) reencontra-se na letra E sob a entrada «Eleição de juizes & Vereadores, & doutros officiaes, corno se faraa. liu. tit. 45» do *Repertorio* (Leão 1560: fol. 39v).

provido de um alvará de privilégio de 28 de novembro de 1564, que concede exclusividade do direito de autor por vinte anos a partir da publicação (Leão 1566: fol. [1v]).



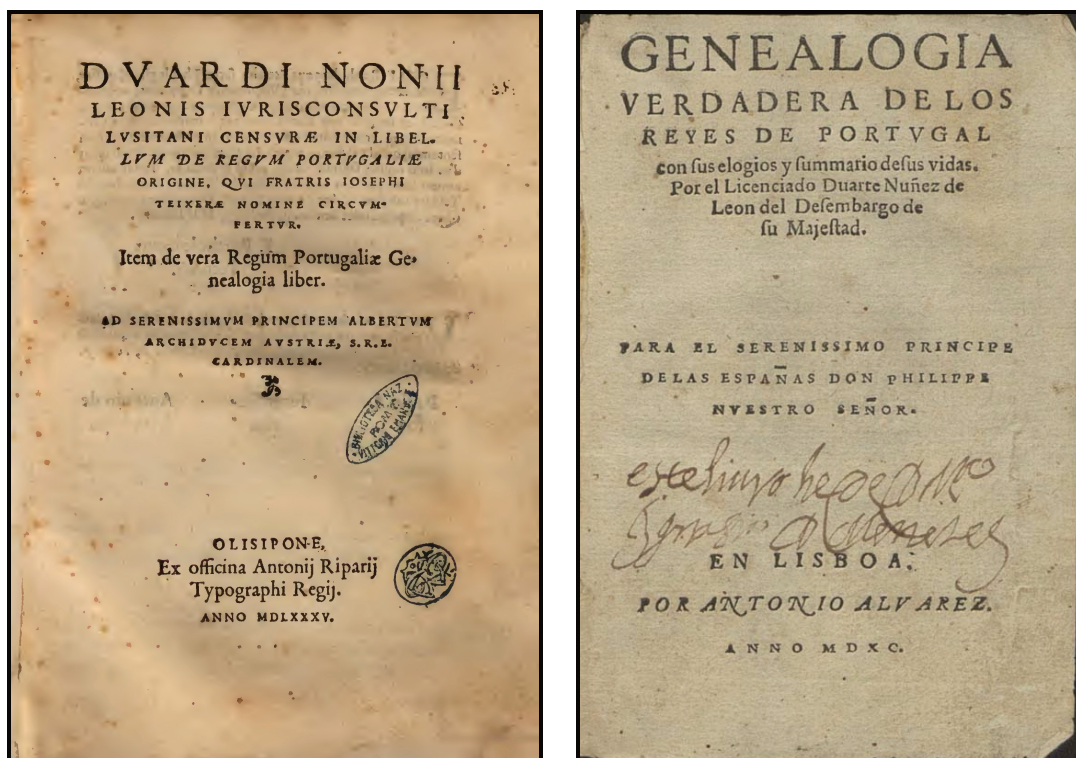
Leão (1559a: fol. 1r) e Leão (1559b: fol. 1r).

Igualmente elaborado por ordem do jovem rei, a quem o livro é dedicado, também o volume intitulado *Leis extrauagantes* (Leão 1569a) constitui uma compilação de leis, nomeadamente de títulos de natureza suplementar que não constavam das *Ordenações*. Por isso, o próprio rei mandou cumprir as leis constantes na coleção pelo alvará de 14 de fevereiro de 1569 (Leão 1569a: fols. [3r-3v]) e concedeu a deste grosso volume de [4], 218, [16] fólios em formato *in-2.º*, um privilégio por dez anos com data de 15 de novembro de 1568 (Leão 1569a: fol. [1v]). Nos últimos fólios não paginados, encontra-se um índice intitulado «Repertório das Materias que se conteem nas seis partes das leis extrauagantes» (Leão 1569a: fol. [1r-16v]).

Publicadas no mesmo ano, as *Anotações sobre as ordenações dos cinco liuros que pelas leis extrauagantes são reuogadas ou interpretadas* (Leão 1569b) constituem um opúsculo de 8 fólios em formato fólio (*in-2.º*). Dado que se trata da publicação dos apontamentos que o autor tinha feito à margem do seu manuscrito (Leão 1569b: fol. [1v]), não parece, descabido encarar este opúsculo com rosto independente como anexo a Leão (1569a).

1.2.2 Obras de natureza historiográfica

A obra historiográfica de Duarte Nunes pode dividir-se em duas vertentes, a genealogia política e a narrativa histórica no sentido mais lato.



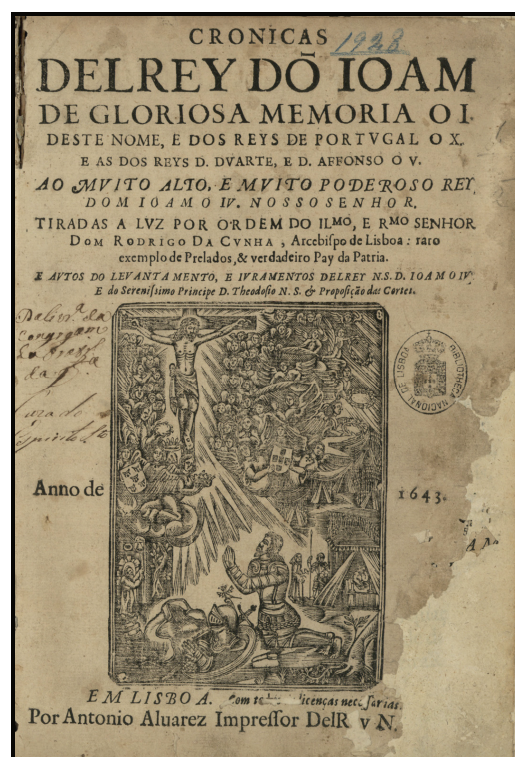
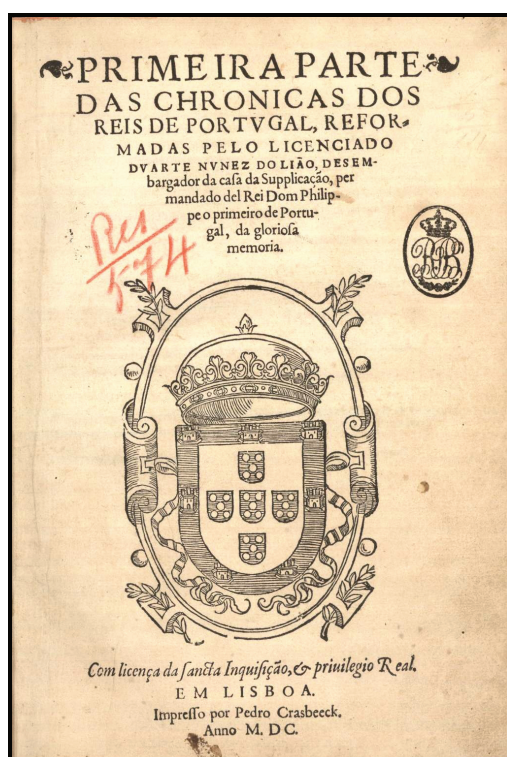
Leão (1585: fol. [1r]) e Leão (1590: fol. [1r]).

Primeiramente, Leão publicou a obra *Duardi Nonij Leonis iuriconsulti lvsitani censurae in libellum de regum Portugaliae origine qui fratris Iosephi Teixeira nomine circumfertur* (Leão 1585a) num volume de [4], 64 fólhos. Nele, o nosso autor, como partidário do rei Filipe II de Espanha (1527-1598, reinou de 1555/1556), aborda a intervenção do desembargador português na polémica sobre a sucessão portuguesa (por ordens expressas de Filipe II; cf. Leão 1590: fol. [2v]), iniciada pelo dominicano José Teixeira (1543-1604), como partidário do disputador ilegítimo do trono português, D. António, Prior do Crato (1531-1595).⁹

A este volume seguiu, apenas com um rosto parcialmente independente, o opúsculo *Duardi Nonij Leonis iuriconsulti lvsitani de vera regum*

⁹ Com as suas duas obras de 1585, Leão responde ao opúsculo polémico *De Portugalliae ortu, regni initiis, et denique de rebvs a regibvs, vniuersoque Regno praclarè gestis, compendium* (1582), que Teixeira tinha publicado em Paris para defender, entre outros assuntos, o seu ponto de vista que favorece uma monarquia eletiva, para assim justificar uma eleição de D. António, em vez do rei espanhol.

Portvgaliae genealogia liber (Leão 1585b). Com o objetivo evidente de legitimar a sucessão histórica (e portanto legal) do rei espanhol, esta obra, também redigida em língua latina, oferece ao longo dos seus apenas 49 fólios, uma história dos reis de Portugal desde o primeiro conde de *Portucale*, D. Henrique (1066-1112). Poucos anos depois, o autor publicou ainda uma tradução espanhola desta obra, sob o título *Genealogia verdadera de los reyes de Portugal: con sus elogios y summario desus vidas* (Leão 1590), dedicada ao rei, que lhe concedeu um privilégio de dez anos através do alvará de 17 de março de 1589 (Leão 1590: fol. [2v]).



Leão (1600: fol. [1r]) e Leão (1643: [VIII]).

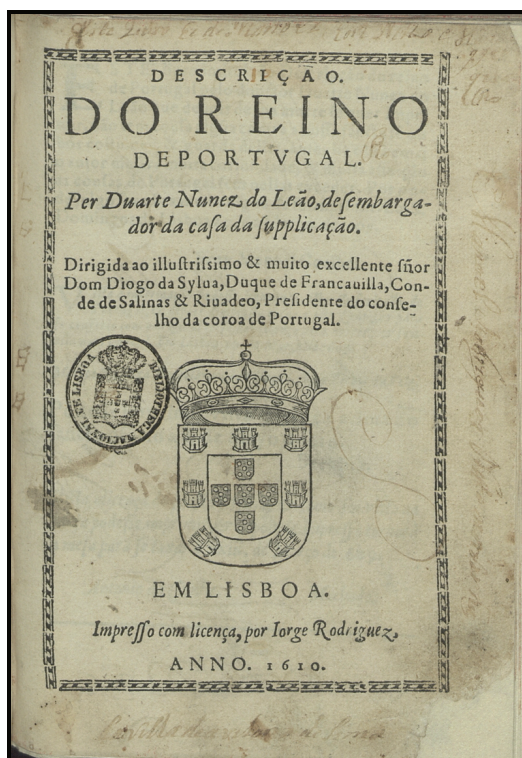
Como autor das três obras acima descritas, Leão teve como principal objetivo assegurar publicamente a reivindicação do poder de Filipe II de Espanha em Portugal. Ao mesmo tempo ele inscreve-se na tradição de cronistas como Fernão Lopes (ca. 1380-1460), com as suas crónicas *Primeira parte das Chronicas dos Reis de Portvgal* (Leão 1600) desde o Conde D. Henrique (1066-1112) até ao reinado de D. Fernando (1345-1383, reinou desde 1367), bem como do volume seguinte, das *Cronicas Del Rey D. Ioam de gloriosa memoria o I. deste nome, e dos Reys de Portvgal o X. e as dos Reys D. Dvarte, e D. Affonso o V.* (Leão 1643), que se ocupa dos inícios da Dinastia de Avis, nomeadamente dos reinados de D. João I (1357-1433, reinou desde 1385), D. Duarte (1391-1483, reinou desde 1433) e D. Afonso V (1432-1481, reinou desde 1438).

1.2.3 Obra geográfica

Com o título *Descripo do Reino de Portugal*, esta monografia geográfica foi publicada postumamente, tendo as respetivas licenças sido pedidas pelo seu sobrinho e herdeiro Gil Nunes de Leão (fl.1610-1628), em nome de todos os herdeiros a quem foi concedido o privilégio de dez anos em 30 de maio de 1609 (Leão 1610: [3r]). No que respeita  elaboração do manuscrito do livro, o sobrinho fornece a seguinte explicação:

Este liuro acabou o Doctor meu tio de compor nos termos em que estaa no anno de 1599. estdo neste tempo recolhido na villa de Aluerca por causado mal de  nos Deos liure que então houue neste regno (Leão 1610: [7r-7v]).

Assim, a elaboração da geografia coincide com o surto da peste bub3nica que atingiu Lisboa de 1598 a 1603, facto que levou o velho jurista a recolher  vila ribatejana de Alverca.



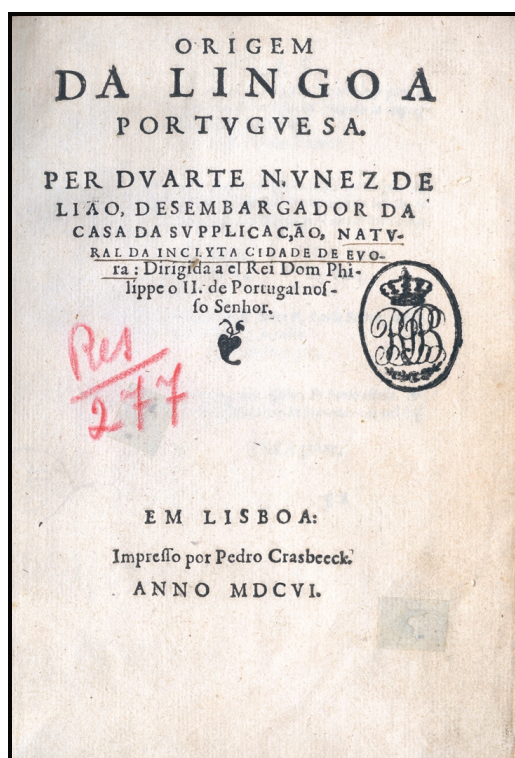
Leão (1610: fol. [1r]).

Ao longo dos seus [12], 161 f3lios, a obra oferece, primeiramente, uma panorâmica da geografia política de Portugal, elencando os rculos judiciais com os concelhos ou vilas correspondentes. Ap3s uma breve introdução hist3rica, Leão apresenta as principais serras e rios de Portugal, antes de abordar os bens obtidos atrav3s da exploração ou da agricultura. No entanto, a maior parte da obra  dedicada aos costumes religiosos e aos santos venerados pelos portugueses (Capítulos XXX-LXXXIII; cf. Leão 1610: fol. 55v-125v).

A seguir à edição original, esta obra foi impressa em 1785, na oficina do tipógrafo lisboeta Simão Tadeu Ferreira (fl.1773-1831; Leão 1785), contando ainda com uma terceira edição foi publicada pelo Centro de História da Universidade de Lisboa, em 2002, juntamente com cinco estudos preliminares (Leão 2002).

1.3 A *Origem da Lingoa Portvgvesa* (1606)

Numa época em que a linguística ainda estava muito longe de se estabelecer como disciplina das humanidades, Duarte Nunes de Leão publicou um primeiro estudo filológico sobre as origens da sua língua materna através da sua obra *Origem da Lingoa Portvgvesa* (1606). Embora nem todas as suas explicações etimológicas sejam, em última análise, adequadas à luz das últimas descobertas da linguística moderna (como Machado 1945 prova em vários exemplos), esta obra deve ser considerada uma das mais importantes precursoras da investigação etimológica e da linguística comparativa em Portugal.

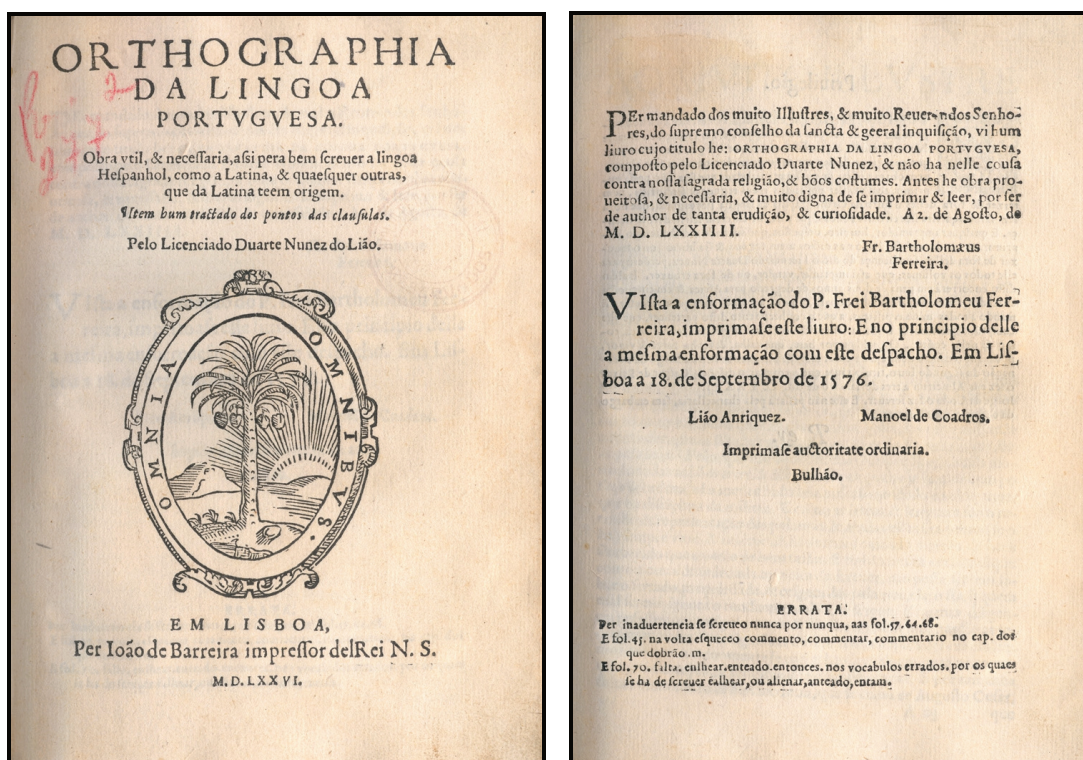


Leão (1606: fol. [1r]).

Para além da primeira edição, com os seus [4], 149 fólios, cuja impressão foi encomendada pelo próprio autor, esta importante obra foi reeditada várias vezes, a partir de finais do século XVIII. A segunda edição do conjunto, que foi publicada em 1784, passou a ser intitulada *Origem, e Orthographia da lingua portugueza: Obra util, e necessaria, assim para*

bem escrever a lingua Portugueza, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem: Com hum Tractado dos Pontos das Clausulas. Sob o mesmo título também se publicou a terceira edição corrigida de 1864. Em 1945, a *Origem* foi publicada numa quarta edição por José Pedro Machado, seguida de uma quinta edição, novamente em conjunto com a *Orthographia* (Leão 1983). Finalmente, Leonor Buescu publicou ainda uma seleção de excertos desta obra na conhecida coleção «Clássicos portugueses: trechos escolhidos» da Livraria Clássica Editora (Leão 1975a).

1.4 A *Orthographia* (1576) de Duarte Nunes de Leão



Leão (1576: fols. [1r] e [2r]).

A acreditar nas licenças das duas obras, a *Orthographia da lingoa portvgvesa* (1576) parece ser anterior às *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa* do bracarense Pero de Magalhães de Gandavo (fl.1574-1576). Na verdade, os pareceres da Inquisição das duas ortografias quinhentistas, ambos da autoria do famoso censor régio d'*Os Lusíadas*, o dominicano Frei Bartolomeu Ferreira (fl.1571-1605; cf. Anastácio 2012: 30), datam do ano de 1574: o do livro de Leão é de 1 de agosto de 1574, o do opúsculo de Gandavo é de 8 de outubro de 1574. São, porém, as datas da licença da Inquisição que divergem: para o opúsculo de Gandavo a licença foi concedida imediatamente a seguir, no dia 9 de outubro de 1574. Mas Leão, apesar de ser

oficial da Casa da Supplicação, teve de esperar mais de dois anos, até ao dia 18 de setembro de 1576, para receber o tão esperado *placet* censório.¹⁰

Não há dúvida, porém, de que o tratado metaortográfico de Duarte Nunes, de [4], 78 fólhos em formato *in-4.º* (com uma altura de 20 cm), só foi acabado de ser impresso em finais de 1576 em Lisboa pelo tipógrafo João de Barreira, o que faz com que seja, *de facto*, a segunda obra desta natureza a ser publicada em Portugal.

Entre estas duas obras quinhentistas observam-se, enfim, divergências fundamentais que provavelmente se devem ao facto de os autores destinarem as suas obras a um público-alvo diferente.¹¹

Na sua totalidade, as edições e reimpressões desta obra apresentam-se como se segue:

- (¹1576): *Orthographia da lingoa portvgvesa: Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem*, ¶ *Item hum tractado dos pontos das clausulas*, Pelo Licenciado Duarte Nunes do Lião, Em Lisboa: Per João de Barreira impressor delRei N.S.
- (²1784): *Origem, e Orthographia da lingua portugueza: Obra util, e necessaria, assim para bem escrever a lingua Portuguesa, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem: Com hum Tractado dos Pontos das Clausulas*, Por Duarte Nunes de Liaõ, Desembargador da Casa da Supplicação, &c., Nova Edição Correcta, e emendada, Lisboa: Na Typografia Rollandiana.
- (³1864): *Origem, e Orthographia da lingoa portugueza: Obra util, e necessaria, assim para bem escrever a lingua Portuguesa, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem, com hum tractado dos pontos das clausulas*, Por Duarte Nunes do Leão, Desembargador da Casa da Supplicação, &c., Nova Edição Correcta, e emendada, conforme a de 1784, Lisboa: Typographia do Panorama.
- (⁴1983): *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*, Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (temas portugueses).
- (⁵2002): Tōru Maruyama: *Keyword in Context Index of the Orthographia da Lingoa Portuguesa (1576) by Duarte Nunez do Lião*, Nagoya: Department of Japanese Studies, Nanzan University.

¹⁰ O parecer e a licença originais não constam das edições posteriores. Foi Nagel (1969: 132) que justamente alertou para este facto.

¹¹ Tendo ainda em conta as exposições mais sucintas de Gandavo, de Fernão de Oliveira (ca. 1507-1580/81) na *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) e de João de Barros (ca. 1496-1570/71) na *Grammatica da lingua Portuguesa* (1540), parece que se legitima a afirmação de Winkelmann (1994: 483) quando refere que a obra de Leão é «das vollständigste orthographische Regelwerk des 16. Jh. [...]» [o mais completo conjunto de regras ortográficas do século XVI; tradução RK].

Apesar de lhe ter sido concedido um alvará de privilégio por dez anos com data de 3 de janeiro de 1576 (Leão 1576: fol. 2v), não houve mais nenhuma reedição no período de vida do autor. Também não houve qualquer reedição seiscentista, o que poderá ter a ver com o facto de outros tratados metaortográficos seiscentistas, sobretudo a *Ortografia da lingua portvgueza* (1671) de João Franco Barreto (1600-apos 1674), terem aprofundado as considerações metaortográficas de Leão dentro das suas obras. Assim, com uma reedição por século desde 1784, a *Orthographia* de Duarte Nunes de Leão teve, até agora, um total de cinco edições.

Desde finais do século XVIII, as reedições em forma da *Nova Edição Correcta, e emendada* (Leão 1784: [III]) juntaram as duas obras metalinguísticas de Leão num só volume, no qual o tratado metaortográfico, apesar de ter sido publicado trinta anos antes das *Origens*, foi relegado para o segundo lugar dentro do conjunto. O texto da segunda edição foi reproduzido em 1864 e cremos que não sofreu alterações significativas, como veremos adiante.¹²

Com base na *editio princeps*, a estrutura da *Orthographia da lingoa portvguesa* de Leão pode ser representada da seguinte forma:

fólios	conteúdo
[1r]	[rosto]
[1v]	[página em branco]
[2r]	[licenças] e ERRATA
[2v]	Priuilegio.

¹² Todo o texto, excluído o «Prólogo do Editor d'esta Edição» (Leão 1864: [III]), apresenta fenómenos gráficos que se registam apenas até inícios do século XIX, e que já não eram usuais em 1864. Mencionamos apenas dois aspetos: a) a colocação do til no ditongo nasal [ẽ̃] que, em vez de surgir na primeira vogal <a>, frequentemente surgia no <-o>, i.e. <-aõ>; b) a forma verbal *he*, que em 1864 já era normal escrever <é>. Mantendo algumas características típicas da *editio princeps*, como a grafia <sC-> ou as formas com <-o-> (*lingoagem*, *lingoa*), o texto de 1784 pouco diverge do texto de 1864, no qual é habitual a grafia moderna <esC-> e com <-u->, respetivamente (*linguagem*, *lingua*). São, porém, desfeitas nas edições posteriores as grafias com til onde este, no texto de 1576, ocasionalmente substitui uma consoante nasal em falta.

fólios	conteúdo
[3r-4v]	AO MVITO ILLVSTRE E GENEROSISSIMO SENHOR LOVRENÇO DA SYLVA DO CONSELHO D'ELREI NOSSO SENHOR, E REGEDOR, ° da justiça deste Regno. O <i>Licenciado</i> DVARTE NUNEZ DO LIÃO.
1r-1v	Da diffinição da Orthographia, & da Voz.
1v-25r	Das letras, & de sua diuisão & natureza.
25r-26r	DA AFFINIDADE, QVE algũas letras teem entre si, & como se conuertem hũas em outras.
26v-32r	DOS DIPHTHONGOS da lingoa Portuguesa.
32v-33r	DAS SYLLABAS, E DIÇÕES.
33r-34v	DAS LETRAS EM QVE AS syllabas podem acabar no meo das dições.
35r	DAS LETRAS, EM QVE SE PODEM acabar as dições da lingoa Portuguesa.
35v-36v	DA DIVISÃO DAS DIÇÕES, E como se deuem separar as syllabas.
37r-38r	DAS LETRAS, QVE SE PODEM ajuntar a outras, na composição das syllabas.
38r-38v	DA DIVISÃO DAS DIÇÕES compostas.
38v-40v	DAS LETRAS, QVE SE dobrão nas dições.
41r-48v	DAS DIÇÕES, QVE DOBRÃO as letras.
48v-50v	DAS LETRAS QVE SE ASPIRÃO.
51r-62v	REGRAS GEERAES Da orthographia da lingoa Portuguesa.
63r-65v	DA OBSERVAÇÃO Dos articulos, & como se deuem screuer.
66r-67r	DOS ACCENTOS, E QVANDO Os deuem os vsar na scriptura.
67r-68r	DOS APOSTROPHOS
68r-69r	DAS ABBREVIATVRAS.
69v-71v	REFORMAÇÃO DE algũas palauras que a gente vulgar vsa & screue mal.
72r-74r	VOCABVLOS QUE Screuendose com differentes letras, teem differente significação
74r-78v	TRACTADO DOS Pontos das clausulas, & de outros que se põem nas palauras, ou orarão.

Esta obra tem 21 capítulos. Mesmo assim, o segundo capítulo ocupa quase um terço de toda a obra. De resto, observa-se que a obra sistematiza na sua essência todos os aspetos que modernamente estaríamos a esperar de um tratado metaortográfico propriamente dito. Ao contrário, portanto, do que acontecera nas *Regras* de Gandavo (1574), Leão dedica-se somente à ortografia, prescindindo de considerar outros tópicos quinhentistas, como o louvor da língua, entre outros.

2 As principais ideias ortográficas de Duarte Nunes de Leão¹³

2.1 Vocalismo

Leão distingue-se dos seus precursores no que afirma sobre as vogais, tendo em conta que procura uma aproximação às línguas clássicas, ao latim e ao grego. Assim, não encara as realizações abertas e fechadas de <a, e, o> como sons diferentes, mas como 'acentos', isto é, ocorrências 'acidentais' como é o caso das vogais longas e breves (Leão 1576: fols. 2v., 6r. e 14r.). Assumindo a postura de que estas ocorrências seriam sub-realizações do mesmo fenómeno, é coerente ao constatar que não se devem representar por grafemas próprios ou através da duplicação de grafemas. Leão admite o uso de sinais diacríticos, acentos gráficos, que só devem ser empregues em palavras homógrafas:¹⁴ estes são os acentos agudo, circunflexo (e grave).¹⁵ Desta forma, são muito raras as palavras acentuadas graficamente. Se por um lado evita o uso do acento pela confusão que criaria, por outro não prescinde do apóstrofo: Leão (1576: fol. 55r) acha 'cousa fea' a grafia resultante da

¹³ O presente capítulo constitui uma versão revista dos capítulos 3.2.2.1 e 3.2.2.2 de Kemmler (2001: 177-187). Para referências adicionais relativas a Leão e à sua obra, cf. Augusto / Kemmler / Assunção (2015). Para publicações não consideradas nesta ficha com levantamento bibliográfico, veja-se ainda Bastos / Palma (2017), Módolo / Negro (2017) e Pereira (2011).

¹⁴ Leão (1576: fol. 17v): «Soomente deuemos accentuar as dições, em que pode hauer differença de significação, quando teem differente accentto, como, côr, por color, que screueremos com accentto circunflexo, & cor pór vontade com agudo».

¹⁵ Leão (1576: fol. 17v) realça, porém, que o acento deve ser prosódico e não gráfico: «Deuenos por tanto ficar por regra, que pois a differença consiste no accentto, & não na scriptura [...]». Mesmo que pareça querer abolir as noções de aberto / fechado e grande / pequeno ao propor o seu sistema de acentos, achamos que não consegue libertar-se totalmente do conceito de timbre: na prática, são os acentos agudo e circunflexo que *de facto* representam vogais abertas e fechadas, ao passo que o acento grave fica sem aplicação.

elisão das preposições *de* e *em* com a vogal inicial da palavra que se segue (*a cidade deuora, anel douro, delle, neste, naquelle*). Em vez disso, Leão (1576: fol. 55r-55v) prefere antes que se use o apóstrofo, para assim indicar a elisão (*a cidade d'Euora, anel d'ouro, d'elle, n'este, n'aquelle*).

É digno de destaque que Leão considere necessária a grafia das vogais duplas em hiato para indicar que foi sincopada uma consoante intervocálica (Leão 1576: fols. 41v-44r, 46v). Lamentavelmente, não podemos concluir a partir deste facto se ele considerava que os hiatos etimológicos (ainda) eram pronunciados ou não.¹⁶ O mesmo convém dizer de <aa>, encontro da preposição *a* e do artigo feminino *a*, do qual já Fernão de Oliveira notara o timbre aberto [a] (em vez da ocorrência seguida de duas vogais fechadas).¹⁷

Seguindo a definição de que todo o conjunto de duas vogais que forma apenas uma sílaba seria ditongo, Leão considera como ditongos as combinações <ãa, ãe, ai, ão, au, êe, ei, eu, ij, oa, oi, õe, õo, ou, ui, ûu>. Entre estas dezasseis combinações de vogais, temos sete ditongos decrescentes <ai, au, ei, eu, oi, ou, ui>, um ditongo crescente <oa>, três ditongos nasais decrescentes <ãe, ão, õe>¹⁸ e cinco vogais nasais em hiato <ãa, êe, ij, õo, ûu>. Observa-se que, colocando de parte o caso das vogais nasais em hiato, este sistema não se encontra muito longe do existente no português contemporâneo. Contudo, o autor não deixa de notar que, muitas vezes existem combinações vocálicas, que, sendo hiatos, parecem ser ditongos. Nestes casos (*rainha, saúde, Deíphobo, ceúmes, soidade, Luis*, cf. Leão 1576: fols. 27v, 30v, 31r, 31v, 32r), algumas vezes prefere o uso do acento agudo nas formas em questão. É interessante que Leão (1576: fol. 32r) exclua expressamente as variantes gráficas <ae> *amae* = *amai*, <ao> *pao* = *pau*, <ea> *cea* = *ceia*, <eo> *ceo* = *céu*, <ia> *Maria*, <ie> *frieira*, <io> *rio*, <oë> *poëta*, <üa> *rua*, <üe> *crueza*, <üo> *nuo*, <üu> *muu* = *mu* do número dos

¹⁶ Dado que já João de Barros previa a fusão gráfica de vogais em hiato, parece-nos mais provável que a manutenção gráfica do mesmo aqui prevista por Leão não seria mais do que uma manifestação de uma atitude etimologizante.

¹⁷ Se bem que já Fernão de Oliveira (1536: fol. 31v) fale de 'a grande' no dativo do artigo feminino, é de constatar que Leão (1576: fol. 42r) é o primeiro 'linguista' português a pronunciar-se de maneira explícita sobre a natureza deste encontro vocálico.

¹⁸ Parece-nos interessante que Leão (1576: fols. 29v-30v), a fim de dar a conhecer a forma correta do plural das palavras, cujo singular termina em <-ão>, não se referira aos étimos latinos (-ANOS, -ANES, -ONES). Em vez disso, o ortógrafo invoca a analogia com as formas castelhanas (cast. *capitanes, ciudadanos, opiniones* > port. *capitães, cidadãos, opiniões*).

ditongos. Algumas destas combinações são alógrafos de ditongos já considerados, outras são ditongos crescentes, mas também vogais em hiato.

2.2 A grafia de <i, j, y> e <u, v> vocálicos, semivocálicos e consonânticos

No tratamento de <j, v>, ou seja, daquilo que seriam as fricativas sonoras [ʒ], [v], Leão não nos apresenta novidades. Embora reconheça as três realizações vocálica, consonântica e semivocálica de <i, u>, é só para a chiante consonântica [ʒ] (para a qual constata que se encontra em oposição fonológica com /g^{e,i}/)¹⁹ que Leão coerentemente usa o grafema consonântico <j>.

No caso da fricativa [v], é só no início da palavra que Leão grafa <v>, no interior usa sempre <-u>. Já ficou claro no tratamento dos ditongos que a ortografia nunesiana prevê a abolição total de <y> como representação da semivogal [j], limitando o uso deste grafema exclusivamente a palavras de origem grega.

2.3 Consonantismo

Quanto às sibilantes, não se verificam grandes problemas para Duarte Nunes de Leão.²⁰

Um traço típico da ortografia nunesiana é o facto de ele excluir categoricamente o <e> protético dos grupos <sC->, como em *studo*, *screuer*, *statua* (Leão 1576: fols. 54r-54v). Outro aspeto interessante é a grafia do pronome reflexivo enclítico. Leão ataca os que dobravam o <s-> inicial do pronome *se*, que se juntava à vogal final da forma verbal precedente (*digasse*,

¹⁹ Leão (1576: fols. 9r-10r). Teyssier (1994: 154) afirma que no tempo do nosso ortógrafo os grafemas <j^{e,i}> e <g^{e,i}> já representavam o som [ʒ], tendo já perdido o elemento oclusivo da antiga africada [dʒ].

²⁰ É verdade que, na Regra XVI, Leão (1576: fols. 57v.-59v) dedica muito espaço a questões de distinção entre os grafemas <z> e <c, ç>. Parece mesmo que, para o autor, o antigo sistema das sibilantes / africadas ainda existe na 'letra' <c>: «Porque como dixe na letra .C. he pronunciação mui alhea» (Leão 1576: fol. 58r). Será que este 'som alheio' por ele referido pode ser uma africada? Mais provável parece, como afirma Teyssier (1994: 155), que se possa tratar da interação entre as tradições gráfica e etimológica, já que, como vimos nos precursores de Leão, a confusão acerca da grafia das sibilantes era uma realidade da época.

façasse, passesse).²¹ Em vez disso, Leão (1576: fols. 54v-55r) prefere que o pronome seja escrito separadamente e com uma só consoante (*diz se, passe se, póde se*), tal como se faz nos casos da próclise (*se ama*).

Para as consoantes oclusivas das palavras abaixo indicadas, às quais Leão, na maioria dos casos, parece atribuir uma origem latina <QU>, Leão (1576: fol. 56v) propõe a grafia etimologizante com <qu->: *qualidade* (<QUALITATE-); *quantidade, quântia* (<QUANTITATE-); *nunqua* (<NUNQUAM), *cinquo* (<QUINQUE); *qua* (<QUIA; isto é, a antiga conjunção *ca*); *aquola* (<*ECCU-ILLAC); *quomo* (<*QUOMO).²²

Considerando a atitude etimologista de Leão, não surpreende que o <h> se encontre não só nos dígrafos <ch, lh, nh>, mas também nos dígrafos gregos <ph, rh, th>,²³ e sobretudo sempre que for justificado pela etimologia (*homem, honra*):

Porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronũciarmos, he porem necessaria, para guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conhecer a origem, & etymologia dos vocabulos, & para differença delles: como fazem os Frãceses, q̃ muitas letras não pronũcião perfectamẽte, em algũas palauras, & em outras as não pronunciaõ de maneira algũa, & todauia as screuem, para entendimento das palauras na scriptura, & para se saber a origem dellas (Leão 1576: fols. 7v-8r).

Outro aspeto muito típico da orientação etimologizante do nosso autor é a questão da grafia das consoantes duplas e dos grupos de consoantes. Leão distingue as ocorrências de consoantes duplas em vários acidentes: 'per natureza' (as consoantes dobradas são próprias do étimo latino) p.ex. *gitta, cavallo*; 'per derivação' (se o lexema-base tem consoantes duplas, as formas derivadas igualmente têm-nas: p. ex. *terra, terreno, terrestre, enterrar, terreiro*, etc.; 'per significação' (como os sufixos diminutivos no latim -ELLUS, -ILLUS e no italiano -etto, -otto), p.ex.

²¹ Veja-se Leão (1576: fol. 55r): «A qual particula, se, deuemos screuer separada, & per hum .s. no que vulgarmẽte os mais errão, & dizem, digasse, façasse, passesse, não attentando, que alterão assi as syllabas na quãtidade, & mudão o accento, & de duas dições fazẽ hũa, & causão confusão no significado».

²² Como no caso das outras formas que demos, esta informação foi recolhida do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* de Ferreira (1993: 438), no qual se diz tratar-se da «[...] forma apocopada de quomodo» do latim vulgar.

²³ Não deixa de ser curioso que Leão (1576: fols. 48v-50v), atribua aos dígrafos <ch, ph, rh, th> em palavras de origem greco-latina o valor de aspiração (isto é, quando <ch> não representa a africada palatal [tʃ] das palavras vernáculas). Parece, porém, mais provável que esta noção de aspiração só sirva para justificar os dígrafos etimológicos e não para chamar a atenção para uma realidade fonética.

pequenette, camarotte; 'per corrupção' (o resultado da evolução de uma palavra [por assimilação] recebe duas consoantes), p. ex. IPSE & IPSUM > *esse*; *isso*, MORI > *morrer*; 'per variação' (consoantes dobradas como sinal morfológico para certas formas verbais e plurais de substantivos), p. ex. *amasse, couil* > *couijs*; 'per composição' (na prefixação com as preposições latinas AD, EX, IN, OB, CON, DIS, SUB, a consoante seguinte fica dobrada e perde-se a consoante do prefixo), p. ex. *afforar, effectuar, immouel, oppoer, corromper, differir, sucorrer* (Leão 1576: fols. 38v-40v). Para explicitar ainda mais o exposto nestas regras, Leão (1576: fols. 41r-48v) consagra bastante espaço a exemplos nos quais considera que se podem dobrar as letras (sejam de natureza vocálica ou consonântica).

Entre os autores de tratados metaortográficos históricos, Leão é o primeiro autor a tornar evidente que a escrita dos grupos consonânticos etimológicos (com elementos ora proferidos, ora não) coloca problemas. Baseado no princípio de escrever como se fala e falar como se escreve, prevê a grafia do grupo consonântico em palavras que não sofreram *corrupção* (*insigne, significar*) e o respeito da forma *corrupta*,²⁴ i.e. de uma palavra que sofreu mudanças fonológicas (*feito, contar, não fecto, comptar*). Mais problemáticos são os casos em que Leão não vê nenhuma corrupção (*officio, cauallo*) e aqueles para os quais constata a existência de formas duplas (*doctor, doctrina, perfecto* e *doutor, doutrina, perfeito*). Nestes últimos casos, Leão (1576: fol. 52r-52v) prefere a forma grafada com <-c->, mas admite que cada um possa escrevê-la como a pronuncia.

A última regra apresentada por Leão é para si a primeira, isto é, a mais importante: trata-se da exortação de investigar sempre a etimologia, porque só ela poderia ser a base de uma boa ortografia. No imaginário do ortógrafo, portanto, só através desta ortografia etimologizante é que se poderia reconhecer a etimologia de uma dada palavra (julgamos, enfim, por causa da imagem ideográfica que as palavras transmitem).²⁵

²⁴ Leão (1576: fol. 51v): «Polo ã nos fique por regra, ã aa commũ pronunciação, não accrescêtemos, nem diminuamos, nem mudemos letra algũa. Mas que na scriptura sigamos corrupção dos vocabulos corruptos, & não a origẽ [...]».

²⁵ Leão (1576: fol. 61v). Convém sublinhar que a adesão de Leão à grafia etimologizante não é incondicional. Parece de facto contraditório, mas segundo o autor, o argumento mais importante é a pronúncia (Regra I; Leão 1576: fol. 51r), pelo que a etimologia só tem direitos onde não entra em contradição com a pronúncia. Mesmo assim, nota-se na prática que a etimologia domina as suas considerações, mesmo que o autor se mostre muito preocupado com evitar abusos 'pseudoetimológicos' (Regras III-VI; cf. Leão 1576: fols. 51r-54v).

Como o seu precursor, Leão também se refere à maiusculação. Mas é na pontuação que vai muito para além do que a este respeito faz Gandavo. Por outro lado, a sua obra ainda contém, pela primeira vez na tradição metaortográfica portuguesa, um catálogo de *erratas* e *emendas*²⁶ e uma espécie de listagem de palavras homógrafas, iniciando assim uma tradição dentro do género textual metaortográfico, que nos acompanhará pelo menos até ao século XIX.²⁷

2.4 Definições

Em seguida iremos apresentar e discutir as definições que nosso ortógrafo oferece dos conceitos de 'ortografia', 'letra' e do 'alfabeto'. Neste âmbito, julgamos oportuno aproveitar a ocasião para não só comparar as edições entre elas, mas também permitir uma leitura da sua realização gráfica.

É por isso que faremos a nossa comparação entre o texto da *edição princeps* e as duas edições mais recentes, que, intencionalmente ou não, tentam ser não só fiéis ao texto original, mas também o são quanto às normas ortográficas vigentes nas respetivas épocas dos editores. Convém dizer, antes de mais nada, que todas as reedições são provenientes de duas épocas ortograficamente distintas, ao passo que o *Keyword-in-Context-Index* de Tōru Maruyama (2010) respeita grafia da primeira edição.

Para iniciar, é muito interessante o que afirma o editor da segunda edição de 1784 sobre a fixação gráfica do texto das duas obras no âmbito da «Nova Edição Correcta, e emendada» (Leão 1784: [III]):

²⁶ Seguindo o padrão de Leão, a confrontação de erratas e emendas será retomada por Barreto (1671), encontrando o seu expoente máximo nas ortografias setecentistas de Feijó (1734) e Monte Carmelo (1767). Procópio (2014) chama este tipo de texto paralexiconográfico de cunho nunesiano o «Appendix Probi Português».

²⁷ Deixando de lado o facto de que algumas questões vieram a encontrar soluções diferentes na tradição posterior, parece-nos acertada a opinião de Buescu (1971: 41): «A ortografia de Nunes de Lião apresenta uma feição surpreendentemente moderna e não difere substancialmente da que foi utilizada até às reformas ortográficas do nosso século».

A sua escasseza, e raridade inquietava os Doutos; e eu, attendendo a isso repito nesta Edição as ditas Obras taes, quaes haviaõ impresso, e publicado em tempo do seu Author; nada se lhe alterou, nem mudou da mão original; conserva-se do mesmo modo o seu Texto, não só em quanto á Orthographia, mas até em quanto á sua mesma Pontuação; houve hum indizivel escrupulo nesta Edição, para que representando a antiga, ainda que em diverso anno, fosse sempre uniforme, e a mesma; para que os Sabios não tivessem o desagrado de buscarem sempre a antiga, não obstante haver esta Reimpressaõ (*Prologo do Editor*, em Leão 1784: VI).

Como se poderá ver adiante através da comparação de trechos das primeiras quatro edições, a grafia da segunda edição aproxima-se muito da *editio princeps*, embora se possam registar algumas leves alterações. Se bem que na 3.^a edição também existem algumas ligeiras modificações, este texto mantém-se relativamente fiel à primeira edição. De maneira diferente, procede Buescu in Leão (1983: 39-40): a autora apresenta um amplo catálogo de critérios de atualização. Na realidade, a maior parte do texto foi modernizada, facto este que faz com que esta edição não possa hoje servir como base textual para estudos de natureza grafemática ou afins.²⁸

Atentemos, de seguida, às definições dos conceitos de 'ortografia', 'letra' e 'alfabeto' que são apresentados nas várias edições. Ao considerarmos as observações do parágrafo anterior, optámos por comparar o texto da *editio princeps* quinhentista com a edição mais recente de 1983 que foi estabelecida por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Por outro lado, comparam-se as edições históricas de 1784 e 1864, uma vez que a terceira edição declara ser «Correcta, e emendada, conforme a de 1784» (Leão 1864: [I]).

²⁸ Cf. também Winkelmann (1994: 483). O facto de Buescu (em Leão 1983: 51) ter adotado a modificação 'figuras' como aparece em Leão (1784: 156) em vez de 'figura' do texto original (Leão 1576: fol. 1v) leva à pergunta sobre qual teria sido a edição que a autora realmente usou no estabelecimento do texto.

Ortografia

Leão <i>Orthographia</i> (1576: fol. 1r-1v)	Leão <i>Ortografia</i> (1983: 49)
ORthographia he sciencia de bem screuer qualquer lingoagem: porque per ella sabemos, com que letras se hão de screuer as palauras. E diz se de orthos, que quer dizer directo, & grapho, screuo, como se dixeremos sciência de directa mente screuer. E porque as palauras, que são o subjecto desta arte, constão de letras, & as letras de voz, começaremos da diffinição della: E voz não he outra cousa, senão hũa percussão, ou ferimêto do aar; que se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingoa e beiços. E da voz ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inarticulada, ou cõfufa. Articulada se chama, a que sendo ouuida, se entêde & screue: a qual tambem chamão declarada, & intelligiuel. Confusa he a ã não representa mais que hum simplez som, como hum gemido. E da voz articulada, & ã se pode entender, a mais pequena parte, & indiuidua, he letra. Porque das letras cõstão as syllabas, & das syllabas as dições, ou palauras. E por isto se chamão as letras per outro nome elementos. Porque assi como dos elemêtos cõstão todalas cousas, assi dellas, como de principio constão as palauras. Polo que diremos das letras em geeral, & depois de cada hũa em special.	Ortografia é a ciência de bem escrever qualquer linguagem: porque por ela sabemos com que letras se hão-de escrever as palavras. E diz-se de <i>orthos</i>, que quer dizer <i>direito</i>, e <i>grapho</i>, <i>escrevo</i>, como se disséssemos <i>ciência de diretamente escrever</i>. E porque as palavras, que são o sujeito desta arte, constam de letras, e as letras de voz, começaremos da difinição dela. E voz não é outra coisa, senão ãa percussão ou ferimento do ar, que se pronuncia pela boca do animal, e se forma com artéria, língua e beiços. E da voz há duas maneiras, ãa articulada, e outra inarticulada, ou confusa. Articulada se chama a que sendo ouvida, se entende e escreve: a qual também chamam declarada, e inteligível. Confusa é a que não representa mais que um simples som, como um gemido. E da voz articulada, e que se pode entender, a mais pequena parte e indívida, é letra. Porque das letras constam as sílabas, e das sílabas as dicções, ou palavras. E por isto se chamam as letras por outro nome: <i>elementos</i>. Porque, assim como dos elementos constam todas as coisas, assim delas, como de princípio, constam as palavras. Pelo que, diremos das letras em geral, e depois de cada ãa em especial.

Leão <i>Orthographia</i> (1784: 155-156)	Leão <i>Orthographia</i> (1864: 102)
ORTHOGRAPHIA he sciencia de bem screuer qualquer lingoagem: porque per ella sabemos, com que letras se haõ de screuer as palauras. E diz-se de <i>orthos</i>, que quer dizer directo, & <i>grapho</i>, screuo, como se dixeremos sciência de <i>directamente screuer</i>. E porque as palauras, que são o subjecto desta arte, constaõ de letras, & as letras de voz, começaremos da diffinição della. E voz não he outra cousa, senão hũa percussão, ou ferimento do aar; que se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingoa e beiços. E da voz ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inarticulada, ou cõfusa. Articulada se chama, a que sendo ouuida, se entẽde & screue: a qual tambem chamaõ declarada, & intelligiuel. Confusa he a que não representa mais que hum simplez som, como hum gemido. E da voz articulada, & que se pode entender, a mais pequena parte, & indiuidua, he letra. Porque das letras constaõ as syllabas, & das syllabas as dições, ou palauras. E por isto se chamaõ as letras per outro nome elementos. Porque assi como dos elemẽtos constaõ todas as cousas, assi dellas, como de principio constaõ as palauras. Polo que diremos das letras em geeral, & depois de cada hũa em special.	ORTHOGRAPHIA he a sciencia de bem escreuer qualquer linguagem: porque per ella sabemos, com que letras se haõ de escreuer as palauras. E diz-se de <i>orthos</i>, que quer dizer directo, & <i>grapho</i>, escreuo, como se dixeremos sciencia de <i>directamente escreuer</i>. E porque as palauras, que são o subjecto desta arte; constaõ de letras, & as letras de voz, começaremos da diffinição della. E voz não he outra cousa, senão hũa percussão, ou ferimento do aar, que se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingoa e beiços. E da voz ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inarticulada, ou confusa. Articulada se chama, a que sendo ouuida, se entende & escreue: a qual tambem chamaõ declarada, & intelligiuel. Confusa he a que não representa mais que um simplez som, como hum gemido. E da voz articulada, & que se pode entender, a mais pequena parte, & indiuidua, he letra. Porque das letras constaõ as syllabas, & das syllabas as dicções, ou palauras. E por isto se chamaõ as letras per outro nome elementos. Porque assi como dos elementos constaõ todas as cousas, assi dellas, como de principio constaõ as palauras. Polo que diremos das letras em geeral, & depois de cada hũa em special.

Letra

Leão <i>Orthographia</i> (1576: fol. 1 v)	Leão <i>Ortografia</i> (1983: 51)
LEtra he voz simplez, que se nota com hũa figura soo, como .<i>a.</i> ou .<i>b.</i> E diz se letra de <i>lego</i>, <i>legis</i>, & de <i>iter</i>, q̃ quer dizer caminho: porq̃ abre caminho ao que lee. Estas letras são mais, ou menos, segũdo as lingoas: porque segũdo suas pronunciações hũas teem menos, & outras mais. Mas como nossa lingua Portuguesa na origẽ & semelhança, seja Latina, teemos em figura as mesmas letras, q̃ os Latinos teem: posto que tenhamos mais algũas pronunciações, que suprimos com as dictas letras: de que adiante faremos menção.	Letra é voz simples, que se nota com ãa figura só, como <i>a</i> ou <i>b</i>. E diz-se letra de <i>lego</i>, <i>legis</i>, e de <i>iter</i>, que quer dizer <i>caminho</i>: porque <i>abre caminho ao que lê</i>. Estas letras são mais ou menos, segundo as línguas, porque, segundo as suas pronúncias ãas [falta: têm] menos, e outras mais. Mas como nossa língua portuguesa na origem e semelhança, seja latina, temos em figuras as mesmas letras que os latinos têm, posto que tenhamos mais algũas pronunciações, que suprimos com as ditas letras, de que adiante faremos menção.
Leão <i>Orthographia</i> (1784: 156)	Leão <i>Orthographia</i> (1864: 102-103)
LETRA he voz simplez, que se nota com hũa figura soo, como, <i>a.</i> ou .<i>b.</i> E diz-se letra de <i>lego</i>, <i>legis</i>, & de <i>iter</i>, que quer dizer caminho: porque abre caminho ao que lee. Estas letras são mais ou menos, segundo as lingoas: porque segundo as suas pronunciações hũas teem menos, & outras mais. Mas como nossa lingua Portuguesa na origem & semelhança, seja Latina, teemos em figuras as mesmas letras, que os Latinos teem: posto que tenhamos mais algũas pronunciações, que suprimos com as dictas letras: de que adiante faremos menção.	LETRA he voz simplez, que se nota com hũa figura soo, como, <i>a.</i> ou .<i>b.</i> E diz-se letra de <i>lego</i>, <i>legis</i>, & de <i>iter</i>, que quer dizer caminho: porque abre caminho ao que lee. Estas letras são mais ou menos, segundo as lingoas: porque segundo as suas pronunciações hũas teem menos, & outras mais. Mas como nossa lingua Portuguesa na origem & semelhança, seja Latina, teemos em figuras as mesmas letras, que os Latinos teem: posto que tenhamos mais algũas pronunciações, que suprimos com as ditas letras: de que adiante faremos menção.

Alfabeto

Leão <i>Orthographia</i> (1576: fols. 1v-2v)	Leão <i>Ortografia</i> (1983: 51)
E as letras são estas. a.b.c.d.e.f.g.h.i.K.l.m.n.o.p.q.r.s.t.u.x.y. z. que são .xxij. tirãdo .h. que não he letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciaçãõ d'alguãs letras. [...] Alem destas letras teemos mais quatro em pronũciaçãõ, posto que não em figura, que são .ç.ch.lh.nh. das quaes vsamos, accrescẽtando aa primeira hũ signal de differẽça do .c. cõmum, & aas outras .h. nota de aspiração, para supprir as figuras das dictas letras, de que carecemos.	E as letras são estas: a. b. c. d. e. f. g. h. i. k. l. m. n. o. p. q. r. s. t. u. x. y. z. que são 22, tirando h, que não é letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciaçãõ de alguãs letras. [...] Além destas letras temos mais quatro em pronunciaçãõ, posto que não em figura, que são: ç. ch. lh. nh., das quais usamos, acrescentando à primeira um sinal de diferença do c comum, e as outras, h nota de aspiração, para suprir as figuras das ditas letras, de que carecemos.
Leão <i>Orthographia</i> (1784: 156-158)	Leão <i>Orthographia</i> (1864: 103-104)
E as letras são estas. a.b.c.d.e.f.g.h.i.k.l.m.n.o.p.q.r.fs.t.u.x.y.z . que são .xxij. tirando .h. que não he letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciaçãõ d'alguãs letras. [...] Alem destas letras teemos mais quatro em pronunciaçãõ, posto que não em figura, que são .ç.ch.lh.nh. das quaes vsamos, accrescẽtando aa primeira hũ signal de differẽça do .c. commum, & aas outras .h. nota de aspiração, para supprir as figuras das dictas letras, de que carecemos.	E as letras são estas .a. b. c. d. e. f. g. h. i. k. l. m. n. o. p. q. r. s. t. u. x. y. z. que são xxij. tirando .h. que não he letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciaçãõ de alguãs letras. [...] Alem destas letras teemos mais quatro em pronunciaçãõ, posto que não em figura, que são .ç. ch. lh. nh. das quaes vsamos, accrescentando aa primeira hum signal de diferença do .c. commum, & aas outras .h. nota de aspiração, para supprir as figuras das dictas letras, de que carecemos.

Verifica-se que de entre os quatro textos o que mais difere dos outros três é o da quarta edição de 1983. A razão desta divergência está em cinco das seis reformas na norma ortográfica portuguesa no século XX (levadas a cabo em 1911, 1920, 1933, 1945, 1973 e 1990), nas quais se baseia esta edição mais recente. Ao comparar alguns fenómenos encontrados nas reedições setecentista e oitocentista, não podemos deixar de observar que,

embora os editores quisessem representar escrupulosamente a ortografia 'antiga' do jurisconsulto quinhentista, não o conseguiram totalmente. Há muitos fenómenos gráficos que os dois editores mantiveram, mas noutros divergiram sem justificá-lo:

- a) na grafia do ditongo nasal [ẽʊ], que em 1576 (como depois) se grafava <-ão>, a edição setecentista passa a usar <-aõ>;
- b) os ditongos decrescentes [wa], [wɐ], que em 1576 e 1784 ainda se encontravam representados por <oa>, passaram, em 1864, a ser grafados <ua>, como em *lingoagem*, *lingua* > *linguagem*, *lingua*;
- c) o grupo consonântico nunesiano <sC->, que em 1576 mantém a imagem gráfica do étimo latino SCRIBERE > *screuer*, é reproduzido, na edição de 1864, com o <e-> protético *escreuer*, etc.;
- d) as formas verbais enclíticas e os advérbios em <-mente>, que eram escritos como palavras separadas, encontram-se juntos a partir da segunda edição (*diz se*, *directa mente* > *diz-se*, *directamente*);
- e) foi reduzida, nas edições de 1784 e 1864, a função do til para abreviar qualquer som nasal no texto impresso, fenómeno muito usado na *editio princeps* (*cõstão* > *constaõ* [>¹⁹⁸³ *constam*]);
- f) em 1576 e 1784 usava-se por norma o chamado 's longo' alográfico <f-, -ff-, -f-> em vez do <s-, -s-, -ss-> (ou 's redondo') nas posições inicial e intervocálicas, enquanto a partir de 1864 deixa de surgir por ter desaparecido da tipografia contemporânea;
- g) o facto de as edições posteriores destacarem com letra itálica uma escolha de palavras estrangeiras ou termos importantes não nos parece relevante do ponto de vista ortográfico, senão tipográfico: trata-se da questão da apresentação gráfica do texto.

As definições de Duarte Nunes de Leão movimentam-se dentro do que conhecemos da tradição ibero-românica e latina: a definição 'sciência de directa mente screuer' é muito parecida ao que definira o gramático espanhol Elio Antonio de Nebrija (1441-1522), na sua *Gramática sobre la lengua castellana* de 1492.²⁹ Seria, porém, interessante saber de onde provém a noção de a ortografia ser a 'sciencia de bem screuer qualquer lingoagem', portanto, a da universalidade de ortografia como tal. Mas é

²⁹ Cf. Nebrija (1492: fol. 4 r): «[...] La primera los griegos llamaron orthographia: ã nos otros podemos nombrar en lengua romana sciência de bien τ derecha mente escriuir. A esta esso mesmo pertenece conocer el numero τ fuerça delas letras y por que figuras se an de representar las palabras τ partes dela oracion».

através da definição da 'voz', bastante convencional, que concluímos que Leão, nas suas definições, se movimenta muito dentro da tradição gramaticográfica latina. Esta noção fica ainda mais clara quando vemos a definição da letra que parece uma tradução literal da definição «Littera est vox simplex una figura notabilis» do gramático latino Mário Vitorino (séc. IV; cf. Victorinus 1967: 67).

A referência às línguas que, conforme os sons nelas existentes, teriam mais ou menos letras (isto é, do que o latim) é, pois, típica para Leão, especialmente quando realça que o português, tendo derivado do latim, deve possuir o mesmo inventário grafemático. Desta maneira, o ortógrafo mantém o alfabeto 'clássico' de vinte e três grafemas (menos <h> que só seria aspiração). Já os dígrafos greco-latinos <ph, th> e os portugueses <ch, lh, nh>, como também <ç>, segundo a sua definição, não seriam 'letras' propriamente ditas, mas seriam 'letras em pronúnciação', o que, no nosso entendimento, seriam grafemas sem estatuto de letras. Leão aparentemente julga lícito servir-se dos dígrafos no vernáculo para representar certos sons, existentes ou não no latim. Com este procedimento, Leão consegue manter-se fiel aos gramáticos latinos, sem, ao mesmo tempo, deixar de atender às necessidades do português.

Se, enfim, é lícito constatar que o início da consideração da origem etimológica na representação gráfica das palavras remonta a Gandavo (1574), é com a *Orthographia* de Leão (1576) que esta preocupação chega a dominar a discussão metaortográfica. Mas o segundo ortógrafo quinhentista não se limita a tentar reconstruir a origem com base nas palavras latinas: quando é útil para as suas explicações, o filólogo quinhentista muitas vezes compara uma dada realização portuguesa com exemplos de outras línguas românicas (castelhano, francês, italiano).³⁰ Pelo menos dentro da tradição metaortográfica portuguesa, esta abordagem filológica, quase linguística, é marcadamente inovadora, pelo que Duarte Nunes de Leão indubitavelmente merece um lugar de destaque entre os primeiros autores de tratados metaortográficos portugueses.

³⁰ Cf. Leão (1576: fol. 29v): «[...] pela analogia, & correspôndencia, de hũas lingoas a outras, podem saber a origem de muitos vocabulos, que per outra maneira não poderião alcançar [...]».

3 Referências bibliográficas

- Anastácio, Vanda (2012): «A lenda dourada de Frei Bartolomeu Ferreira», em: *Convergência Lusitana* 27 (janeiro-junho de 2012: *Sobre Luís de Camões*) ISSN 2316-6134: 28-38, em: <http://rgplrc.libware.net/ojs/index.php/rc/article/view/146> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Antonio, Nicolás (1672, I): *Bibliotheca Hispana sive Hispanorum: qvi vsqvam vnqvamve sive latinâ sive populari sive aliâ quâvis linguâ scripto aliquid consignaverunt Notitia, His qvâ prâcesservnt locvpletior et certior brevia elogia, editorum atque ineditorum operum catalogum, Dvabvs partibvs continens, quarvm haec ordine quidem rei posterior, conceptu verò prior duobus tomis de his agit, qui post annvm secularem MD. usque ad prâsentem diem floruerunt, Tomus primus*, authore D. Nicolao Antonio Hispalensi I.C., Ordinis S. Iacobi Eqvite, patriæ ecclesiæ canonico, Regionum negotiorum in Vrbe & Romana Cura Procuratore generali, Romæ: ex Officina Nicolai Angeli Tinassi.
- Barros, João de (⁴1971): *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*, Reprodução facsimilada, leitura, introdução e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Almeida, M[anuel] Lopes de (1975): «Introdução», em: Leão (1975b: [VII]-XXXVI).
- Augusto, Mónica Sofia Botelho Lima / Kemmler, Rolf / Assunção, Carlos (2015): «3352 – Leão, Duarte Nunes de: *Orthographia da lingua portuguesa*», tradução por Jacqueline Léon, em: *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux: Notices*, em: http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=3352 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Barreto, João Franco (1671): *Ortografia da lingva portvgueza, per Ioam Franco Barretto*, Offerecida ao S^{or} Francisco de Mello, Filho primogenito do S^{or} Garcia de Mello, do Conselho de S.A. & seu Monteyro môr, Em Lisboa: Na Officina de Ioam da Costa; A custa de Antonio Leyte Mercador de Livros, na rua nova.
- Barros, João de (¹1540): *Grammatica da lingua Portuguesa*, Olyssipone: Apud Lodouicum Rotorigiũ Typographum.
- Barros, João de (⁴1971): *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*, reprodução facsimilada, leitura, introdução e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bastos, Neusa Maria Oliveira Barbosa / Palma, Dieli Vesaro (2017): «As ideias linguísticas de Duarte Nunes do Leão: contribuições à gramaticografia em língua portuguesa», em: *Confluência: Revista do Liceu Literário Português* 53 (2.º semestre de 2017) ISSN 1415-7403: 35-56.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1971): «Dois Ortografistas do século XVI», Separata do *Boletim de Filologia* 22 (1964-1973): 33-42.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1977): «A Ortografia de Duarte Nunes do Lião», Separata da *Revista da Faculdade de Letras* 1 (IV série, 1976/77): 253-260.

- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1978): *Gramáticos portugueses do século XVI*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação (Biblioteca Breve, Série Pensamento e Ciência; 18), em: cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e-ciencia/166-166/file.html (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Chagas, Manuel Pinheiro (1881, VIII): *Diccionario popular: historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario*, 8.º vol., Dirigido por Manoel Pinheiro Chagas (Socio effectivo da Academia das Sciencias de Lisboa), Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.
- Feijó, João de Moraes Madureira (¹1734, IV): *Orthographia, ou Arte de Escrever, e pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa, Divide-se em tres Partes, a primeira de cada hũa das letras, e da sua pronunciação, Das vogaes, e Dithongos, Dos accentos, ou tons da pronunciação, A segunda de como se dividem as palavras, Da pontuação, algũas abbreviaturas, conta dos Romanos, e Latinos, Calendas, Nonas, e Idos, A terceira dos erros do vulgo, e emendas da Orthografia, no escrever, e pronunciar toda a lingua Portuguesa, verbos irregulares, palavras dubias, e as suas significações, Hũa breve instrucção para os Mestres das Eschólas*, Para uso do Excellentissimo Duque de Lafoens, Pelo seu Mestre Joaõ de Moraes Madureyra Feyjo, Presbytero do habito de S. Pedro, Bacharel em Theologia, e Prégador, Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (²²1993): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Gama, Orlando (2002): «Duarte Nunes do Leão: Elementos para uma Biografia», em *Leão* (2002: 9-35).
- Gandavo, Pero de Magalhães de (¹1574): *Regras que ensinam a maneira de escreuer a orthographia da lingua portuguesa: com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma lingua*, autor Pero de Magalhães de Gandauo, Em Lisboa: Na officina de Antonio Gonsaluez, em: purl.pt/12144 (última consulta: 13 de dezembro de 2019).
- GEPB (s.d., XIX) = *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira: Volume XIX, Nucle-Paisd*, Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédica, (s.d.).
- Holtus, Günter / Metzeltin, Michael / Schmitt, Christian (Hrsg.) (1994, VI/2): *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL): Band VI/2, Galegisch / Portugiesisch*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Kemmler, Rolf (2001): «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911», em: *Lusorama* 47-48 (Oktober) ISSN 0931-9484: 128-319.
- Koerner, E[rnst] F[rideryk] K[onrad] (2008): *Universal Index of Biographical Names in the Language Sciences*, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science, Series III: Studies in the History of the Language Sciences; 113).
- Leão, Duarte Nunes de (1560): *Repertorio dos cinqvo livros das Ordenações, com addições das leis extrauagantes, dirigido ao muito Illustre Senhor Dom Francisco Coutinho, conde do Redondo, Regedor da justiça deste Reino*, Per o Licenciado Duarte Nunez do Lião, Procurador da casa da Sopricação, Em Lixboa: Per Ioam Blauio de Colonia, em: <http://purl.pt/15318> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).

- Leão, Duarte Nunes de (comp.) (1566): *Artigos das sisas nouamente emendados per mandado Delrei nosso senhor*, Foi impresso em a mui nobre & sempre leal cidade de Lixboa: em casa de Manuel Ioam, em purl.pt/14565 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (comp.) (1569a): *Leis extrauagantes*, collegidas e relatadas pelo licenciado Duarte Nunez do Liam per mandado do muito alto & muito poderoso Rei Dom Sebastiam nosso Senhor, Em Lisboa: per Antonio Gonçaluez, em: purl.pt/12180 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1569b): *Annotações sobre as ordenações dos cinco liuros que pelas leis extrauagantes são reuogadas ou interpretadas: Item os casos das mesmas extrauagantes per que os iulgadores são obrigados a deuassar*, Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião, Em Lisboa: per Antonio Gonçaluez, em: purl.pt/12178 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (¹1576): *Orthographia da lingoa portvgvesa: Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem, ¶ Item hum tractado dos pontos das clausulas*, Pelo Licenciado Duarte Nunes do Lião, Em Lisboa: Per João de Barreira impressor delRei N.S., em: <http://purl.pt/15> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1585a): *Duardi Nonij Leonis iurisconsulti lvsitani censvræ in libellvm de regvm Portvgaliæ origine qvi fratris Iosephi Teixerae nomine circvmfertvr, Item de vera regvm Portvgaliæ genealogia liber*, Ad serenissimvm principem Albertvm Archidvcem Avstriæ, S. R. E. Cardinalem, Olisipone: Ex officina Antonij Riparij, em: purl.pt/14307 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1585b): *Duardi Nonij Leonis iurisconsulti lvsitani de vera regvm Portvgaliæ genealogia liber*, Ad serenissimvm principem Albertvm Archidvcem Avstriæ, S. R. E. Cardinalem, Olisipone: [Ex officina Antonij Riparij], em: purl.pt/14943 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1590): *Genealogia verdadera de los reyes de Portugal: con sus elogios y sumario desus vidas*, Por el Licenciado Duarte Nuñez de Leon del Desembargo de su Majestad, para el serenissimo principe delas Españas Don Philippe nvestro Señor, En Lisboa: por Antonio Aluarez, em: purl.pt/14278 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1600): *Primeira parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, Reformadas pelo licenciado Dvarte Nvnez do Lião, Desembargador da casa da Supplicação, per mandado del Rei Dom Philippe o primeiro de Portugal, da gloriosa memoria, Em Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck, em: <http://purl.pt/15305> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (¹1606): *Origem da Lingoa Portvgvesa*, Per Dvarte Nunez de Lião, desembargador da casa da svpplicação, natvral da inclyta cidade de Evora, Dirigida a el Rei Dom Philippe o II de Portugal nosso Senhor, Em Lisboa: Impresso por Pedro Crasbeeck, em: <http://purl.pt/50> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (1610): *Descrição do Reino de Portugal*, Per Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação, dirigida ao illustrissimo & muito excellente Sñor Dom Diogo da Sylva, Duque de Francauilla, Conde de Salinas & Riudeo, Presidente do conselho da coroa de Portugal, Em Lisboa: Impresso com licença, por Iorge Rodriguez, em: <http://purl.pt/12393> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).

- Leão, Duarte Nunes de (1643): *Cronicas DelRey Dõ Ioam de gloriosa memoria o I. deste nome, e dos Reys de Portvgal o X. e as dos Reys D. Dvarte, e D. Affonso o V.*, ao mvito alto, e mvito poderoso Rey Dom Joam o IV. Nosso Senhor, tiradas a luz por ordem do Il^{mo}, e R^{mo} Senhor Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, raro exemplo de Prelados, & verdadeiro Pay da Patria, e Avtos do levantamento, e ivramentos DelRey N.S. D. Joam o IV. E do Serenissimo Principe D. Theodosio N.S., e Proposição das Cortes, Em Lisboa: Por Antonio Aluarez Impressor DelRey N. Senhor, em: <http://purl.pt/29411> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Leão, Duarte Nunes de (²1784): *Origem, e Orthographia da lingua portugueza: Obra util, e necessaria, assim para bem escrever a lingua Portugueza, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem: Com hum Tractado dos Pontos das Clausulas*, Por Duarte Nunes de Liaõ, Desembargador da Casa da Supplicação, &c., Nova Edição Correcta, e emendada, Lisboa: Na Typografia Rollandiana.
- Leão, Duarte Nunes de (1785): *Descrição do Reino de Portugal, em que se trata da sua origem, Produções, das Plantas, Mineraes, e Fructos: com huma breve noticia de alguns Heróes, e tambem Heroínas, que se fizeram distintos pelas suas virtudes, e valor*, Por Duarte Nunez do Leão, Desembargador da casa da Supplicação, e offerecida ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Francisco Rafael de Castro, Principal da Santa Igreja de Lisboa, do Conselho de Sua Magestade, Segunda Edição, Lisboa: Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira.
- Leão, Duarte Nunes de (³1864): *Origem, e Orthographia da lingoa portugueza: Obra util, e necessaria, assim para bem escrever a lingua Portugueza, como a Latina, e quaesquer outras que da Latina tem origem, com hum tractado dos pontos das clausulas*, Por Duarte Nunes do Leaõ, Desembargador da Casa da Supplicação, &c., Nova Edição Correcta, e emendada, conforme a de 1784, Lisboa: Typographia do Panorama.
- Leão, Duarte Nunes de (⁴1945): *Origem da Língua Portuguesa*, Quarta Edição, conforme a primeira, com estudo preliminar e anotações de José Pedro Machado, Lisboa: Pro Domo (Cultura Literária; 3).
- Leão, Duarte Nunes de (⁵1975a): *Origem da língua portuguesa*, Introdução, selecção e texto modernizado por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Livraria Clássica Editora (Clássicos portugueses: trechos escolhidos).
- Leão, Duarte Nunes de (1975b): *Crónicas dos Reis de Portugal, reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes de Leão*, Introdução e revisão por M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão – Editores (Tesouros da Literatura e da História).
- Leão, Duarte Nunes de (⁴1983): *Ortografia e Origem da Língua Portuguesa*, Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (temas portugueses).
- Leão, Duarte Nunes de (2002): *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa (Colecção Clássicos da Historiografia; 3).
- Leão, Gil Nunes de (1610): «Ao Lector», em: Leão (1610: [6r-7v]).
- Machado, Diogo Barbosa (¹1741, I): *Bibliotheca Lusitana: Historica, Critica e Chronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras que compuzeraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça, até o tempo presente, Tomo I*, Offerecida ao excellentissimo e reverendissimo senhor D. João V., nosso senhor, Por Diogo Barbosa Machado, Ulyssiponense Abbade Reservatorio da Paroquial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do Numero da Academia Real, Lisboa: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.

- Machado, José Pedro (1941) «1606: Duarte Nunes de Leão», em: Nogueira (1935-1950: fichas 951-955).
- Machado, José Pedro (1943) «1576: Duarte Nunes de Leão», Nogueira (1935-1950: fichas 1161-1165).
- Machado, José Pedro (1945): «Estudo preliminar», em: Leão (1945: 1-216).
- Maruyama, Tōru (2010): *Keyword in Context Index of the Orthographia da Lingoa Portuguesa (1576) by Duarte Nunez do Lião*, Nagoya: Department of Japanese Studies, Nanzan University.
- Módelo, Marcelo / Negro, Helena de Oliveira Belleza (2017): «Gramáticas quinhentistas e suas considerações sobre o diacrítico til», em: *Revista ABRALIN* 16/2 (Jan./Fev./Mar./Abril de 2017): 313-340.
- Monte Carmelo, Luís do (1767): *Compendio de Orthografia, com sufficientes catalogos e novas Regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia e Prosodia, isto he, a Recta Pronunciaçam, e Accentos proprios da Lingua Portuguesa: Accrescentado com outros novos catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos Escritores Portuguezes; de todos os Termos Vulgares menos cultos, e mais ordinarios, que sem algũa necessidade nam se devem usar em Discursos eruditos; das Frases, e Dicçoens Cômicas de mais frequente uso, as quaes sem hum bom discernimento nam se devem introduzir em Discursos graves, ou sérios; e finalmente dos Vocabulos, e diversos Abusos da Plebe, mais conhecidos, e contrarios ao nosso Idioma, os quaes sempre se-devem corrigir, ou evitar*, Composto pelo R. P. M. Fr. Luis do Monte Carmelo, Religioso Carmelita Descalço, Escriitor da sua Ordem, Consultor do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares, Impresso á custa de hum amigo do R. Auctor, Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- Nagel, Rolf (1969): «Die Orthographieregeln des Pêro de Magalhães de Gândavo», em: *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte: Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft* 1/9: 110-135.
- Nebrija, [Elio] Antonio de (1492): *A la mui alta e assi esclarecida princesa doña Isabella tercera deste nombre Reina i señora natural de españa e las islas de nuestro mar: Comiença la gramatica que nueva mente hizo el maestro Antonio de lebrixa sobre la lengua castellana, e pone primero el prologo*, Salamanca: [Imprenta de Antonio de Lebrixa].
- Nogueira, Rodrigo de Sá (dir.) (1935-1950): *Bibliografia Filológica Portuguesa: (Dicionários, Gramáticas, Ortografias, etc.)*, 1544 fichas, Lisboa: Junta de Educação Nacional; Centro de Estudos Filológicos.
- Oliveira, A[ntónio] de (1971): «Leão (Duarte Nunes de)», em: *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Volume 11.º, Lisboa: Editorial Verbo, cols. 1601-1603.
- Oliveira, Fernão de (¹1536): *Grammatica da lingoagem portuguesa. /// Acabouse dempremir esta premeira anotação da lingua Portuguesa. por mandado do muy manifico senhor dom Fernando Dalmada em Lixbõa. e casa d[e] Germão galharde a. xxvij. dias do mes de Janeyro de mil & q[ui]nhêtos & trinta & seis annos de nossa saluaçam. Deo gratias. Ordenações (²1533) =  O primeiro livro das ordenações: Com preuilegio real De sua alteza, Foi impresso em ha çidade de Lixboa por Germão Galharde Frances.*
- Pereira, Cristóvão (2011): «Ortografia da língua portuguesa: a arte de bem escrever ao longo dos séculos», em: *Boletim de Estudos Clássicos* 55 ISSN 0872-2110: 133-140, em: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-2110_55_13 (última consulta: 17 de dezembro de 2019).

- Procópio, Eliabe (2014): «Appendix Probi Português: *Reformação de Algũas Palauras Que a Gente Vulgar Usa & Screue Mal* (1576)», em: *Palimpsesto* 19 (Ano 13): 444-458, em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/viewFile/34955/24692> (última consulta: 17 de dezembro de 2019).
- Révah, I[srael] S[alvador] (1964): «Une opinion de l'écrivain Duarte Nunes do Leão sur la justice inquisitoriale: Comunicação apresentada à Classe de Letras em sessão de 14 de Maio de 1964», Separata de *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* 36 (Nova série, 1964) ISSN 0870-5232: 280-283, Lisboa: oficina Ottosgráfica, Ltda.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1859, II): *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Tomo Segundo*, Lisboa: Na Imprensa Nacional.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1870, IX): *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil, Tomo Nono (Segundo do suplemento), C-G*, Lisboa: Na Imprensa Nacional
- Teixeira, José (1582): *De Portugalliae ortu, regni initiis, et denique de rebvs a regibvs, vniuersoque Regno præclarè gestis, compendium; ex fidelibus spectatissimorum Historicorum monimētis excerptum*, Per R. P. F. Ioseph Teixera Lusitanum, ordinis Prædicatorum, & sacre Theologiæ professorem, Regisque Portugalliae concionatorem, Parisiis; Apud Ioannem Mettayer, in Mathematicis Typographum Regium. [O mesmo volume contém uma árvore genealógica desdobrável in-folio intitulada *Genealogia regum Portugalice*, auth. R. P. F. Joseph Texera [...], Parisiis: J. Le Clerc, 1582]
- Teyssier, Paul (1994): Portugiesisch: «Graphetik und Graphemik (Graphétique et graphématique)», em: Holtus / Metzeltin / Schmitt (1994: 148-160).
- Victorinus, Marius (1967): *Ars grammatica*, introduzione, testo critico e commento a cura di Italo Mariotti, Firenze: Felice le Monnier.
- Winkelmann, Otto (1994): «Portugiesisch: Geschichte der Verschriftung», em: Holtus / Metzeltin / Schmitt (1994: 472-498).

**ORTHOGRAPHIA
DA LINGOA
PORTVGUESA.**

Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingua
Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras,
que da Latina teem origem.

¶ *Item hum tractado dos pontos das clausulas.*

Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião.

OMNIA OMNIBVS.

EM LISBOA,
Per Ioão de Barreira impressor delRei N.S.
M.D.LXXVI.

PER mandado dos muito Illustres, & muito Reuerendos Senhores, do supremo conselho da sancta & geeral inquisição, vi hum liuro cujo titulo he: ORTHOGRAPHIA DA LINGOA PORTVGVESA, composto pelo Licenciado Duarte Nunez, & não ha nelle cousa contra nossa sagrada religião, & bõos costumes. Antes he obra proueitosa, & necessaria, & muito digna de se imprimir & leer, por ser de author de tanta erudição, & curiosidade. A 2. de Agosto, de M. D. LXXIII.

Fr. Bartholomæus
Ferreira.

Vista a enformação do P. Frei Bartholomeu Ferreira, imprimase este liuro: E no principio delle a mesma enformação com este despacho. Em Lisboa a 18. de Septembro de 1576.

Lião Anriquez.

Manoel de Coadros.

Imprimase auctoritate ordinaria.

Bulhão.

ERRATA.

Per inaduertencia se screueo nunca por nunqua, aas fol.57.64.68.

E fol.45. na volta esqueceo commento, commentar, commentario no cap. dos que dobrão .m.

E fol.70. falta. enlhear .enteado. entonces. nos vocabulos errados, por os quaes se ha de screuer ãlhear, ou alienar, anteado, entam.

Priuilegio.

EV el Rei faço saber, aos que este aluará virem, que hauendo respeito, ao que na petição atras scripta, diz o Licenciado Duarte Nunez do Lião, & por lhe fazer merce, hei por bem & me praz que por tempo de dez annos, imprimidor, nem liureiro algum, nem outra pessoa, de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem vender em todos meus regnos & senhorios, nem trazer de fora delles o liuro da Orthographia da lingoa Portuguesa, que hora fez saluo aquelles liureiros, & pessoas, que para isso tiuerem seu poder, & licença. E qualquer imprimidor, liureiro, ou pessoa, que durando o dicto tempo, imprimir, ou vender o dicto liuro nos dictos meus regnos, & senhorios, ou o trazer de fora delles, sem licença do dicto Licenciado Duarte Nunez, perderá para elle todos os volumes, que assi imprimir, vender, ou de fora trazer. E alem disso encorrerá em pena de dous annos de degredo para Africa, & em cincoêta cruzados, a metade para minha camara, & a outra metade para quem accusar. E mando a todas minhas justiças, a que o conhecimento disto pertencer, que lhe cumprão, guardem, & fação inteiramente cumprir & guardar, este aluará, como se nelle contêe. O qual hei por bem, que valha, & tenha força & vigor, posto que o effecto delle aja de durar mais de hum anno: sem embargo da ordenação do segundo liuro, titulo vinte que o contrario dispõe. Gaspar de Seixas o fez em Almeirim a tres de Ianeiro de M.D.LXXVI.

Iorge da Costa o fez screuer. E este não passará pela chancellaria, sem embargo da ordenação em contrario.

Rey.

AO MVITO ILLVSTRE
E GENEROSISSIMO SENHOR
LOVRENÇO DA SYLVA DO CONSELHO
D'ELREI NOSSO SENHOR, E REGEDOR
da justiça deste Regno.
O Licenciado DVARTE NVNEZ DO LIÃO.
S.

Hũa das mais apparêtes vantagens, que os homens fazem aos brutos animaes, he a falla, & as palauras com que hũus a outros exprimem seus conceptos. E assi como os homens nisso excedem aos brutos, tanto entre si hũus dos outros se auantajão, quanto na policia, & arte das palauras mostram ser superiores. Estas são o toque, em que se vee o valor das pessoas, & a differença, que ha do nobre ao plebeio, do auisado ao indiscreto, & do vicioso ao bem instituido. D'onde com razão Socrates rogado de hum Atheniense, que lhe quisesse veer hum filho moço, & examinar o para que era, mandou ao mancebo que fallasse, dizêdo: Falla, & veerte ei: dando a entender, que as freestas per onde o interior do homem se vee, são as palauras. Polo que em aquellas duas Respublicas, donde manarão todas as boas artes, & disciplinas, per que hoje viemos em policia & ordem, não menos industria puserão no studo da eloquência, que na disciplina da milicia. E como as letras, & scriptura são o retracto, & representação das palauras, & ainda nellas fica o erro (se o ha) sempre viuo, & immortal, não menos cuidado tiuerão de bem screuer, do que tiuerão de bem fallar. E tinham muita razão: porque como a certa & ordenada maneira de screuer, não possa ser sem saber o sentido, propriedade, & origem das palauras, claro stá, q̃ quem mal screue, ignora o fundamento do que screue. E quanta diligencia pusessem os antigos na arte de seu screuer, testemunhas são as pedras, as moedas, & antigualhas de seus tempos, que hoje em dia leemos, em que não soamente se não acha vicio algum, mas as tomamos por exemplo, & imitação de nossas scripturas. E por tamanha falta tinham o erro de hũa soo letra, que se conta de Augusto Cæsar,

que sendo hum principe tam clemente, priuou do officio a hum legado Consular, por lhe screuer em hũa carta hum icsi por hum ipsi. O que se agora elRei nosso senhor fizesse, hei medo, que muitos ficassemos sem officio. De que se collige, quam mal soffrera aquelle principe maa scriptura nas cartas que mandaua, pois a soffria tam mal nas que recebia. E contaue Tyro liberto de Marco Tullio, que querêdo o Gram Pompeio screuer seu nome & titulo no templo da Victoria, que elle edificara, em que declarasse como fora tres vezes Consul, houue duuida se hauia de dizer Tertium, se Tertio, & cõsultando cõ os mais doctos, & nobres, ficou a cousa tam mais duuidosa, & quasi partida em votos igoaes, ã se soccorreo a Marco Tullio, que o mādou screuer abbreviado, por nenhũus ficarem descõtentes. De maneira que por a duuida de hũa letra, se reuoluia toda Roma. E agora teemse tam pouco respecto ao bom, ou mao screuer, como dão testemunho nossas cartas, nossas moedas, nossas diuisas, nossas sepulturas, & todos nossos scriptos, onde não vai cousa em seu lugar. E o que peor he, que os que mais nisso peccamos, somos os ã moor obrigação tinhamos de acertar. Porque como a jurisprudência se diuida em duas partes, na sciência de distinguir o justo do injusto, & na interpretação das palauras, mal as saberá explicar, quem as não sabe screuer. Polo que com razão os que mal screuemos, não merecemos o nome de letrados, pois viuendo das letras, & teen-do nome de letras, os primeiros elemētos dellas não sabemos reger, nem ajuntar. O que não he menos dissonancia, da que os musicos fazem, quando toção as cordas que não deuem, mas ainda he mui maior, porque estes fazem toruação ao ouuir, & os outros ao entender. E por isto ser tam importãte, & a orthographia ser o lume das scripturas, forão os antigos nobres & doctos exquisitamēte curiosos della. Marco Varrão o mais docto de todos os Romanos (segundo o testemunho de Marco Tullio) screueo muitos liuros da etymologia das palauras. Iulio Cesar monarcha do mūdo, tam insigne nas letras, como nas armas, screueo outros muitos da analogia, que são o fundamento do bom screuer. O grãde orador Marco Messala Coruino igoal a Cesar em sangue, na eloquencia, & na dignidade Consular, screueo xxij liuros de orthographia, attribuindo hum liuro a cada letra do alphabeto. De Scipião Africano, & Caio Cesar Emperador teemos hoje em dia palauras ã mudarão em melhor scriptu-

ra. E o Emperador Claudio Cesar, cuidando que per hi se faria immortal, quis accrescêtar aa orthographia Latina certas figuras de letras, que seruirão em quanto elle viueo, de que hoje em dia ha letreiros, & memoria. O Emperador Carlos Magno principe doctissimo nas letras diuinas & humanas, & em as linguas Grega, Hebraica, & Latina, stando recolhido em Aquisgrano, o tomou a morte screuendo, & reduzindo em arte a lingua & scriptura dos Alemães. Mas como a auareza & ambição trouxerão tantos males ao mûdo, & assi corrôperão as disciplinas, como os costumes, & os mais dos homens pretenderão soamente dellas, o que lhes podia trazer ganho, ou reputação, perdeu se o bõ screuer, como se perdeu o bom fallar, & como se esquecerão outras muitas artes, cujo principal interesse he virtude, & bõa instituição. Polo que veendo eu em minha mocidade, o descuido, & falta dos homens de Hespanha em seu screuer, & a diligência que algũs estrangeiros nisto mostrarão em suas linguas, cõ o desejo que sempre tiue de illustrar as cousas da nação Portuguesa, tentei ensinar a meus naturaes, o que eu de outrem não pude apprender. E em algũs dias feriadados, & de ocio (de q̃ tambem Marco Catão nos manda dar conta) reduzi a regras, & preceptos a orthographia de nossa lingoagem. Mas porque nestes tẽpos, a mais certa paga destas empresas he ingratidão, & murmurações, & a nouidade d'esta inuenção necessariamẽte hauia de teer muitos cõtradictores, receei na mocidade, o q̃ me agora V.S. obriga fazer aa minha velhice, quãdo se speraua, q̃ saisse a luz cõ outras obras de minha faculdade, q̃ o longo studo, & algũas letras não vulgares de mi promettião, & eu prometti. Mas como nenhũa cousa eu mais desejo, q̃ occasião de seruir V.S. & o querer que diuulgue este tractado, he tam conforme aa tenção com que o fiz, succedi ao que me mandou, sem me lembrar o risco a que me punha, & o descreedito em que caia com algũs homens de minha faculdade. Os quaes por não serem da opinião de Hippias Eleu, não querẽ consentir aos letrados de sua profissão mais que hũa seruentia, não se lembrando, que a jurisprudencia he teer noticia das cousas diuinas, & humanas, & a sciencia, que moor presidio requiere de outras muitas artes. Das quaes forão ornados aquelles, que em tãta ordem, & perfeição nolas deixarão. Porque do grande Catão se lee, que sendo o moor Iurisconsulto de seus tempos, ninguem soube mais da arte militar, de cultiuar os cã-

pos, & da arte oratoria, da historia, & antiguidades, & que para lhe não faltar nada, de lxxxij annos aprendeo as letras Gregas. De Cornelio Celso Iurisconsulto na profissão, & que screueo de dereito ciuil muitos liuros, sabemos screuer outros muitos da philosophia, da medicina, da agricultura, da disciplina militar, & da rhetorica. E tam louuado foi em tudo, dos moores professores d'aquellas artes, como se não soubera mais, que cada hũa dellas. E por os liuros da medicina, que d'elle hoje ha, he chamado o Hippocrates Latino. De Modestino teemos versos em que summa a Æneida de Vergilio: & de Iulio Frontino liuros de aqueductos. Polo que com exemplo de tam graues homens deuo ficar desculpado, & não murmurado, como me dizem que já sou. E se ao Cardeal Petro Bembo vão tam insigne em todas as letras, & a Ioão Francisco Fortunio Iuriscôulto d'este tempo, não lhe estranharão os seus screuer a grammatica Thoscana, não me deuem acoimar os meus a Portuguesa, de que elles teem mais necessidade, moormente a orthographia, que entre nos anda tam deprauada, & stando eu para publicar a doctrina dos notarios, de que não he pequena parte o saber screuer. Mas como eu tenho o parecer de V.S. que por a excellência de seu juizo & engenho, a mi (como Marco Tullio dizia por Catão) he por muitos mil, perco o medo a todas maas lingoas. E se ainda algũs temerarios me maltratarẽ, eu o teerei por gloria, assi por descontẽtar a taes homens, como porque me não tirarão o gosto de servir nisto a V.S. & de com meu talento aproueitar, sequer ao mais pequeno de meus naturaes. Mas porque os lectores não tenham em pouco este beneficio, que lhes V.S. faz, quero lembrarlhes que reduzir a regras geeraes, & poer em arte hũa lingua, que ate qui não teue arte, he cousa ardua, & grauissima, & se se bẽ faz, heroica, & que não pode emprender senão hum Messala, ou outro homem de tal auctoridade. E se eu não pude chegar ao melhor, & ao q̃ quis, contento me com a honra de abrir o caminho, para outros agora o fazerem melhor. Porq̃ d'estes paaços reaes, d'estes tẽplos, & d'estas pyramides que agora veemos, não he a honra de Ctesiphon, nem de Metagenes, nem de Vitruuio, que os melhor fizeram, mas do que imitãdo as sollicitas aues, de barro fez as primeiras paredes, & de vil colmo as começou cobrir.

ORTHOGRAPHIA

Da lingua Portuguesa, Reduzida a arte, & preceptos.

Pelo Licenciado DVARTE NVNEZ DO LIÃO.

Da diffinição da Orthographia,
& da Voz.

ORthographia he sciencia de
bem screuer qualquer lingoagem:
porque per ella sabemos, com que
letras se hão de screuer as palauras.
E diz se de orthos, que quer dizer
directo, & grapho, screuo, como se dixessemos sciẽ-
cia de directa mente screuer. E porque as palauras,
que são o subjecto desta arte, constão de letras, & as
letras de voz, começaremos da diffinição della.
E voz não he outra cousa, senão hũa percussão, ou
ferimẽto do aar, que se pronuncia pela bocca do ani-
mal, & se forma com arteria, lingua, & beiços. E da
voz ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inar-
ticulada, ou cõfusa. Articulada se chama, a que sen-
do ouuida, se entẽde & screue: a qual tambem cha

mão declarada, & intelligiuel. Confusa he a ã não representa mais que hum simplez som, como hum gemido. E da voz articulada, & ã se pode entender, a mais pequena parte, & indiuidua, he letra. Porque das letras cõstão as syllabas, & das syllabas as dições, ou palauras. E por isto se chamão as letras per outro nome elementos. Porque assi como dos elemêtos cõstão todas as cousas, assi dellas, como de principio constão as palauras. Polo que diremos das letras em geeral, & depois de cada hũa em special.

Das letras, & de sua diuisão & natureza.

LEtra he voz simplez, que se nota com hũa figura soo, como .a. ou .b. E diz se letra de lego, legis, & de iter, ã quer dizer caminho: porã abre caminho ao que lee. Estas letras são mais, ou menos, segũdo as lingoas: porque segũdo suas pronunciações hũas teem menos, & outras mais. Mas como nossa lingua Portuguesa na origẽ & semelhança, seja Latina, teemos em figura as mesmas letras, ã os Latinos teem: posto que tenhamos mais algũas pronunciações, que supprimos com as dictas letras: de que a diante faremos menção. E as letras são estas. a. b. c. d. e. f. g. h. i. K. l. m. n. o.

p. q. r. s. t. u. x. y. z. que são .xxij. tirãdo .h. que não he letra, mas figura de aspiração, ou assopro, que formamos para pronunciação d'algũas letras. Destas letras as seis são vogaes .s. a. e. i. o. u. y. Chamãose vogaes per excellencia: porque per si se podem pronunciar, & formar syllaba, sem ajuda das cõsoantes. Das quaes .i. u. teem vigor aas vezes de consoantes, como em seu lugar se dirá. Consoantes chamão todas as outras, tirando as vogaes: porque não se pôde pronunciar, senão ferindo, ou tocando vogal: & por isso se chamão consoantes, porque juntamente são com as vogaes. E destas consoãtes ha duas species: hũas são mudas, outras semiuogaes, que quer dizer meas vogaes. As mudas são .xj. b. c. d. f. g. K. p. q. t. & .i. & .u. quando são consoantes. E chamão se mudas, porq̃ per si soos, não se podem pronunciar, nem são sem ajuntamento das vogaes. As semiuogaes são .l. m. n. r. s. x. z. Chamão se semiuogaes, não como cuidão algũs, porque começam, & acabão os nomes dellas em vogal, mas porq̃ se formão em tal parte da bocca, que se pôdem pronũciar sem ajuda das vogaes, posto que não fazem per si syllaba.

Alem destas letras teemos mais quatro em pronũciação, posto que não em figura, que são .ç. ch. lh.

nh. das quaes vsamos, accrescêto aa primeira hũ final de differença do .c. cõmum, & aas outras .h. nota de aspiração, para supprir as figuras das dictas letras, de que carecemos. Das quaes abaxo faremos mênção, tractando de cada letra per si.

A.

A. He letra vogal simplez & pura, & acerca de nos duuidosa na quãtidade, como acerca dos Gregos & Latinos: porque pode ser breue, & ser longa, segũdo as letras, a que se ajunta, ou o lugar onde cae. E não ha mais que hum .a. porque ser longo, & ser breue, he accidêtmêto. Qua elle per si não he lõgo, nem breue, & póde ser hum, & outro. E se por em hũa parte veermos .a. lõgo, & em outra parte breue, ou em hũa parte cõ accentto agudo, & em outra graue, ou circũflexo, dixeremos que são diuersas species de .a. tambem dessa maneira o diremos de todalas outras vogaes: & assi cada hũa seria de muitas maneiras. O que se não ha de admittir acerca de nos, q̃ nas vogaes nenhũa differença teemos dos Latinos, de quem teem origem nossa lingua. E a razão que faz parecer que são dous .aa. hum grãde, & hum pequeno, he a pronunciação varia, que se causa dos ac-

centos, ou das letras, a que se ajunta esta vogal. Porque quando teem o accento agudo, parece grande, como em prato, & quando graue, parece pequeno, como em prateleiro. E todalas vezes, que depois do .a. se segue .m. ou .n. como nestas palauras: fama, cano, pronuncia se com menos hiato, & abertura da bocca, & fica parecêdo pequeno, não sendo assi. Porque o ser grãde, ou pequeno, cõsiste na lõgura, & spaço da pronũciação, & não na maneira della. E a causa de soar assi o .a. he, que a formação da dicta letra se faz com abertura da bocca & o .m. & .n. se formão per contraria maneira, fechandoa. E não se póde em tam pequeno spaço, como se consume em hũa syllaba, servir perfectamente a dous officios cõtrarios, de abrir, & cerrar a bocca. Por tãoto ficamos pronũciando o .a. com aquella differença de pronunciação, não menos longo em tẽpo. Porem junto a outras letras não soa o .a. assi obtuso, como quãdo se ajunta a .m. n. como vemos per todalas mais letras do .a. b. c. a ã se póde ajũtar, como nestas palauras, aba, labça, adaga, cafila, praia, çalça, sapo, atabaque, arca, casa, prata, caua, taxa, azo. Nos quaes lugares, ainda que quisessemos dar lhe som de .a. pequeno, não, poderíamos. Porque na verdade não o ha mais,

que de hũa maneira, quer seja lōgo, quer breue. Assi que todalas vezes, que virmos variar a pronunciação do .a. causa se do accento ser differente, ou de se ajuntar a taes letras, que o apagão, & não de esta letra ser de outra specie. Porque o .a. em abstracto (como dizem) & em quanto letra elemêtar, não teem accento, nẽ medida, se não despois q̃ he feito dição.

B. P. PH.

B. & P. são letras mudas entre si mui chegadas. E assi como se pronũcião, & formão na mesma parte da bocca, & quasi cõ a mesma postura dos instrumêtos, dão hum som mui semelhante. Soo teẽ esta differença, q̃ o .b. pronũciamos, lançãdo do meo dos beiços o som: & o .p. pronuncia se apertando os beiços, & lançãdo o spiritu & folego mais de dẽtro. E por assi teerẽ esta semelhança, os Latinos, na trasladação de muitos vocabulos da lingoa Grega na sua, mudauão hũa letra em outra, dizẽdo, de triambos, triumphus, & de pyxos, buxus: como nos tãbem fazemos, que em muitos vocabulos, que tomamos dos Latinos corrompemos o .p. em .b. dizẽdo de Aprilis, Abril, & de capillus, cabelo, & de capra cabra. De maneira, que o .b. fica meo entre .p. & .ph.

porque nem he tam puro & limpo como .p. nẽ tam froxo, como o .ph. Porq̃ se aspira esta letra .p. a qual acerca dos Gregos teem o lugar do nosso .f. & assi o tinha acerca dos Latinos antigos, como a diante diremos na letra .F.

Teem outro si esta letra .b. algũa semelhãça com o .u. consoante. Porque assi na lingua Latina, como na nossa, muitas vezes se muda o .b. em .v. como nesta palaura composta de, ab, & fero, porque dizẽ os Latinos .aufero, & de, ab, & fugio, aufugio. E nos dizemos absente, & ausente, & abano, & auano, & aljaba, & aljaua, & de faba, dizemos faua, & de tabula, tauoa, & de abhorreo, auorreço, & de cibus, ceuo. O que muito mais se vee nos Gallegos, & em algũs Portugueses d'entre Douro & Minho, que por vós, & vósso, dizem bos, & bosso, & por vida, dizẽ bida. E quasi todos os nomes, em que ha .u. cõsoante mudão em .b. E como se o fizessẽ aas vessas, os q̃ nos pronunciamos per .b. pronunciação elles per .u.

Teẽ outrosi estas letras hũa propriedade, q̃ não admittẽ ante si .n. senão .m. & dizemos: ambos, tempo triumpho, & nõ anbos, tenpo, triumpho. Da qual scriptura se dará razão, quando fallarmos da letra .M. Mas ainda que poemos o .ph. por letra distincta

das outras, não na accrescêmos ao nosso alphabeto, porque não teẽ figura propria, per que se denote, como teem acerca dos Gregos, que he esta .φ. Polo que nẽ os Latinos a poserão entre as suas, por quanto a screuião per .p. & h. que são do seu alphabeto. Da qual diremos mais na letra .F.

C

C. Teem acerca de nos muitos officios: hũ proprio, quãdo despois d'elle se segue .a.o.u. como nas primeiras syllabas destas dições .cauallo, comedia, cutello. Da qual maneira os antigos tambem pronunciauão o .c. quando despois d'elle se seguia .e. i. segundo se collige de Quintiliano, que diz o .c. teer igoalmente sua força com todas as vogaes. E como se vee d'aquelle dicto gracioso de Marco Tullio. O qual querendo motejar a hum, que lhe pedia, que o fauorecesse em hũa dignidade, que pedia em Roma, sendo filho de hum cozinheiro, lhe respondeo: Ego tibi quoque fauebo. Porque assi se pronũciaua coce, como quoque.

Mas agora damos a esta letra differente pronunciação, exprimindoa com .e. & .i. como a pronunciamos, quando lhe accrescentamos a cifra, ou cer-

cilho, ajuntãdo o a estas vogaes, a. o. u. Porque para exprimirmos as cinco vogaes todas de hũa mesma pronũciação, dizemos, ca, que, qui, co, cu, como se vee nestas palauras de hũa mesma substância, & parêtesco: vacca, vacqueiro, vacquinha, vaccona, vacuum. E para pronunciarmos, a. o. u. junto ao .c. como .e. i. poemas lhe hũa cifra, ou cercilho de baxo, que fica fazêdo hũa specie de .z. & dizemos: çapato, çoçobrar, çurrador. A qual cifra nõ poeremos, quando depois do .c. se segue .e.i. como fazê os idiotas. Porque o .c. junto aas dictas letras, não póde dar outro soido, segundo a pronunciação destes tẽpos. A qual pronunciação impropria do .c. com a cifra não he de Latinos, nem Gregos, mas propria dos Mouros, de que a tomamos.

Outro officio de .c. he ser aspirado, com a qual letra screuemos os nomes Gregos, que dos Latinos tomamos, como Achilles, patriarcha. Aa qual letra os Gregos dão esta figura .χ. fazendoa distincta do c. puro, & accrescentandoa ao seu alphabeto. O que nos não fazemos, por não termos figura, porque a denotemos, & por a exprimirmos per .c. & .h.

Outro officio teem o .c. emprestado, quando depois delle se segue .h. & lhe damos differête pronũciação

do .c. aspirado dos Gregos, como nestas dições, chamar, cheirar, chiar, chorar, chupar. A qual pronũciacão tam propria he da lingua Hespanhol, que nem os Gregos, nem os Latinos, Hebreos, ou Arabes a tiuerão: posto que os Italianos a pareção imitar na pronunciação do seu, ce. ci. Polo que podemos dizer, que debaxo de hũa figura do .c. ha muitas letras em potestade & officio.

D. T. TH.

D. T. Letras mudas teem em si muita semelhança: porq̃ a pronunciação de hũa, & da outra, he quasi de hũa maneira, com a lingua posta no mesmo lugar: saluo quanto o .t. se forma com mais spiritu, & com a lingua mais leuantada para o paadar, & o .d. com ella entre os dentes. Pola qual semelhança (como diz Quintiliano) muitas palauras, em que entraua .d. screuião os antigos per .t. como: Alexãter, Cassantra, por Alexander, & Cassandra. Outros screuião, set, por sed. & atuentus, por aduētus, segundo Victorino screue. E pelo cōtrario outros dizião, amauid, por, amauit.

Pola qual affinidade de letras, muitas vezes conuertemos o .t. dos vocabulos Latinos em .d. quando os

accomodamos aa nossa lingua, como são todos os participios em atus, ou itus, & os verbaes em or, & outros muitos sem cõto, ã pelo vso se veerão, como amatus, amado. auditus, ouuido. Rector, Regedor. secretum, segredo. fatum fado.

Teem tambem os Portugueses o .th. dos Gregos aspirado em as dições Gregas, de que vsamos, como theologia, theorica, Thomas. A qual letra nos não accrescêtam os nosso alphabeto, nẽ os Latinos ao seu. Porque não teemos figura, que a denote como os Gregos, ã lhe dão hũa soo figura assi .θ. mas figuramola com o .t. & .h. com a qual aspiração se afrox a pronũciação do .t.

E.

E. He letra vogal simplez, & não de duas maneiras, como algũs cuidão, que fazem .e. pequeno como em besta por animal, & .e. grande como em bésta per arma, & instrumẽto de tirar: o que não ha. Porque na pronunciação dessa letra, nenhũa differença teemos dos Latinos. E a differença, que vai desse c. que aos vulgares parece lõgo, ao outro, a que erradamẽte chamão breue, notamos com accẽto agudo ou circumflexo, ou graue (como teemos dicto do .a. & diremos a diante na letra .O) ou com dous .ee.

F.

F. He letra muda, a que os Aeolicos (dos quaes ella teue origem) chamauão. Vau. & os Latinos lhe chamauão digamma, porque na figura parece hum dobrado .g. dos Gregos, a que elles chamão gamma. O qual gamma he assi .Γ. & o .F. parece que fica fazendo dous. A qual letra seruia aos Aeolicos, do que serue a nos o .u. consoãte, como se vee do nome, Vau, que lhe deram. E esta letra tomárão os Latinos, para com ella screuerem os vocabulos de sua lingoa, que screuião como .u. consoante. Mas despois para fazerem differença dos nomes Latinos aos Gregos, porque todos os screuião com .ph. que era letra Grega, começarão vsar a dicta letra .F. nos nomes Latinos em lugar de .ph. & por phama, & phucus, começarão dizer, fama, & fucus. Despois Claudio Cesar Emperador costumou screuer em lugar do .u. consoante o digãma, Aeolico, ã que era o .F. posto porem aas vessas assi .Ɔ. aa differença de quando seruia por .ph. como se oje em dia vee em letreiros antigos de seu tẽpo, onde se lee. TERMINAƆIT. AMPLIAƆITQVE. por terminauit, & ampli-
auit, & ƆIXIT, por vixit. Morto porem Claudio,

se deixou de costumar esta letra, & tornarão ao .v. como se também desacostumou o antisigma, outra letra, ã o mesmo Claudio inuentou, para supprir às vezes do ψ dos Gregos, que he o .ps. ou .bs. Pola qual semelhaça, que o .f. teem com o .v. cõsoante, vierão os Franceses mudar o .v. cõsoante em .f. & por viuo dizem, *vif*, & por breue, *brief*.

Mas he de notar, ã entre o .f. Latino & o .ph. Grego hauia muita differença na pronunciação, que agora não sentimos. Porque (como screue Quintiliano) o .ph. dos Gregos tinha hũ soido brando, & suaue, & o .f. dos Latinos horrido, que quasi não parecia de voz humana. Donde pode collegir, quam adulterada, & mudada stá a pronunciação de muitas letras, & quam delicada he a musica dellas.

G.

G. He letra muda, de que vsamos em sua propria pronunciação, quando se ajunta a estas vogaes a. o. u. como dixemos do .c. Outra pronunciação lhe viemos dar impropria, & adulterina, quando se ajunta ao .e. i. que fica soando como .i. consoante, & dizemos, gato. gente. ginette. gosto. gula. A qual pronunciação com .e. i. he alhea dos Gregos, &

Latinos, & proppria dos Mouros, de ã a recebemos. De maneira, que para pronũciarmos o .g. com .e. i. da maneira propria, & natural, como o pronunciamos com .a. o. u. lhe accrescentamos hum .u. liquido, & dizemos: ga, gue, gui, go, gu.

H.

H. Não he letra, mais que na figura. Mas he hũa aspiração ou assopro, com que se pronunção as letras, a que se ajũta. Da qual aspiração, os Portugueses não vsamos em pronunciação, posto ã a vsemos na scriptura. Porque assi pronũciamos homẽ, como, omẽ, & hõra, como, onra, & hoje, como, oje, & hoganno, como, ogãno, & hagara, como, agora, & hauer, como, auer. E soomẽte parece, ã a sentimos na pronunciação de duas interjeições .s. de ha ha, significatiua de riso, & de ah, significatiua de temor, ou indignação. Porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronũciarmos, he porem necessaria, para guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conhecer a origem, & etymologia dos vocabulos, & para differença delles: como fazem os Frãceses, ã muitas letras não pronunção perfectamẽte, em algũas palauras, & em outras

as não pronunção de maneira algũa, & todauia as screuem, para entendimento das palauras na scriptura, & para se saber a origem dellas.

E assi como esta aspiração se ajunta a vogaes, assi tambem se ajunta a consoantes. Mas teem nisto differença, que aas vogaes sempre o .h. precede, como, homem, humilde, tirãdo estas duas interjeições dos Latinos, ah, &, oh. E nas consoantes sempre vai depois, como, philosophia, theologia. Itẽ teem outra differença, que os vocabulos, que teem as vogaes aspiradas, pódem ser Latinos, ou Gregos, & os ã teem as consoantes aspiradas, sempre são Gregos, tirando estes nomes, pulcher, & sepulchrum, que são Latinos.

Item ha outra differença, que todas as vogaes se pódem aspirar, como, hastera, herdeiro, Hippolyto, Homero, humanidade, hydropico. Mas não se aspirão todas as consoantes: porque soo os Gregos, & os Latinos, que delles o tomárão, aspirão estas .c. como em, schola .p. como em, philosophia .r. como em, rhetorica, t. como em, Athenas.

Mas os Portugueses, por termos tres pronunciações proprias, & peculiares nossas, que os Latinos não têm, para que nos faltão as figuras, suppri-

molas com a aspiração, dizendo: ch. lh. nh. Porque sem aspiração, não achamos letras cõ que as formar: por teerem muito differente pronunciação, da que dão as dictas letras, sendo tenues, & não aspiradas. De maneira que aspiramos o .l. & o .n. o ã nenhũas outras nações fazem, & aspiramos o .c. em os vocabulos nossos peculiares, soando a dicta letra aspirada de differente maneira, do que soa nos vocabulos Latinos, ou Gregos, ã outro si se aspirão. Porã doutra maneira soa o .c. em esta palaura, tacha, do que soa em a palaura, mechanico.

I.

I. He letra vogal, cujo soido proprio & natural he o das primeiras syllabas destas dições, imagẽ, ira. Outro soido lhe damos improprio, quando he consoante, que he falso, & alheo da natureza desta letra, o qual he cõmun a .g. da maneira que o nos pronũciamos com .e. i. ã he hũa pronunciação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: janella, jejum, joanne, justiça. Em as quaes palauras, não sentimos na pronũciação algũa semelhança do .i. consoante dos Latinos: o qual teem o soido, que vemos nestas palauras, Troia, Maio, &

nestas palauras Latinas, hei, huic, cui. onde os authores antigos dizem o .i. ser consoante. Polo que pola differença que assi faz, quando he vogal, de quando he consoante, costumamos de o screuer, quando he vogal, de corpo pequeno, & quando he cõsoante, fazendo o mais cõprido, & rasgado para baxo assi .j. O ã eu não cõtradiria. Mas antes se fora em minha mão, déra noua & particular figura aaquellas letras, ã tendo as em potestade, lhe não derão os nossos passados figura, como são o .ç. ch. lh. nh. & aquellas, que falsamente screuemos per as figuras alheas de .g (quando se ajunta a estas letras .e.i.) & de .x. & .z.

Mas sendo verdade, ã da mesma maneira soa .ge. gi. do que soa .je. ji. he de saber, nas dições, onde entra esta pronunciação, que ordem teremos em as screuer: & se indistinctamente poderemos vsar de hũa & d'outra. E nisso deuemos teer respecto a duas cousas .s. aa origẽ dos vocabulos Latinos, dõde descendẽ as palauras, ã screuemos, & ao costume. Polo que screueremos impigem, & não impijem, porq̃ veem de impetigo, impetiginis: & assi virgẽ, & origem, porque vem de virgo, & origo. E assi os mais, que têm a mesma analogia, & correspondência, ainda ã não tenham outros Latinos semelhantes, como

são todos, os que teẽ .a. ou .u. na penultima syllaba, como: ferragem, fogagem, lingoagem, passagem, romagẽ, amarugem, ferrugem, lâbugem, babugẽ.

Item se screuerão com .g. os vocabulos, ã dos Latinos vierão a nos, que teẽ essa letra em algũas syllabas que lhe ficarão illesas, sem as corrompermos, como gente, gemer, legitimo, genero, & outros infinitos.

Mas per .j. screueremos todalas dições, ã se passarão dos Latinos a nos, que tinham o mesmo .j. cõsoante, se essa syllaba ficou inteira, onde o .j. vinha, como jejum, subjecto, enjeitar, majestade, & algũs nomes peregrinos, como jebusseo, jephte, & outros vocabulos, ã se screuião com estas letras, Hie, no principio, ou fossẽ Gregos, ou Hebraicos, como: Hieronymo, Hierarchia, Hierosolyma, Hieremias, Hieroboam, Hierusalem, Hierico, ã vulgarmẽte screuẽ (tirado o .h. & mudado o .i. vogal em .j. consoante) Ieronymo, Ierarchia, Ierusalem, Ierosolyma, Ieremias, Ieroboam, Ierico. O ã eu não cõtradiria, porq̃ tudo isso pode o costume, & a pronunciação, & a corrupção de hũa lingua a outra. Mas disso não hemos de fazer regra geeral. Porque posto ã nesses o costume fizesse essa mudança, não screueria assi os outros que o vso, por não serem nomes mui cõmũs, não ti-

uesse mudado. Polo ã por Hiempsal, nome proprio de hũ Carthagines, não screueria, Iempsal: nẽ por Hieron, nome de hũ Rei, screueria Ieron. Porã não me entenderião de quẽ fallaua. Assi ã os nomes proprios se hão de screuer, como stão nas outras linguas de ã elles são, sem mudança de algũa letra, mais ã a da terminação final, tirando aquelles, ã per costume stão mudados, ou corruptos. Como tam-
bem os Italianos fazem em Girolamo, por Hieronymo, & Giouanni por Ioanne, & em outros muitos.

K.

K. He letra Grega, que os Latinos trouxerão a seu alphabeto sem necessidade: porã tẽem seu .c. ã responde a ella. E assi na nossa lingua, não nos serue em palaura algũa, nem na Latina, ao presente teem algum vso, saluo se for para screuer esta palaura Kyrios, donde dizemos Kyrie eleison, ou esta palaura Kalendas, que conforme ao antigo se costumaua screuer assi. E porque não façamos differença do nosso alphabeto ao Latino, a deixamos na posse, & lugar, que tinha, & para que os nossos a não estranhem, quando vierem a apprender

as letras Latinas. Que quão aa nossa lingua, & scriptura Portuguesa, he letra sobeja, & ociosa.

L.LH.

L. He letra semiuogal, que tõe algũa semelhança com o .r. sem embargo de o .l. ser notauelmẽte brãdo, & o .r. aspero, por o vibrar da lingua, q̃ se faz quando se forma. Pola qual razão os piuidosos, que não teem a lingua habil para a vibrar, o mudão em l. como se lee de Demosthenes, & Alcibiades. O qual vicio chamão os Gregos lambdacismo, que quer dizer vicio de frequentar .l. que elles chamão lambda. Pola qual semelhança, os Portugueses, na corrupção de muitas palauras, fugindo as delicias, & mimo d'aquella letra, a mudão em .r. como mais varonil, em muitas dições, em que entra .l. liquido, depois de letra muda, como: brando de blandus. pranto de planctus. crauo, de clauus. praz, & prazer de placeo. supprir de supplere, & outros se melhãtes, que deuemos screuer com .r. & não com l. por nos desuiarmos de fallar como Castelhanos, que dizem: blando, supplir, plaz, & prazer, clauo. Mas outros há, em que podemos concorrer com os Castelhanos, sem offensa das orelhas, screuendo

com .l. ou com .r. se quisermos, como: simplez, ou simprez, claro, ou craro, obligar, ou obrigar, clamar, ou cramar, & muitos, ã por breuidade deixo. Outros ha, que não deuemos mudar, como: clemente, clemencia, flamma, inflammar, supplicar, supplicação, clerigo, clerisia, flor, & flores, & outros muitos, que o vso vos ensinará, & a scriptura de homens doctos, que os vulgares erradamente screuem per .r. dizendo, froles, & creligo, preuertendo as letras.

A este letra .l. teem os Portugueses, & Castelhanos hũa pronunciação mui propinqua, posto que a não tenham em nome, nem em figura, que he tam peculiar, & propria nossa, que nem os Gregos, nem os Latinos, nẽ os Hebreos, nem Arabes a conhecem. E algũas nações há que nem com tormento a pronũciarão. A qual nos supprimos per .l. & .h. nota de aspiração assi .lh. menos mal que os Castelhanos, que erradamente a supprem, com dous .ll. contra toda razão da orthographia. Porq̃ nenhũa lingua soffre, que duas letras de hũa specie, possam jũtas ferir hũa mesma vogal. E não ha tanta differença, de hũa dição scripta com .l. singello, a outra scripta com dobrado, quanto de hũa, & outra a esta letra, que representamos per .l. & .h. como se vee nestes exem-

plos: querela, bella, velha. Dõde vem, screuerẽ mal os Castelhanos todos vocabulos Latinos, ã teem dous .ll. ã na sua lingua Castelhana guardão o soido Latino, por starem incorruptos. Porque necessariamente lhes tirão hum .l. como nestas palauras: sylogismo, sylaba, colegio. Qua screuendoas com dous .ll. como deuia ser, ficarião dizendo, sylhogismo, sylhaba, colhegio. Assi que os Portugueses stamos nisto melhor: porque teemos nossas differenças de .l. singello, dobrado, & aspirado. Porque se bem se attentar, a differença de dobrar se hũa letra, não faz mudar o soido, ã tiuera sendo singella, mas soamente spessa, & esforça a pronunciação, stando no mesmo ser & figura, como: caro, carro, pela, pelle, que tudo he hũa letra, & hum soido: senão, que em pelle, pronũciamos de maneira, que sentimos ficar hum .l. com a syllaba precedente, & o outro com a seguinte assi, pel-le. O que não he nesta palaura Castelhana, *Cauallo*. Porque não o pronunciação de maneira, que pareça, que hum .l. vai com a syllaba precedente, & o outro com a seguinte. Mas assi o pronunciação, como se .l. & .l. fossem hũa soo letra. Porq̃ não se pode diuidir assi, *Caua-lo*. Mas a diuisão sua acerca dos Castelhanos, he assi necessariamente:

Caua-llo. E os dous .ll. ferẽ hũa mesma vogal, & soão como hũa soo letra, como na verdade he em potestade, & pronunciação. Polo ã o .l. em tal pronũciação não pode ser dobrado, senão differẽçado, como nos fazemos cõ aspiração. E cõ o til o houuerão de differẽçar os Castelhanos, como fazẽ ao seu .ñ. de ã na letra .N. faremos mẽção. Mas o melhor fora, darmos lhe noua figura, assi como he noua pronunciação. E assi veerão, que os Italianos, que tãbem teem esta pronunciação como os Hespanhoes, para a denotarem, screuem por filho, *figlio*. & por folha, *foglia*. & por batalha, *bataglia*. E os Franceses, que tambem a teem em algũas palauras, para outrosi a denotarem, screuẽ cõ dous .ll. como os Castelhanos. Mas por mostrarẽ a impropriedade da scriptura, ajuntão lhe antes hum .i. iota, que se não pronuncia, mas soo he nota da differente pronũciação. E dizem *meilleur* por *melheur*. & *gaillart*. por *galhart*. porque virão, ã por se dobrarẽ os .ll. se não representaua o som, ã lhe damos.

M.

M. He letra semiuogal, cuja propriedade he não ir ante outra algũa cõsoante. Porã sempre vsamos do .n. ainda ã pareça ã vai teer ao soido do .m.

Polo ã não diremos, Amtonio, nẽ emtemdimemto, senão, Antonio, entendimento. Mas seguindose outro .m. ou .b. ou .p. sempre prepoemos o .m. & dizemos, ambos, & não anbos, & tempo, & não tempo, & immenso, & não inmenso. E a causa he, porq̃ d'onde se forma o .n. que he ferindo a ponta da lingua, na parte diãteira do paadar, até onde se formão aquellas tres letras .b. m. p. há tanta distancia, que foi necessario, mudar o .n. em .m. quando se seguẽ, por o .m. star perto dellas na pronunciação. O que sempre os Gregos, & Latinos guardarão, & nos outros o hemos de guardar, se queremos screuer, como pronunciamos. Porque naquelle lugar não pode soar .n.

Mas ha se de aduertir, que algũs nomes há, que admettem o .m. ante do .n. os quaes ainda que sejam Latinos, & Gregos, não deixarei de os poer, porque d'algũs delles, & de seus deriuados, podemos usar na nossa lingua, como: amnis, contemno, damno, damnum, damnas, gymnasium, hymnus, somnus, & algũs nomes proprios, como Agamemnon, Clytemnestra, Clytumnus, Lemnos, Memnon, Mnestheus, Polymneia. E assi acharão soo este nome Latino, hyems, que ante do .s. teem .m.

N. NH.

N. He letra semiuogal, a qual se póde ajuntar a todas consoantes, tirando .b. m. p. a que não pode preceder, como a cima teemos dicto no precedente capitulo da letra .M. Polo que na composição dos vocabulos, quando veem preposição, que se acabe em n. como, in. con. se o nome, ou verbo, a que se ajunta, começa em algũa das dictas tres letras .b. m. p. o .n. se muda em .m. como embeber, immunidade, commutar.

A esta letra .n. teemos os Hespanhoes outra mui affim & propinqua, que não teem nome, nem figura. Porque os Latinos, cujo alphabeto seguimos, a não tinham em pronunciação. A qual por assi teer muita semelhança com o .n. a assinalamos per .nh. & os Castelhanos a denotão com .n. & til, assi .ñ. dizendo, Alemaña, por o ñ nos dizemos, Alemanha. Da qual letra .nh. usaremos soamente nos vocabulos meros Portugueses, ou corruptos dos Latinos, que na corrupção da lingua, tomarão essa letra em lugar d'outras, como: meirinho, façanha, engenho, testemunha.

Com o qual .nh. não screuemos algũ nome, a que

os Latinos antes do .n. poem .g. Porque da mesma maneira os screueremos, como os Latinos. Polo que diremos, magno, & tam magno, magnifico, insigne, digno, regno, ignoto. O que entendo d'aquelles vocabulos, que stão incorruptos, como são os sobredictos, & outros taes. Mas aquelles em ã houue corrupção d'algũa letra, per mudança, diminuição, ou addição, ou outra qualquer maneira, screuerseão como corruptos, aa maneira vulgar. Polo que ainda que penhor vem de pignus, & lenho, & lenha, de lignum, não diremos, pignor, nem legno, por assi já starem desuiados da forma Latina.

Item se ha de notar, que aquelles, nomes, a que per costume na pronunção tiramos o .g. que sendo Latinos, tinhão ante do .n. ã sem .g. os screuamos, para que a scriptura não discrepe da pronunção, & digamos: sino, sinal, sinette, & assinar, & os que destas palauras se deriuão, como assinatura, assinalar. Os quaes não se deuem screuer d'outra maneira, porque assi os pronunciamos. E quem sabe linguas, entenderá, que mais que isto pode o costume, na razão de screuer: & que ainda que algũs deriuados dos vocabulos acima dictos, screuamos com .g. como significar, insigne, & consignar, que não he

incõueniente, screuermos os acima dictos sem elle. Porque d'algũas palauras Latinas nos seruimos, sem as corrompermos, & outras corrompemos. Polo ã as corruptas screueremos como corruptas, & da maneira que as pronunciamos, & as inteiras como inteiras, como neste nome, signum, que corrompemos per detracção do .g. dizendo, sino, & sinal. Mas significo, & insigne, que se deriuão da dicta palaura, ficão inteiros: polo que os screueremos como inteiros.

O.

MVitos homens mui doctos, & curiosos da lingua Hespanhol cuidarão, ã acerca de nos hauia duas maneiras de .o. hum grãde, & outro pequeno, como acerca dos Gregos. Mas, como teemos dicto do .a. assi como não teem mais que hũa figura, assi não teem mais que hũa natureza: que ser longo, ou breue, he accidente, como nas outras vogaes. E a occasião que tiuerão, os que dizem, que teemos dous oo. hum grande, como *ω* mega dos Gregos, & outro pequeno como .o. micron, nasceo, de veerem a differença da pronunciação desta letra, que em hũs lugares a pronunciamos com grande hiato, &

abertura da bocca, & em outros com muito menos, como se vee nesta palaura, ouo, no singular, que na primeira syllaba parece, que a pronunciamos com hum pequeno .o. & quando dizemos, ouos, no plural, o pronũciamos de maneira, que parece hum .o. grande. Polo que para mostrar a differença do .o. que chamão grãde, screuem muitos esta palaura no plural, com dous .oo. dizêdo, oouos. & assi poouos, & oolhos, & os mais desta qualidade.

Mas attentando isto mais consideradamente, & cõ a promptidão da orelha, que a musica das letras requiere (que segundo Quintiliano não he menos difficultosa de comprehender, que a das cordas) acharão, que a dicta differença não vem do .o. ser grãde, ou pequeno, nem longo, nem breue, mas do accento, com que entoamos as palauras. Porque quando he agudo, leuamos o .o. & quando he circumflexo, fica entoado de maneira, que fica obtuso, & quasi unisono com as outras syllabas graues, fazêdo de hũa syllaba aa outra tam pouca differença, no levantar, que quasi não o sinte a orelha, como manifestamente se vee nestas palauras, pólo por ceo, & pôllo, por aue, ou animal pequeno. Porque em pólo, sendo o primeiro .o. breue, & o segundo longo,

por causa do accento agudo, que leuanta aquelle .o. fica parecendo pelo contrairo, aos que não sintem a musica. Porque parece, que o primeiro .o. he longo & grande, & o segũdo pequeno, & breue. E em pôllo, onde o accêto da primeira syllaba não he agudo, fica parecendo o .o. pequeno, & breue, sendo na verdade longo.

A qual pronunciação de accento circunflexo (se o este he) parece, que soomête sentimos, em as dições de duas syllabas, que em ambas têm .o. & não em outras vogaes. Porque agora nestes tempos, não há noticia algũa deste accento, nem se sabe, em q̃ proporção stá do agudo, ou graue: nem há orelha tam delicada, que possa comprehender a differença, q̃ há entre terra do caso nominatiuo, q̃ teem acerca dos Latinos, accento circunflexo, de terra do ablatiuo, que o tõe agudo. Quase perdeo isto, como se perdeo a pronunciação de muitas letras, & como se perdeo o processo da musica antiga, que hauendo tres generos della .s. diatonico, chromatico, & enharmónico, soamente os musicos deste tempo conhecem o diatonico, & ainda da theorica desse sabem mui pouco, ou para dizer melhor, não sabem nada, quãtos musicos hoje viuem, nẽ ainda da practica se sabe

quomo cantauão os antigos antes de S. Gregorio, nem per que notas: nem ha rastro, de como procedião nisso: como tãbem ignoramos muitas artes, & cousas dos antigos, de ã apenas entendemos os nomes, como he toda a arte gymnastica, & gram parte da architectura, & das mechanicas, de ã os homens deste tpo somos tã rudes, ao menos os Hespanhoes.

E outras muitas razões há, para persuadir, ã não há o. grãde, nem pequeno. Porque teêdo a mesma posição de letras, ouo, & ouos, não se pode dizer, ã em o singular he o primeiro .o. pequeno, & no plural, ã o mesmo he longo. Porã não se mudando as letras, nem a significação, senão o numero, não se pode mudar a quãtidade. Polo ã fica claro, ã a mudança he de hum accentto em outro, & não de hũ .o. grande a outro .o. pequeno.

Outra razão há, ã ainda ã stemos hũ grande spaço, pronũciando, & soando a primeira syllaba deste nome, ouo, sempre o primeiro .o. soa baxo, & com menos hiato da bocca. E pelo contrario, ainda ã mui pequeno spaço nos detenhamos, em pronũciar a primeira syllaba desta palaura, modo, ou coruos, no plural, fica logo soando de differente maneira, & com a bocca mais aberta. Donde se collige, ã a differença

não consiste na grãdeza, ou pouquidade do .o. senão no aleuãtar, ou abaxar do tom, ou na differente maneira de formarmos os .oo. na pronunciação.

Item se ha de aduertir, ã no soido nenhũa differença ha entre .ω. mega & .o. micron, acerca dos Gregos, mais ã ser lōga a syllaba do .ω. mega, & a do .o. micrō breue. Polo ã não fazē a differença do nosso .o. leuãtado, ao baxo. Mas ē muitos vocabulos Gregos, em ã não ha mais differença, ã hum screuer se cō .ω. & outro cō .o. parece ã pelo cōtrario o .o. micron soa mais alto, & semelhãte ao nosso .o. ã querē chamar grãde, & .ω. mega mais baxo, & semelhãte ao ã querē chamar pequeno, por causa do accēto circũflexo, com que se differenceão, como se vee nestes nomes βόλος por funda, & βῶλος, por terrão, ou almagra, & λόμα por dom, & λῶμα, por casa: onde ninguem na pronũciação fara a tal differença de hũ a outro, ã se possa cōparar aa nossa de ouo, ou ouos, ou que pareça teer outra differença, mais ã a tardãça de pronũciar a syllaba.

E o que tenho aduertido da nossa lingua he, ã as dições, em que há esta differença de .oo. sã os nomes de duas syllabas, que na primeira, & na segũda syllaba teem .o. Dos quaes muitos teem no singular accēto circũflexo, na primeira syllaba, & no plural accento

agudo na mesma, como, fôgo, fôgos. fôrno, fôrnos. ôsso, ôssos. ôlho, ôlhos. pôuo, póuos. pôrco, pórcos. tôjo, tójos. & outros taes como estes. Mas algũus ha, que não mudão o accento no numero plural como: bojo, bolo, boto, coco, choro por pranto, & choro por cõgregação, corro, coto, coxo, fojo, forro, froxo gordo, gosto, gozo, horto, lobo, moço, mocho, moio, molho por escaueche ou potage, nojo, oco, olmo, poço, potro, rodo, rogo, rolo, soldo por stipendio ou soldada, solho, soruo, tollo, torno, troco, vodo.

Item se pronunção com accêto circumflexo, assi no singular como no plural, todo los nomes, que na primeira syllaba teem .m. ou .n. dospois do .o. como, lombo, momo, tombo, pombo, longo, ponto, conto, dono. E os que na primeira syllaba teem diptongo de .ou. como couro, louro, touro, pouco, rouco.

Item ha outros, que teendo no singular o accento circumflexo, teem no plural o accento indifferente. Porque de pôço, dizem pôços, & póços. & de tôrto, tôrtos, & tórtos. & nôuo, nôuos, & nóuos. & de ôsso, ôssos, & óssos, & de pôuo, pôuos, & póuos.

Item há outros dissyllabos, que assi no singular,

como no plural, teem na primeira syllaba o accento agudo, como: cópo, módo, mólho por fexe, sól-do por moeda, vósso, nósso, cóllo, fróco, lógico aduerbio.

Item se há de notar, ã não soamente há esta differença do singular ao plural, mas do genero masculino ao feminino, ã assi como mudão o accêto agudo no plural, assi no genero feminino. Porque de tórto, dizemos tórta. & de pôrco, pórcã. & de côruo, córuã. Mas os que não mudão o accêto no plural, não o mudão no genero feminino, assi como, môço, môça. frôxo, frôxa. côxo, côxa. gôrdo, gôrda. Tirãdo porẽ de dôno, dóna por auóa. & de pôsto, pósta, & de nôuo, nóua, ã se pronunciação com o accêto agudo.

E a mesma regra guardão os nomes de muitas syllabas, se na penultima, & vltima teem .o. porã assi no singular, como no plural, teem accento circumflexo, como, xarrôco, xarrôcos. barrôco, barrôcos. peixôto, canhôto, rapôso, & todos os nomes acabados em .oso. como feroso, copioso, iroso. Mas teẽ esta differença, que os femininos mudão o accento em agudo, como: barróca, peixóta, fermósa, irósa: tirando rapôsa, que vem de rabôso, & rabósa.

Item não soomẽte há esta differença de accêto nos

nomes, mas ainda nos verbos. Porque hũs são circumflexos, como: côrro, ôuço, pônho, cômô: & outros são agudos .como jógo, pósso, fólgo, tróco.

Deuenos por tanto ficar por regra, que pois a differença consiste no accentto, & não na scriptura, que não teemos mais que hum .o. & que não se deue screuer com .o. dobrado, nenhũa dição, tirando na vltima syllaba, os nomes contractos, de que a diante faremos menção. Nem he necessario notar as palavras com accentto, para fazer differença, quãdo he agudo, de quando he graue, ou circumflexo, por não trazermos aa nossa lingua o trabalho da lingua Grega. Mas baste para a pronunciação, saber as regras acima dictas. Soamente deuemos accentuar as dições, em que pode hauer differença de significação, quando teem differente accentto, como, côr, por color, que screueremos com accentto circumflexo, & cór por vontade com agudo. E pôde, quando he preterito, screueremos com circumflexo, & póde do presente com agudo, & assi outros desta qualidade.

Q.

Q. He letra muda, que nenhũa lingua teem, senão

a Latina, & as que della descendem, & pronun-
ciase como .c. segundo os antigos: As quaes duas
letras entre si, não se differenciauão na pronuncia-
ção, mais que na figura. Polo que dixerão mui-
tos antigos, que o .q. era letra ociosa, & desne-
cessaria. D'onde veo, que muitos homens doctos
nunqua a costumarão em sua scriptura, como foi
Nigidio Figulo contemporaneo de Marco Tullio,
que nunca vsou .k. nem .q. Porque o mesmo effe-
cto tinha o .c. em tudo. E assi veerão, que muitos dos
mesmos antigos, screuião per .q. palauras que des-
pois se screuerão per .c. que por dizerem arcus,
& oculus, dizião arqus, & oqulus. E pelo contra-
rio, de sequor dixerão secutus, & de loquor, locu-
tus. E assi nos relatiuos, variamos os casos, hora per
q. hora per .c. como: quis, cuius, cui, quem, quo.
Mas porem esta differença há, que sempre despois
do .q. se segue hum .u. liquido, & sem força. O
qual não se pode negar fazer algũa differença na pro-
nunciação do .c. Porque de hũa maneira nos soa,
aqua, & d'outra, aca, por causa d'aquelle .u. que sem-
pre se sente. D'onde se segue, que a pronuncia-
ção, que nos agora damos ao .c. como assouiando,
& chegando a lingua dobrada aos dentes, he fal-

sa, & que a verdadeira pronunciação, he retrahindo a lingoa, que não chegue aos dentes, & apertando a campainha, lançando a voz de dentro, da maneira que pronunciamos o .q. dizendo que, ou como agora os Italianos pronuncião o seu relatiuo *Che*, quando dizem, *Che fai? Che pensi?*. Mas ainda que os antigos chamassem a esta letra ociosa, a nos he necessaria, assi para screuermos todas as dições, que os Latinos per ella screuião, como por a adulterina pronunciação, que viemos dar ao .c. junto a estas letras .e. i. de que nos ficou necessidade, de soccorrermos com que, qui, para correrem todas vogaes de hum soido, & pronunciação, & dizermos: ca, que, qui, co, cu. &, qua, que, qui, quo, quu.

R.

R. He letra semiuogal, simplez, & não de duas maneiras, como os vulgares cuidão, ã põem no seu alphabeto duas figuras: hũa, que dizem ser de .r. singello, & outra de dobrado, ã se põe no principio das dições, ou quãdo soa como dobrado. O que he grande erro. Porque dessa maneira, a todas letras podião dar duas figuras, hũa para quando são sin-

gellas, & outra quando são dobradas. Polo ã hemos de dizer, que não ha mais, que hum .r. em potestade. O qual quando se dobra em voz, se dobra tambem em numero. E o ã enganou aos vulgares, foi, que aas vezes sem se dobrar, se pronuncia, quasi como dobrado, sendo na verdade singello. O que se faz de cinco maneiras. A primeira se se põe em principio de dição, como: raposa, rio, rua: onde stá claro, que não pode ser dobrado, por ser principio de syllaba, & não poderẽ duas letras de hum genero ferir a mesma vogal. A segunda se antes do .r. vai .n. como: honra, tenro, genro. A terceira se pelo contrário, antes do .n. vê o .r. como: sarna, inferno, forno, torno. A quarta se antes do .r. vem .s. como, Israel. A quinta se a dição, que começaua em .r. se cõpõs com algũa das preposições, pre, ou pro, como prerogatiua, prorogar.

S.

S. He letra semiuogal, & mais assouio que letra, segundo dizia Marco Messala. Onde veo, ã a figura della denotarão, como hũa cobra enroscada, por parecer mais pronunciação de cobras, que de homens. A qual letra, ainda que os vulgares a figurem

em seu alphabeto de duas maneiras assi .s. s. em potestade, & força, he hũa soo letra. Porque essa differença he para a graça da scriptura, mas não para fazer differença na pronunciação. Isto lembro, porq̃ há algũus que cuidão, que de .s. há duas species .s. hum que se pronuncia dobrado, & ã se vsa no principio, que he o comprido assi .s. outro curto assi .s. mais brando, para o cabo das syllabas. O ã não he assi. Porque se ha de notar, que todalas vezes, que as dições começam em .s. & despois delle se segue vogal, naturalmente se pronuncia como dobrado, como: sancto, sella, sitio, solitario, summa. E apenas o poderão pronunciar como singello, que não fique soando como o .z. O que não he nas dições, ã teem despois do .s. outra consoante, como spero, stilo. No que tambem hão de aduertir, que da mesma maneira se pronũcia, como dobrado, quando vem despois de consoante, como falso, manso, persuadir, & outros semelhantes.

V.

V. Teem dous officios, hũ proprio, quãdo soa per si como as outras vogaes. como: vsso, vsura: outro emprestado, quando fere vogal, ã teem grãde

semelhãça cõ o .f. no som, como nestas palauras: verdade, virtude. A qual pronunciação (como teemos dicto) os Latinos antigos screuião com o digamma dos Aeolicos, que tinha semelhança do nosso .f. no som, & na figura. Mas despois que o .f. succedeo em lugar do .ph. Grego, tomarão emprestado o .u. & vsarão delle em lugar do digamma. O qual differencemos agora, quãdo he consoante, de quando he vogal, desta maneira .v. ao menos no principio das dições. Porque no meo dellas, vsão do .u. indistinctamente, quer seja vogal, quer consoante.

X.

X. He letra dobrada, que consta de .c. & .s. em algũus vocabulos, & em outros de .g. & .s. Porq̃ em pax, assi pronunciação os Latinos o .x. como se dicessem, pac, & lhe accrescentassem .s. E assi pronũcião lex, como se dicessem, leg, & despois lhe ajũtassem .s. O ã se vee pela formação dos casos. Porq̃ de pax, dizemos pacis, & de nux, nucis, & de lex, legis, & de Rex, Regis. Mas isto he quanto aa pronunciação das palauras Latinas. Porque a pronunciação que agora damos a esta letra, he Arabica, da maneira que os Mouros pronunciação o seu, xin.

Polo que nas palauras Hespanhoes, não nos fica ser-uindo o .x. dos Latinos, em força & potestade, senão em figura, per que denotamos a dicta pronunciação Arabica, como nestas palauras: paixão, caxa, enxada, coxim. E assi os Franceses, que teem a mesma pronunciação que nos, a denotão per .ch. imprópriamente, porque per .x. se não podia denotar, & dizem, *Cheval* & *Chapitre*, por *Xeval*, & *Xapitre*.

Y.

Y. He letra vogal dos Gregos, que os Latinos receberão em seu alphabeto, para com ella screuerem os nomes Gregos, que naturalmente a teem, como nos tambem deuemos fazer. Mas assi os Hespanhoes, como os Frãceses vsão della mal: porque indistinctamente se aproueirão della, em lugar de .i. vogal, em vocabulos originalmête Latinos, ou proprios da lingua Hespanhol, & Francesa, que não podem teer aquella letra, que he propriamente Grega. A qual teue muita differença do .i. na pronũciação, posto que ao presente a não sintamos, como he em muitas outras letras, a que não damos seu proprio som, por se perder com o discurso do tempo. De q̃ he grande argumento, que os Latinos antigos, quã-

do screuião com suas letras as dições, em que entra-ua .y. em lugar delle, punhão, & pronuncião .u. como neste nome, Sylla, por o qual dizião, Sulla, & como se vee na trasladação de muitos vocabulos da lingua Grega na Latina. Porque por mylos, dixerão mulus, & por thynnus, thunnus, & por mys, mus, & por sambyca, sambuca. Porque nisto seguião aos Aeolicos, que pronũciauão o .y. como .u. E assi verão, que em muitos nomes Gregos, mudarão os Latinos o .y. em .o. como de nyx, nox. de styrax, storax. de myle, mola. O que quis lêbrar, para que saibão, quanta differença tinha o .y. do .i. na pronũciação, que não se podia exprimir per outra letra mais propriamente, que per .u. ou .o. com que tinha mais semelhança. Polo que stá claro, que na pronunciação, tinha manifesta differença do .i. ainda que agora a não alcãcemos. Porq̃ se não tiuera differẽte soido, não o accrescẽtarão os Gregos ao seu alphabeto, como letra differente do .i. & das outras vogaes. Qua acerca delles, assi como distão as letras na figura, assi distão na pronunciação.

Do que fica conuencido o abuso, dos ã fazem essa letra consoante, como o .j. Porque sendo de sua natureza sempre vogal, screuẽ Yeronimo, & Yoão,

como se vee ã moedas de algũus Reis de Hespanha, onde pelo .Y. denotauão, IOANNE, por a maa orthographia de seus ministros, que derão traça para ellas. O que os Reis não deuião cõmetter, senão a homẽes exquisitamente doctos, & mui auisados. Porq̃ como as moedas correm muitas terras, & muitas mãos, fica mui exemplado o acerto, ou desconcerto dellas. Assi q̃ hemos de seguir nisto os Latinos, & soomẽte screuer cõ .y. as dições Gregas, de que vsamos no Hespanhol, em q̃ vẽ a dicta letra, & não as originalmẽte Latinas, ou Hespanhoes, como: Hieronymo, Hippolyto, hydropico, crystal, myrrha, mysterio, & outros infinitos, q̃ os versados na lĩgoa Grega saberão. Dos quaes poerei, os q̃ podẽ vir sob certa regra: como sã todos os cõpostos desta preposição, syn, q̃ quer dizer cum, & acerca de nos, cõ, como: syllaba syllogismo, synagoga, syncopa, syndico, synodo.

Item os nomes deriuados de chrysos, q̃ quer dizer ouro, como Chryseis, Chrysippo, Chrysogono, Chrysostomo.

Item os deriuados de pyr, q̃ quer dizer fogo, como Pyreneo, pyramis, Pyramo, Pyrrho, & pyropo.

Item os deriuados de lycos, que quer dizer lobo, como Lycaon, Lycaonia, Lycómedes.

Item os deriuados de poly, que quer dizer muito, como polypus, Polycrates, Polydoro.

Item os deriuados de hydor, que quer dizer agoa, como hydria, hydra, hydropico, hydropesia.

Item os deriuados de physis, que quer dizer natureza, como physico, metaphysico, & physionomia, por o qual os idiotas dizem phylosomia.

Item os compostos da preposição hyper, que quer dizer, super, ou vltra, como hyperbole, hyperbatõ, hyperboreus.

Item os compostos de hypo, que quer dizer sub, como hypocrita, hypotheca.

No que se deue aduertir, que todalas vezes, que a dição se começar em .y. sempre vai com aspiração, como nos exemplos acima dictos.

Item há algũs nomes Latinos, a que dão origem Grega, que se screuem com .y. como sylua, de hyle, & consyderar de sydus. O que em cõsiderar não admittiria, porq̃ sidus he nome Latino (como diz Macrobio sobre o sonho de Scipião) & diz se de sido, que quer dizer star fixo, que he mais verisimel etymologia, que a que lhe dão de syn, & de eidein, palauras Gregas, que querem dizer juntamente veer.

Polo que fique por regra, ã toda a dição screuamos per .i. Latino, tirando os vocabulos Gregos, em que entra .y. porã da mesma maneira os screueremos.

Z.

Z. Não he hũa soo letra, mas abbreviação, ou figura de duas letras, como o .x. porque se comprehendem nesta figura .s. & .d. Porque assi pronunciaão os Gregos, & Latinos, Zacynthos, como se screuerão Sdacynthos. E a mesma pronũciação teẽ Ezrás, que Esdrás. Mas com o tẽpo, perdeo se a propria pronunciação desta letra, que os antigos lhe daũão, & damos lha agora per hũa maneira, que soa entre .s. & .ç. A qual letra, porque muitos vulgares a confundem com o .s. & aas vezes com .ç. poerei algũus lugares, onde a deuemos vsar. E cõ ella screueremos todolos nomes patronymicos Portugueses, como de Alvaro, Alvarez. de Nuno, Nunez. de Pedro, Pirez. de Antonio, Antunez. de Paio, Paez. de Garcia, Garcez. de Martinho, Martijz. de Rodrigo, Rodriguez. de Rui, Ruiz. de Lopo, Lopez. de Tello, Tellez. de Gonçalo, Gonçaluez. de Mendo, Mendez. de Vasco, Vaaz. Lainez, de Lain. Bermudez, de Bermudo. de Henrique, Henriquez. de

Ximeno, Ximenez. de Diogo, Diaz. de Ioanne, Ianez, ou Ianes. de Marcos, Marquez.

Item se screuem com esta letra, os nomes femininos denominados, d'outros desta figura: auareza, largueza, fraqueza, simpleza.

Item todolos nomes, que na vltima syllaba teem a. com o accêto nella, como: arganáz, cabáz, rapáz. E os que significão augmento, ou abundancia, que as mais vezes se tomão em maa parte, como: bebaráz, ladrauáz, lingoaráz, truanáz, &c.

Item se screuem algũs nomes, que teem accentto, & .e. na vltima syllaba, como, axedrêz, vêz, pêz, feéz, treéz, & garoupéz. E estes são poucos: porque os mais se screuem per .s. ainda que tenham o accentto na vltima, como: Português, Ingrês, Marquês, reuês, conuês, &c.

Item se screuem com .z. os nomes, que teendo .i. na vltima syllaba, teem o accêto nella, como: abuíz, almofaríz, chafaríz, chamaríz, codorníz, juíz, perdíz, raíz, verníz.

Item os nomes, que teem da mesma maneira na vltima o accêto, & .o. vogal, como: albornóz, algôz, arrôz, atróz, Badaióz, Estremôz. E os monosyllabos .s. de hũa soo syllaba, que teem o accentto agudo,

como: coz, foz, noz, voz, tirando nos, & vos pronomes, que se screuem com .s.

Item os nomes que teem .u. na mesma vltima com accento, como: alcaçuz, arcabuz, Andaluz, alcatruz, Ormuz, cuscuz. E as dições de hũa syllaba, como cruz, luz: tirando a primeira pessoa do preterito perfectio, do verbo, ponho, que he pôs, que se screue com .s.

Item se screuem com esta letra, as terceiras pessoas destes verbos, & seus descendêtes: faz, diz, jaz, traz, como: fazia, dizia, jazia, trazia . fazer, dizer, fazer, trazer.

Item estes nomes numeraes, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezaseis, dezasete, dezoito, dezanoue. dozentos, trezentos. Mas quatrocentos, & os mais ate mil, se screuem per .c.

Item se ha de notar, que por esta letra em si ser dobrada, se não pode dobrar na scriptura. Polo que he grãde abuso o dos Italianos, os quaes totalas vezes, que o .z. vem entre duas vogaes, o dobrão, & dizem, *vaghezza, bellezza, dolcezza*. O que não pode ser: porq̃ os dous .zz. teẽ força de quatro consoantes, q̃ não teem vogaes, a que vão atadas. Saluo se dixerem, q̃ esta letra perdeo a propria pronunciação antiga das letras
dobra-

das, & que agora he hũa specie de .s. que dobrado vem dar no nosso .ç.

Til.

TIL não he letra, mas hũa linha & abbreviatura, que se põe sobre as dições, com que suprimos muitas letras. Dõde veo chamar se til, que quer dizer titulo, como se vee nesta palaura, misericordia, que abbreviando a com o til, escusamos todas estas letras. isericord. screuendo assi, mĩa. & assi outras muitas letras em outras palauras, como, bispo, apostolo, tempo, bpo, aplõ, tpo. Mas o mais frequente vso desta abbreviatura, he servir de .m.n. A qual sendo a todas nações, que della vsão, voluntaria, a nos he necessaria, quando com ella suprimos o .m. com que formamos algũus diphthõgos. E a causa desta necessidade he, que a razão da orthographia, em todalas lingoas, requiere, quando entre duas vogaes vem hũa consoante, que sempre essa consoante va com a vogal seguinte, como: amo, Roma. As quaes dições he manifesto, que se hão de screuer assi, a-mo. Ro-ma. Mas acerca de nos, ha hũa peculiar, & propria pronunciação, & estranha das outras nações, que em algũas dições, onde

o .m. vem entre duas vogaes, pronunciamolo de maneira, que fica com a vogal precedente, & não com a seguinte. A qual pronunção de .m. não he perfecta, nem inteira. Polo que não sem razão, o chamaremos liquido, porque fica mais apagado, & froxo, que quando vai com a vogal seguinte, como se vee nestas palauras, Alemam-o, capitam-o. Onde assi soa o .m. como se ficasse com o .a. precedente, sem ferir no .o. que se segue.

E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajũtem sempre em diphthongo, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamẽte per a dicta abbreviatura, por não termos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, beleguĩs.

E a causa d'esta pronunção he, por a propriedade da nossa lingua Portuguesa, que sempre põe .m. no fim das dições, onde os Castelhanos põem .n. Polo q̃ dizendo elles, hermano, hermana, lana, era necessario, q̃ dixessemos, hermamo, hermama, lama,

que ficaua em outra forma, & mui desuiado da razão, & analogia Latina, & Hespanhol, a que a nossa lingua sempre teem respecto. E por tanto fazendo aquelle .m. liquido, ficamos imitando a pronunciação, & analogia da lingua Castelhana, & não fongindo da Latina, & guardãdo a propriedade de nossa lingua, de fugir o .n. & dizemos irmão, irmã, lãa. E assi respondemos com o .til. a todos los vocabulos Castelhanos, que se acabão em .n. como mais largamente diremos, em o capitulo dos diphthongos.

DA AFFINIDADE, QVE

algũas letras teem entre si, & como se conuertem hũas em outras.

AS letras entre si teem hũas com as outras muita semelhança, & affinidade, & por tão to facilmente se corrõpem & mudão hũas em outras, não soamente de hũa lingua a outra, mas em hũa mesma lingua. Polo que teendo noticia desta semelhança, & mudança, que fazem de hũas em outras, facilmente viremos dar cõ a origem dos vocabulos corruptos. O ã muito serue, para saber a propriedade das palauras, & verdadeira scriptura dellas.

- A. primeiramente se muda em .e. como de alacris alegre. factus, feito. amai, amei. & aas vezes ã .o. como são todos os diphthongos de .au. em .ou. como de aurum, ouro. de laurus, louro. de taurus, touro. de caulis couue. por Autumnus, outomno. E (por não gastar tẽpo) todos os mais vocabulos, em que este diphthongo .au. entra, tirãdo author, authoridade, aução, caução, causa, agouro, Agosto, Agostinho, & poucos mais.
- B. mudase em .u. como de debeo, deuo. de caballus, cauallo. de cibus, ceuo. E aas vezes em .p. como de rabosa, raposa.
- C. mudase em .g. como de caecus cego. locusta, lagosta. secretum segredo. periculum, perigo. & tãbẽ em .z. como de recẽs, rezente. de sarcio, sarzir. de faço, fazer. de jaço, jazer.
- E. mudase em .i. como de legi, lij. feci, fiz.
- F. mudase em .b. como de rafanus, ou raphanus, rabão. de fremo, bramo. E muda se em .u. com que teem mais parentesco, como teemos dicto, como de ruffus, ruiuo. de trifolium, treuo.
- G. mudase em .c. como de gammarus, câmarão. de Gades, Calez. E o .gn. corrompe se em .nh. como de lignum, lenho. de pignus, penhor.

- I. mudase em .e. como de cibus, ceuo. de pica, pega. de bibo, bebo. de lignũ, lenha. de pignus, penhor.
- L. corrompese em .r. como de blandus, brando. de clauus, crauo. E quãdo vem despois de .c.f.p. corrompe se em .ch. como de clauis, chaue. de flamma, chama. de plaga, chaga.
- O. corrompese em .u. como de locus, lugar. de cognatus, cunhado, ainda que em errada significação. de constare, custar.
- P. corrompese em .b. como de prunum, brunho. capra, cabra. capillus, cabelo. pustula, bustella.
- Q. em .ç. como laqueus laço: & aas vezes em .z. como de coquus, cozinheiro. de coquo, cozo, por cozer no fogo. Porque por coser com agulha, de cõsuo, dizemos per .s. Outras vezes em .g. como de aquila, aguia. aqua, agoa.
- S. mudamos em .ç. como de succus, çumo.
- T. corrompese em .d. como de amatus, amado. de de auditus, ouuido. de fatum, fado.
- V. vogal corrompese em .o. como de vnda, onda. musca, mosca. nurus, nora. lupus, lobo. vmbra, sombra.
- X. corrompese em .z. como de nux, noz. de pax, paz. de vox, voz.

DOS DIPHTHONGOS

da lingua Portuguesa.

Diphthongo he hum ajuntamento, ou cõcurso de duas vogaes, ã guardão sua força em hũa soo syllaba: & he palaura Grega, que quer dizer dobrado som. E todas as linguas teẽ seus diphthongos proprios, & algũas teẽ triphthõgos, que quer dizer, ajuntamento de tres vogaes em hũa soo syllaba, como se vee nestas palauras Frãcesas, *veau*, *beau* & nestas Castelhanas, *buei*, *bueitre*, *vaiais*. E estes diphthongos se formão em cada lingua de differentes maneiras, & per diuersos ajuntamentos de vogaes. Item hũas nações teem mais diphthongos, & outras menos. Porque os Gregos vsão de. XII. & os Latinos de VI. s. ae. au. ei. eu. oe. yi. Posto que antigamente tinhão .X. dos quaes se forão esquecendo quatro. Mas em nossa lingua há XVI. diphthongos .s. ãa, ãe, ai, ão, au, ãe, ei, eu, ãj, oa, oi, õe, õo, ou, ui, ãu. Dos quaes teemos tres commũs com os Latinos .s. au, ei, eu. & outros tres commũs com os Castelhanos .s. ai. oi. ui. E .X. são peculiares nossos, & não d'outra algũa nação .s. ãa, ãe, ão, ãe, ãj, oa, õe, õo, ou, ãu.

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ screuer com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alphabeto, de maneira que fiquem scriptas, como as nos pronũciamos. Porque se screuerem, irmam, romam, lam, vão dar em outro soido mui differente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. E não faz dizer, que com hum .a. & com hum til, representarão o som, ã que nos pronunciamos, & que se escusará o inconueniente, de formar hum diphthongo de duas uogaes semelhantes. Porque esse til, assi soa no fim da dição, como .m. ou .n. por ser abbreviatura das dictas letras.

Item se ha de aduertir, que os nomes femininos, que em Portugues se acabão em .ãa. teem a mesma differença de seus masculinos acabados em .ão. que teem os Latinos acabados em .ana. dos acabados em anus, ou .ano. se são Italianos, ou Castelhanos, & a mesma analogia, & proporção guardão. Polo que assi como dizemos, germanus, ou germano, & germana, mudada a terminação significatiua do genero masculino de .us. ou .o. em a feminina de .a. assi esta palaura fica na mesma regra, acabãdo em .a. por-

que o til, que se põe em irmão, não he sobre o .o. que he a derradeira letra, senão sobre o .a. que he a penultima, como teemos dicto no capitulo do Til. O qual mettendose no meo, faz aquelle vinculo de duas letras, que he o diphthongo. Assi que irmã, hauendo de guardar a mesma analogia, deue se screuer mudada soo a terminação do .o. em .a. E desta maneira fica o .a. dobrado.

O .II. diphthongo he .ãe. em que se acabão os nomes pluraes, cujos singulares se acabão em .ão. como capitães, gaviões, Alemães, & outros infinitos, que pelo vso se sabem, posto que outros fazẽ os pluraes em .ãos. como cidadãos, villãos, aldeãos, & outros em .ões. como cordões, roupões, quinhões, como vereis abaxo no quarto diphthongo.

O .III. diphthõgo he .ai. como: gaita, bailo, Cairo. As quaes duas vogaes .a. & .i. podem concorrer em hũa mesma dição, sem formar diphthongo, & fazer cada hũa syllaba per si, como rainha, bainya, cair. O que se conhece, que quando não he diphthõgo, vai sempre o accentto no .i.

O .III. diphthongo he .ão. o qual he o mais frequentado da nossa lingua, & sobre que ha mais opiniões, & duuida, em que lugares se ha de vsar. Por-

que hũus indistinctamente o vsão, & o confundem com esta terminação .am. não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto. Porque no fim das palauras, que acabamos com esta pronunciação, achamos hum sabor de .o. que não achamos no fim da primeira syllaba desta palaura, campo. E he manifesto (como diz Prisciano, referindo a Plinio) que o .m. no principio da dição dá hum som claro, & no meo mediocre, & no fim mui obscuro, & apagado. De maneira que se nossas dições acabassemos em .am. soarião mui mais apagadamente, do que soa a primeira syllaba de cam-po. E nos pelo contrario, nas dictas dições sentimos hũ som muito descuberto, & mui desuiado de .m. que o não podemos exprimir, & representar, senão com o nosso diphthongo .ão.

De maneira que com este diphthongo hemos de screuer necessariamente as terceiras pessoas do plural do indicatiuo modo, da primeira conjugação dos Portugueses, como amão, accusão. Itẽ as terceiras pessoas do plural de todos verbos, de qualquer cõjugação, do preterito imperfecto, como amauão tinhão, ouuião. Item as terceiras pessoas do plural, do preterito perfectio, de todos verbos indistincta-

mente como amárão, lérão, ouuirão. Item todas as terceiras pessoas do futuro de todas as conjugações, como: amarão, screuerão, ouuirão com o accêto na vltima. Item todas as terceiras pessoas do imperatiuo modo do plural dos verbos da segunda, & terceira conjugação dos Portugueses, como: leão, oução. Item as terceiras pessoas do futuro do optatiuo modo da segunda, & terceira cõjugação, como: oxala leão, oução. Item as mesmas pessoas do presente do conjunctiuo, como: leão, oução.

Finalmente, com o dicto diphthõgo se hão de screuer, na final terminação, todos os nomes, q̃ vulgarmente se screuem per .am. dizendo, capitão, Alemão, galeão, taballião, se queremos screuer, como pronũciamos. De maneira que nenhum nome, nem verbo se screua no fim per .am. que he pronunciação alhea, da q̃ nos damos aos dictos vocabulos. E quẽ quizer veer a pronunciação propria de .am. & quam differente he, da que damos aos dictos vocabulos assi acabados, coteje a primeira syllaba desta palaura cam-po, com a final desta palaura, falcam. A qual pronunciação, de nenhũa outra maneira podemos representar, senão assi, falcão. Polo que per .am. me não atreueria screuer outras palauras, senão aquel-

las, tam, & quam, que dos Latinos nos ficarão inteiras, & aquellas syncopadas, gram, por grande, quando se segue consoante, &, sam, por sancto: por as quaes algũus screuem, grand, & sanct.

E a razão d'os dictos vocabulos se não screuerem per .am, & succeder aquelle diphthongo, em lugar das dictas letras, segundo tenho aduertido, he a analogia, & respecto, que a lingua Portuguesa vai teêdo com a Castelhana, que sempre onde a Castelhana diz, an. ou .on. que he sua particular terminação, responde a Portuguesa com aquella pronunciação de .ão. que succede em lugar da antiga terminação dos Portugueses de .om. ã punhão em lugar do .an. ou .on. dos Castelhanos. A qual ainda agora guardão algũus homens d'entre Douro & Minho, & os Gallegos, que dizem, fizerom, amarom, capitom, cidadom, taballiom, appelaçom. O qual respecto, & analogia, se guardão em muitas palauras, hũas lingoas a outras, como se vee nas lingoas, Latina, Thoscana, Castelhana, & Portuguesa, em muitos nomes, que começam em letra muta com liquida, que sempre vão em hũa proporção, respondendo hũas lingoas a outras, como se vee nestes exemplos seguintes.

<i>Latino.</i>	<i>Italiano.</i>	<i>Castelhano.</i>	<i>Portugues.</i>
Clamare.	chiamare.	llamar.	chamar.
clauis.	chiaue.	llaue.	chaue.
flamma.	fiamma.	llama.	chama.
plaga.	piaga.	llaga.	chaga.
planus.	piano.	llano.	chão.
plenus.	pieno.	lleno.	cheo.
pluma.	piuma.	pluma.	chumaço chumella
plũbum.	piombo.	plomo.	chumbo.
pluuia.	pioggia.	lluuia.	chuiua.
pluit.	pioue.	llueue.	choue.
plantago.	plantagine.	llanten.	chantagẽ.

Nos quaes exẽplos de industria me quis deteer, para saberem os lectores, ã pela analogia, & correspõden-
cia, de hũas lingoas a outras, podem saber a origem
de muitos vocabulos, que per outra maneira não po-
derião alcançar: & para veerem per esta semelhãça,
a razão do nosso diphthongo .ão. que sempre vai res-
pondendo ao .n. dos Castelhanos, & dos Latinos, &
Italianos, como ao amarunt Latino, amaronno Ita-
liano, amaron Castellano, o amarão, Portugues.

Mas porque algũus, que se não prezauão de maos

Portugueses vierrar, & embaraçar se, no formar dos pluraes destes nomes, cujos singulares se acabão em ão: & hũs dizẽ, villões, & outros villãos, cidadões, & Alemões, quero lho poer em arte, para quando duuidarẽ. E tenham esta regra: q̃ veção esse nome acabado em .ão. como acaba acerca dos Castelhanos no singular. Porq̃ se acaba em .an. faz o plural acerca d'elles em, anes, como: capitan, capitanes, gauilan, gauilanes, Aleman, Alemanes. E assi forma sempre, sem excepção algũa, o Portugues o singular em .ão. & o plural em .ães. dizendo de capitão, capitães, de gauião, gauiães, de Alemão Alemães: & assi os mais.

Mas se acerca dos Castelhanos, o singular que o Portugues forma em .ão. se forma em ano, como villano, ciudadano, aldeano, de que elles formão o seu plural em, anos, o nosso plural seraa em, ãos. E assi como elles dizem, villano, villanos, ciudadano, ciudadanos, aldeano, aldeanos. diremos nos, villãos, cidadãos, aldeãos.

Mas se o singular acerca dos Castelhanos he ã .on. será o nosso em .ões. E assi como elles dizẽ sermon, sermones, opinion, opinionones, coração, corações, assi diremos nos sermão, sermões, opinião, opiniões, coração, corações. Porq̃ nisto, & ã muitas cousas outras

que por breuidade deixo, tõe respecto, & correspondencia a lingoa Portuguesa aa Castelhana. D'onde vem, que dizemos por o seu, can, canes, cão, cães: & por o seu, cano, canos, cão, cães.

Porem se os vocabulos em .ão. são meros Portugueses, ou commũus a outras lingoas, & os não há em Castelhana, sempre se acabará a voz do plural em .oës. como patacão, patações, tecelão, tecelões, follião, folliões. Porque se tõe nisto respecto, que as palauras, que se agora acabão na lingoa Portuguesa em .ão. se acabauão todas antigamente em .om. como acima stá dicto. E pelo costume (que nisto sempre hemos de seguir) ficarão fora das dictas regras, taballiães, & scriuães, que por a dicta analogia, houerão de fazer, taballiões, & scriuãos. E tãbem ficão fora desta regra estes indifferentes, cidadãos, & cidadões, de cidadão, villãos, & villões, de villão.

O V. diphthongo he .au. com que se screuem os nomes Latinos, que ficarão incorruptos na nossa lingoa, como author, authoridade, Aurelio, causa. Mas bem podem concorrer estas duas vogaes, sem formar diphthongo, & ir cada letra per si, & fazer syllaba, como em saúde, alaúde, ataúde. O que se conhece no accento, que vai no .u.

O .VI. diphthongo he .ei. como geito, feito, Rei. As quaes letras podem outro si cõcorrer, sem se coallharem em diphthongo, como em Deíphobo, Deíphile. O que se conhece pelo accento ã vai no .i.

O .VII. diphthõgo he, ãe. ã vem nos nomes pluraes, cujos singulares se acabão em .em. bẽ, bẽes, vintẽ, vintẽes. Os quaes pluraes, se não podẽ formar ã nossa lingua, sem o vinculo do .til. ã liga os dous .ee. por não dizermos, bemes, como a razão & analogia da nossa lingua pedia, nẽ benes, como Castelhanos.

O .VIII. diphthõgo he .eu. como Euphrates, Eugenio, meu, teu, seu. O qual concurso de letras pode tambem fazer suas syllabas separadas, sem se diphthõgarem, como, ceúmes, teúdo, mãteúdo, meúdo. O que se conhece no accento que vai no .u.

O .IX. diphthõgo he, ãj, o qual vẽ necessariamente nos pluraes dos nomes, cujos singulares se acabão ã im. como malsim, malsĩjs. roim, roĩjs. beleguim, beleguĩjs. Os quaes se não podẽ formar sem o dicto diphthõgo, como teemos dicto no diphthõgo .ãe.

O .X. diphthongo he .oa. ã vem depois do .g. em lugar do .u. liquido, que vinha em vocabulos Latinos depois do .q. como de aqua, agoa. equa, egoa. lingua, lingua. & em outros meros Portugueses, co-

mo fragoa, ou corruptos, & cõtractos, como de macula, magoa. Mas quando se o accento põe no .o. que denota diuisão da syllaba, não forma diphthongo, como Lisbôa, borôa, azambôa.

O .XI. diphthongo he .oi. como noite, coiro. Mas não sempre se estas letras ajũtão em hũa syllaba, formando diphthõgo: porq̃ muitas vezes se diuidem, como em soidade, soido, arroido, moinho, & outros muitos. O ã se conhece no accento, que vai no .i.

O .XII. diphthongo he .õe. como cordões, roupões, quinhões.

O .XIII. diphthongo he .õo. ã vem para formação dos nomes pluraes, cujos singulares se acabão em om. como, bom, tom, som, Dom. Porq̃ dizemos, bõos, tõos, sõos, Dõos, pela razão, que deemos no diphthõgo. VII. E de caminho lẽbro aos lectores, ã esta palaura Dom, quãdo faz Dõos, he prenome de nobreza, ã vem de dominus, & quãdo significa beneficio, ou doação, ã vem de donum, faz dões, pela razão da analogia, ã deemos no .III. diphthõgo. por o qual dizẽ os outros Hespanhoes, don, dones.

O .XIII. diphthongo he .ou. ã succedeo acerca de nos, em lugar do .au. dos Latinos. Porq̃, por o que elles dizião aurum, dizemos nos ouro, & por laurus,

louro. & por raucus, rouco. & assi os mais.

O .XV. diphthõgo he .ui. como, muito, cuidado, ruiuo. As quaes duas vogaes podẽ ir desatadas, sem fazer diphthongo, como Luis, ruina.

O .XVI. diphthõgo he .ũu. ã serue para formação dos nomes pluraes, cujos singulares se acabão em um. como de vaccum, vaccũus. de atum, atũus, pela dicta razão do .VII. Diphthongo.

E não serão diphthongos, senão as vogaes, que se coalhão, & ajuntão em hum soido, fazendo hũa syllaba. No que muitos teem errada opinião, cuidando, que são diphthongos, quando concorrem estas vogaes .ae, como amae .ao, como pao .ea, como cea. eo, como ceo .ia, como Maria .ie, como frieira .io, como rio .oẽ, como poëta .üa, como rua .üe, como crueza .üo, como nuo .üu, como muü. Porque a oreilha nos ensina, que são letras soltas, & sem vinculo, que fazem cada hũa per si syllaba, posto que breues, por serem vogal ante vogal: & que em verso, quando fosse necessario, facilmente se poderião fazer de duas ã hũa syllaba, per a figura chamada syneresis, como em o concurso de algũas das dictas vogaes se pode veer, ã os Poetas Thoscanos, & Hespanhoes.

DAS SYLLABAS, E DIÇÕES.

SAbida a qualidade, & natureza das letras, fica tractarmos, que cousa he syllaba. Porque das letras constão as syllabas, & das syllabas as dições, ou palauras. Qua as syllabas são partes das dições. E syllaba he hum vinculo, & ajuntamento de letras, que se pronúcia debaxo de hum spiritu, & hum accento. E dizse de syllambano, verbo Grego, que quer dizer comprehendendo. E a syllaba, em quanto he parte de dição, carece de sentido, & significação. Porque dizendo templo, ã he dição, entendemos que quer dizer, casa de oração. Mas separada per si esta primeira syllaba, tem, não quer dizer nada, nem menos a final, plo. Mas bem podia hũa syllaba, & hũa soo letra, ser dição, & teer significado, como, vou, vas, &, i, por ide, segũa pessoa do imperatiuo modo. Porque então não significa em quanto syllaba, senão em quanto dição acabada. Mas este ajuntamento de letras, a que chamamos syllaba, não pode ser, sem interuir algũa vogal, com que as consoantes vão ligadas. E hũas syllabas são de menos letras, outras de mais, & outras de hũa soo letra, & essa necessariamête, há de ser vogal. Por-

que as consoantes não podem fazer syllaba per si. E por isso se chamão vogaes, porque per si sem consoante, podẽ soar, & fazer syllaba. E a que he de hũa soo letra, não he propriamente syllaba, mas abusiua-mente se chama assi. De maneira que pode hauer syllaba de hũa letra, de duas, de tres, de quatro, & de cinco, como se vee nesta palaura, a-ua-ren-to. de que a primeira syllaba, he de hũa letra, a segunda de duas, a terceira de tres. E como na primeira syllaba desta palaura, scripto, que he de quatro, & na palaura Latina, scrobs, que he de hũa syllaba, & cinco letras. Item pode começar a syllaba pela vogal, como auarento, & pode preceder a vogal hũa consoante, como, Deos, & podẽ preceder duas como, prado, & tres, como, scripto.

DAS LETRAS EM QVE AS

syllabas podem acabar no meo
das dições.

EM todas vogaes, & diphthōgos, se pode acabar hũa syllaba acerca de nos, tirando os diphthongos .ãe. a que necessariamẽte accrescentamos .s. porque não serue, senão no numero do plural de algũus nomes: tirã-

do o diphthõgo .ão. no meo das dições, pelas razões, que deemos acima, onde tractamos delle. Polo ã er-
rão, os ã screuem cãopo, & brãoco, & outros assi.

Em .b. pode acabar a syllaba, se a que se segue co-
meçar em outro .b. como abbade, gibba, gibboso, sabbado. Saluo se são dições Latinas, compostas cõ estas preposições ab, ob, sub, porã seguindo-se vogal, acaba a syllaba em .b. como de obedio, ob-edeco, ab-ortiuo, ab-ominauel, ab-undante, ab-orreço, & tirando absente, obscuro.

Em .c. pode acabar a syllaba, seguindo-se outro .c. ou .q. como Bac-cho, vac-ca, vac-queiro, ac-quirir.

Em .d. não há syllaba de dição simplez, ã se acabe, senão composta, como, addição.

Em .f. não se acaba syllaba de algũa dição simplez, senão das compostas, quando em lugar de .b. d. s. x. derradeiras letras das preposições, entra o .f. como em sufficiente, affeição, difficil, effecto.

Em .g. da mesma maneira não se acaba syllaba algũa de dição simplez, se não das compostas, quando se muda a letra final da preposição em .g. como ag-grauar,

Em .h. não acaba syllaba algũa em meo de dição.

Em .k. não acaba syllaba, porque he letra ociosa,

& que não serue.

Em .l. se pode acabar a syllaba, ainda que se sigão quaesquer consoantes, tirando .k. x. z. que nunca se seguem depois do .l. como, albarrada, alcofa, col-dre, alfaça, Algarue, aljaba, collo, olmo, alno nome de aruore, culpa, alqueire, palrar, salsa, alto, caluo.

Em .m. se pode acabar a syllaba, se a seguinte começar em b. m. p. como ambos, commêtario, tempo, & quando a syllaba de .m. he de composição, como circumcisão, circumflexo, circumferencia, ainda que não se siga algũa das dictas tres letras. Posto ã algũus na composição, mudão o .m. em .n. & dizẽ circumcisão, circumflexo.

E se em algũa dição se ajuntar o .m. cõ .n. o .m. irá ligado com a syllaba seguinte: & não se acabará a syllaba nelle: como autu-mno. da-mno. de que a diã-te no capitulo seguinte faremos menção.

Em .n. se pode acabar hũa syllaba, se a seguinte começar em .c. d. f. g. n. q. r. s. t. & em .j. & v. consoantes como, cancella, Conde, inferir, manga, canna, nunca, honra, conselho, tentar, conjurar, conuerter. O ã muito se deue encommêdar aa memoria, por os erros em que caímos, screuendo .m. antes das dictas letras.

Em .p. não pode acabar syllaba algũa, senão começando a seguinte tãbem em .p. como, ceppo, poppa, supplicar.

Em .q. se não acaba syllaba, nem dição algũa.

Em .r. se pode acabar a syllaba, ainda que se siga qualquer consoante, como, orbe, arca, arder, garfo, Margarida, marlotar, arma, carne, corpo, arquibãco, serra, verso, arte, Xerxes, Aribarzanes. E ante .i. & .u. consoantes, como, perjuro, aruore.

Em .s. não se acaba syllaba algũa em meo de dição simplez, senão seguindose outro .s. como passo, spesso. Porque quando se segue .c. m. p. t. como em pascoa, cosmographia, prospero, testemunha, vai o s. ligado com a consoante seguinte, por serem letras compatiueis, como a diante se dirá.

Em .t. se não pode acabar syllaba algũa, se não seguindo se outra, que comece na mesma letra, como, gotta, metto, admitto, prometto.

Em .x. nenhũa syllaba se pode terminar, tirando sexto, texto, dextra, mixto.

Em .z. não se acaba syllaba algũa em meo de dição, porque sempre he principio de syllaba, como, Zacyntho, Zephyro, gozo.

DAS LETRAS, EM QUE SE PODEM acabar as dições da lingua Portuguesa.

Ainda que as syllabas se possam acabar nas dictas letras, no meo das dições, no fim dellas não he assi. Porque soamente se podem acabar nestas. Primeiramente, em as vogaes Latinas, como, serua, serue, seruí, siruo, tu. E nos diphthongos todos, tirando .au. êe, ãj, ãu, ãe, em que se não pode acabar dição, como, pai, irmãa, irmão, Rei, meu, agoa, põe, boi, bõo, grou, fui. E nestas consoantes .l. m. r. s. z. como.

Cardeal.	anel.	barril.	Sol.	azul.
tam.	tambem.	malsim.	com.	Vaccum.
fallar.	screuer.	ouuir.	senhor.	Artur.
Æneas.	Achilles.	Paris.	Marcos.	Mattheus.
rapaz.	axedrez.	Codorniz.	voz.	luz.

Mas se forem dições peregrinas, trazidas ao vso da nossa lingua, podem se acabar em outras letras .s. em .b. como Iob. em .c. como Melchisedec. em .d. como Daud. em .g. como Agag. em .n. como Sion. em .ch. como Lamech. em .ph. como Ioseph. em th. como Nazareth.

DA DIVISÃO DAS DIÇÕES, E como se deuem separar as syllabas.

SOletrar bem as palauras, & cortalas em partes de maneira que vaa cada parte, ou syllaba cõ suas letras, he cousa mais difficultosa, do que parece, & que algũus, dos que hão de teer esta minha empresa por baxa, não sabem. Polo ã deuem sempre de trabalhar os ã screuẽ, por acabar no fim de cada regra, as dições, para ã as não diuidão & acabem no principio da regra seguinte, assi por o sentido se não distrahir, como por a maa diuisão, que fazem algũus, esfarrapando as syllabas, como os maos trinchantes, quando não acertão com a juntura, do que querem cortar. D'on-de veo, que o Emperador Octauio Augusto, principe doctissimo, nas cartas, que screuia de sua mão (como conta Suetonio Tranquillo na sua vida) por não fazer algũa maa repartição de letras, soia sêpre acabar as regras com as palauras inteiras. E para saber diuidir as palauras, & dar a cada syllaba suas letras, teerão as regras seguintes.

Presupponhão primeiramente, que nenhũa vogal em palaura Portuguesa, pode teer ante si mais ã tres consoantes, como, screuo, nem despois de si,

mais que hũa: saluo em algũa palaura contracta, & abbrevuiada, como algũus screuẽ, sanct, por sancto, quando se ajunta a nome, que começa em consoãte, como, sanct Pedro. O ã algũus screuem per .m. Sam.

Item nũa despois de hũa cõsoante, de qualquer genero, se podem seguir duas outras consoantes irmãs. Polo que erradamente screuẽ, conlluio, ou traslladar, cõ dous .ll. & Henrrique, & honrra, com dous .rr. Porque o .l. & .r. primeiros não ferẽ vogal, nem são feridos, nem teem letra, a que se ajuntem. E tal erro he o dos que dizem, Elrrei, começando rrei, em duas letras de hũa sorte.

Item se há de presuppoer, ã toda letra muda, que despois de si leua liquida, são ambas compatiueis, & não se podem separar, como, ma-dre. ale-gre.

Isto presupposto, a primeira regra de diuidir as letras, seja esta. Se na dição não há cõsoante entre hũa vogal & outra, não há que fazer mais, ã acabar hũa syllaba em vogal, & começar em outra vogal a outra syllaba, como, ce-o. De-os.

Se entre hũa vogal & outra há hũa soo consoante, essa consoãte há sempre de ir com a syllaba seguinte, como, fa-ma. lu-me. ainda ã essa cõsoante seja aspirada, como ba-nho. bata-lha. Porque .h.

não he letra, senão figura de aspiração.

Se entre vogal, & vogal, há duas consoantes, & são incompatiueis de se ajuntarem a hũa vogal, hũa das consoantes ficará com a syllaba precedente, & outra irá com a seguinte, como, fal-so. cam-po. par-te. cor-po.

Se da mesma maneira, se ajuntarem duas consoantes ambas de hum genero, hũa dellas ficará com a syllaba precedente, & outra com a seguinte, como vac-ca. ab-bade. ad-dição. af-feiçoar. ag-gres-sor. val-lo. flam-ma. an-no. cep-po. ter-ra. pas-so. got-ta.

Se as duas consoantes forem compatiueis de se ajuntarem, ambas irão sempre com a vogal seguinte, & nenhũa com a precedente, como di-gno, re-gno. ho-spede. ca-sto. scri-pto.

Se entre vogal & vogal, vão mais q̃ duas consoantes, hi ha moor trabalho, de saber, quaes letras vão com a vogal precedente, & quaes com a seguinte. Polo que he necessario saber, que letras são compatiueis, de se ajuntar em hũa syllaba, para que concorrendo, as não apartemos. Porque ha algũas consoantes, que assi vão ligadas a outras, que não se podem apartar, de que diremos por sua ordem.

DAS LETRAS, QUE SE PODEM ajuntar a outras, na composição das syllabas.

- B Podese ajuntar a .d. como neste nome bdelium de certa aruore. & como em A-bdera cidade de Thracia. E pode se ajũtar a .l. & a .r. como, Hi-blea. o-bra & ante outras consoantes não se soffre.
- C. podese ajuntar a .l. como, Hera-clito, & a .r. como ale-crim. & a .m. n. t. como nestes nomes Al-cmena. Ara-cne. He-ctor. do-ctrina, & a outras consoantes não se ajunta.
- D. podese ajuntar a .r. como, pa-dre. a-dro. E em algũas dições peregrinas a .l. m. n. como Abo-dlas, nome de hum rio. Ca-dmo. Aria-dna.
- F. ajuntase a estas duas consoantes .l.r. como flamma, fresco.
- G. ajuntase a .l. m. n. r. como, e-gloga. au-gmẽto. di-gno. a-gro.
- L. nunca se ajunta a outra, que vá diante d'elle: mas sempre elle vai despois destas letras mudas .b. c. d. f. g. p. t. com as quaes fica liquido, como blasphemmo .claro. Abodlas. flãma. gloria. Platão. Atlante.
- M. nunca se põe na mesma syllaba antes d'outra consoante, senão em algũas palauras Gregas, &

Latinas, seguindose .n. como, hy-mno. autu-mno. da-mno. tirãdo a palaura Latina, hyems, ã antes de .s. tõe .m. & algũus nomes proprios peregrinos, como. Amri, Nemrot, Samson.

N. nũa se põe antes d'outra consoante, mas antes vai despois de algũas, como, en-ten-di-men--to. pneu-ma. Ara-cne. di-gno.

P. se pode ajuntar em hũa mesma syllaba antes de .l. n. r. s. t. como disci-plina. Tera-pne. le-pra. psal-mo. Hiem-psal. scri-pto. a-pto.

Q. não se põe antes d'outra consoante algũa, porq̃ necessariamẽte leua despois de si hum .u. liquido. E ainda despois desse .u. nunca se segue outra cõsoante, senão sempre vogal, nem o .q. se ajunta a outra consoante, que vá antes d'elle.

R. não se põe antes d'algũa consoante na mesma syllaba, mas ella segue sempre as consoantes, como vimos nos exemplos acima dictos.

S. podese ajuntar na mesma syllaba a .c. m. p. q. t. como screuer. scudo. fĩ-sco. Co-smo. spa-smo. a-spereza. Ga-spar. me-squinho. e-squadrão te-stamento.

T. podese na mesma syllaba ajuntar a .l. como A--tlas. & a .m. como, Tmolus, por hũa mõe de Sici-

lia. Ari-thmetica, & a .r. que he o mais cômum como, ma-trimonio. qua-tro.

V. consoante não se ajunta a outra algũa consoante, soamente na lingua Portuguesa ao .r. nestas palauras. la-urar. la-urador. li-ura. li-ure. li-uro. v. ure & em nenhũa outra dição, que me lembre.

X. & Z. como são letras dobradas, não se ajuntão cõ outras consoantes em palaura algũa.

DA DIVISÃO DAS DIÇÕES compostas.

SE a dição for composta, & a quiserem cortar pela primeira syllaba, sempre as preposições, ou particulas cõpositiuas, q̃ pola moor parte são de hũa syllaba, saião com as letras com que entrarão, ainda que a derradeira letra da particula compositiua, stee conuertida em outra letra, por causa da cõposição, como, cõ-stituir, pre-screuer, re-scripto, re-stituição, de-scender, sob-stabelecer, ap-pellar, an-notar.

E se se houuer de cortar pela segunda syllaba, & a dição for composta de preposição, ou particula outra de duas syllabas, cortarseão da mesma maneira, saindo a preposição com as suas duas syllabas inteiras, ainda que a derradeira letra stee

corrupta, & mudada em outra, por causa da composição, como subter-fugio, super-fluo, circumferencia, presup-posto.

DAS LETRAS, QVE SE dobrão nas dições.

Hãas letras se dobrão nas dições per natureza das palauras: outras per deriução: outras per significação: outras per corrupção: outras per variação: outras per composição. Das que se dobrão per natureza, não se pode dar regra: nem he cousa que consiste em arte, senão em vso. Porque os vocabulos primitiuos, forão compostos aa vontade, de quem os inuentou. Polo que não se pode dar rezão, porque este nome, gotta, teem dous .tt. ou cauallo, dous .ll. Mas com o vso, & conhecimêto da lingoa Latina, se pode saber, quaes dobrão as letras, & os que Latim não souberem, com imitar a scriptura de homêes doctos.

As que dobrão per deriução, são os nomes, ou verbos, q se tirão d'outros, os quaes guardão a scriptura de seus primitiuos, como de terra, terreno, terrestre, enterrar, soterrar, enterreirar, terreiro. E de cauallo, caualleiro, caualleria. E de gotta, gottejar, got-

teira, esgottar. E de ferro, ferreiro, ferraria, ferrar, ferrador, ferradura, ferramêta, ferragem, ferrenho, ferrolho, ferrão, ferrugem, afferrolhar, ferropea. As quaes dições dobrão as dictas letras, porque seus primitiuos, de ã se ellas deriuão, as dobrão. E por aqui saberão a scriptura de muitos vocabulos, como há de ser, sabendo soamente a de seus primitiuos.

As que dobrão per significação, são os diminutiuos, que em nossa lingua acabão em, te, que parece, não podemos screuer bem, sem dobrar o .t. segũdo nos a orelha pede, como, verdette, pequenette, scudette, panette, camarotte, piparotte, franchinotte, & outros assi, que para significar diminuição, acabamos nestas terminações, como os Latinos acabão os seus diminutiuos em ellus, ou illus. Como os Italianos tâbem dobrão a dicta letra, nas terminações de, etto, ou otto, por denotarẽ significação diminutua. Porã de Laura, dizẽ Lauretta, & de piccolo, piccoletto, Antoniotto, Gianotto. Polo ã pedindono lo a orelha, não deuemos ser mais couardes, em dobrar hũa letra, maiormête teendo exêplo de outras nações. E assi dobrão .s. por causa da significação os superlatiuos, como a diante tornaremos dizer.

As que dobrão per corrupção, são as ã stando na

lingoa Latina de hũa maneira, & pronunciação, as mudamos, & fazemos nossas, dobrãdolhe algũas letras, querendoas accommodar a nos, como por no-ster, vester, nosso, vosso: & por ipse, & ipsum, esse, & isso: & por persona, pessoa: & por vrsus, vsso: & por mori, morrer, & outros muitos desta maneira.

As que dobrão per variação, são as que per variação de conjugação, ou declinação, accrescentão algũa letra, para mostrarem differença de tempos, & numeros, & significação, como nos verbos de totalas cõjugações, em algũus tẽpos dos modos, optatiuo, & conjunctiuo, quando dizemos .amasse, leesse, ou uisse. E nos nomes, que sendo masculinos, varião a terminação, para formar os femininos, como, mao, maa. pao, paa. reo, ree. ou que sendo do singular, formão seus pluraes, como, couil, couijs.

As que dobrão per composição são muitas, & per muitas maneiras. O que se faz, mudandose a derradeira letra da preposição compositiua, em outra tal como a primeira do verbo, ou nome composto. E porq̃ estas cõposições, se fazem cõ as preposições Latinas, q̃ se ajuntão aos verbos, para lhe alterar a significação, ou lha accrescêtar, ou diminuir, diremos das q̃ nos seruem .s. das q̃ fazem dobrar as letras.

Ad, preposição dos Latinos, que quer dizer para, junta aos verbos, que começam em .b. c. f. g. l. n. p. r. s. t. conuerte o .d. na primeira letra do verbo, a que se ajunta, & assi fica dobrada, como, abbrevuiar, accorrer, accumular, affecto, affeição, aggressor, allegar, alludir, anotar, approuar, assinar, attribuir, attentar. O que hemos de entêder, nos verbos, & nomes em ã já pela cõposição Latina, se dobra a letra. Porã outros verbos que nos formamos de nosso, começados em .a. não admitte a orelha, nem o vso, ã a dobrem. Porã teẽ os Hespanhoes hum .a. seu proprio, & peculiar, com ã formão os verbos, ã querẽ, como quãdo dizemos. de manso, amãsar. de pedra, apedrejar. de nocte, anoctescer. de cabo, acabar. de proueito, aproueitar. de puro, apurar. & outros infinitos. Os quaes sãõ simplezes & não cõpostos, porã a verdadeira composiçãõ he, quãdo se ajunta a preposição aos verbos: o que não ha nestes. Porã não ha, proueitar, nẽ pedrejar, nem mansar, para dizermos, que se compõe com a dicta preposição, ad.

Mas algũus há, que o vso, & orelha nos ensinãõ, ã dobrãõ a letra, como sãõ os que teem .f. r. ou .s. depois do .a. seguindose porẽ vogal depois das dictas letras, como: afforar, affinar, affogar, arremessar, ar-

redar, arruinar, assombrar, assoelhar, assanhar, & assi todos os mais sem fallencia.

Ex, preposição junta a dições, que começam em .f. muda o .x. em f. & assi fica dobrado, como, effecto, effectuar: & em outra nenhũa se muda.

In, preposição muda o .n. em .m. se em .m. começarẽ os verbos, ou nomes com ã se compõe, como, immemorial, immunidade, immudaue, immo-uel. Ao que responde a nossa preposição .en. cõposta com os verbos Portugueses começados em .m. como, emmadeirar, emmastear, &c.

Ob, preposição junta a dições, que começam em c. f. p. muda se o .b. nas taes letras primeiras, como, occorrer, offender, oppoer.

Con, preposição inseparaue soomẽte, muda o .n. em .l.m.r. quando nas dictas letras começam os nomes, ou verbos, a que se ajunta, como, collegir, cõ-metter, corromper.

Dis, preposição inseparaue, cõposta com dições começadas em .f. conuerte o .s. em .f. & assi fica dobrado, como, differir, differença, diffinir, difficil.

Sub, preposição, ou a nossa sob, cõposta cõ dições, que começam em .c. f. p. cõuerte o .b. nellas, como, succorrer, ou soccorrer, sufficiẽte, supprir, supplicar.

DAS DIÇÕES, QUE DOBRÃO as letras.

TEem para si algũus curiosos da lingoa Hespanhol, que o dobrar das letras, he escusado acerca de nos. Porque não sentimos, quando se dobrão, senão o .r. ou s. & que tiradas estas, as outras todas se deuem screuer singellas. O que he grãde erro. Porque a razão, que ha, para se dobrarem essas, há para se dobrarem essoutras: ainda que nem toda a orelha sinta a differença, ã há de singellas a dobradas. E quanto ao .r. & s. quando se dobrão, quem quer o sentirá. Qua assi como o som de hum atambor, & de hũa trombetta, até os cauallos, & bois o entendẽ, & os aluoraça, mas nem por isso os mouerá hum instrumẽto de cordas (porq̃ isso fica resguardado para os homens, que teẽ razão) assi nas letras há hũa musica occulta, & não menos delicada, que a das cordas, que (como diz Quintiliano) se não deixa sentir de todos. E ainda que na verdade, as nossas orelhas não cõprehenderão a differença das letras dobradas, para conseruação da origẽ & etymologia dos vocabulos, era necessario dobrarẽse, tomando os nos dos Latinos, ou Gregos, assi como elles nolos dão. E porq̃ aos ã lin-

goas não sabẽ, seria mui difficultoso, saber as letras, que se dobrão, & ainda para os que as sabem, se não he exquisitamente, me pareceo, que não se perderia o trabalho, de poer specificadamente as dições, que dobrão, por não ser cousa, de que se podia dar em todas certa regra.

E ainda me pareceo mais necessario poer as dições, que aspirão as letras. Porque como a aspiração, não sentimos na pronunciação de nossas palauras Portuguesas, segundo tenho dicto acima na letra .K. ficaua mais difficultosa a orthographia dellas, pois era screuer differẽte, do que pronunciamos. E posto que de hũus & outros, aja algũus mais dos que aqui ajunto, bastem estes, para quem não tomou de empreitada, fazer vocabulario, senão reduzir a regras, o que podia ser.

¶ Das dições que dobrão .A.

A. Dobrão os nomes femininos, cujos masculinos se acabão em, ao. como, mao, maa. Iao, Iaa. pao, paa.

Item os nomes, a que per corrupção do Latim em nossa lingoa, cortamos algũa consoante, que staua entre dous .aa. como de ala (que quer dizer braço de

aue) aa, & de palatum, paadar.

Item os que teêdo .a. antes d'outra letra, corrompemos essa letra em .a. como de aër, aar.

Item o articulo feminino de datiuo, que se exprime com a preposição .aa. que tambem fica seruindo ao accusatiuo, como, dou esta regra aa memoria, vou aa India, de que a diante tractaremos.

¶ Das que dobrão. B.

B. Dobrão, abbreuiar, abbade, abbadessa, abbadia, gibba, gibboso, sabbado.

¶ Das que dobrão. C.

C. Dobrão os verbos, ã começando na dicta letra, se composerão com a preposição, ad. Porque se muda o .d. em .c. como accelerar, acelerado, accêder, accento, accentuar, accepto, accesso, accidente, accidental, accommodar, accorrer, accumular, accumulatiuo, accusar, adquirir. Porq̃ o .q. como staa dicto, & .c. são hũa mesma cousa.

Item todos os verbos, que começando em .c. se composerão com estas preposições ob, sub, & os descendentes delles, como, occasião, occidente, occorrer, occultar, occulto, occupar, occupação, succeder, successor, succorrer, ou soccorrere.

Item estes não compostos, Baccho, bocca, boccardo, aboccanhar, Graccho, peccado, peccador, sacco, sacquinho, ensaccar, seccar, secco, seccura, secquidão, socco, vacca, vaccum, vacqueiro,

¶ Das que dobrão. D.

D. Dobrão addição, adicionar, addiuiñar.

¶ Das que dobrão. E.

E. Dobrão os nomes contractos, ou abbreuiados, a ã na corrupção da lingoa Latina na nossa, se tirou algũa letra, ã staua entre duas vogaes, como, de fides, fee. de balista, beesta. de pedica, peega. de sedes, see. de pedes, pee. de sagitta, seetta. E assi creedor, de creditor, & creença. & prego, & preegador, de preçdico. E pela mesma razão, de generalis, dizemos geral. & de generare, dizemos geerar, & geeração. E assi estes verbos, teer, de tenere. leer, de legere. veer, de videre. Porque seria cousa desproporcionada, ser o infinitiuo, ou outras quaesquer partes do verbo, de menos syllabas, ã a primeira pessoa do mesmo verbo. Polo ã diremos, vejo, vees, vee, veemos, veedes, veem, veer. Porque a primeira syllaba he necessaria para o começo, analogia, & forma-

ção, & a segunda para terminação, & demonstração de tempo, numero, & pessoa. Ainda que algũs verbos aja, que são de hũa soo syllaba, como, vou, vas, vai, i, por ide. sou, es, é. stou, stás, stá.

Item se screuem cõ dous .ee. todas as dições, ã no singular acabão em esta terminação .em. como bem bẽes, vintem, vintẽes, per diphthongo.

Item dobrão, dee, na segunda pessoa do imperatiuo presente do verbo, dou, & na primeira, & segunda do futuro do optatiuo, & do presente do subunctiuo.

Item dobrão galee, Loulee, maree, polee, ree.

¶ Das que dobrão. F.

F. Dobrão os verbos, ou nomes começados em .f. compostos da preposição, ad, cujo .d. se muda no f. como, affabil, affecto, affeição, affeioado, affeite, affeitar, affim, affinidade, affirmar, affligir, affligido, afflicção.

Item os verbos da lingua Portuguesa começados em .a. que teem .f. entre vogal & vogal, como affor, affugentar, affrontar, afferrolhar.

Item os verbos, & nomes compostos da preposição, dis, ã começam em .f. como diffamar, differença,

differir, difficil, difficultoso, difficuldade, diffinir, diffinição, diffuso, tirando disforme, & disformidade, que muitos erradamête dizem por deforme, & deformidade.

Item os compostos da preposição ex: se elles co-meção em .f. como effecto, effectuar, effeminado, efficaz, efficacia, effigie.

Item os cõpostos da preposição ob, como officio, official, officiar, officina, offender, offensa, offerescer, offerescimento, offerta, offertar, offuscar.

Item os compostos da preposição sub, como sufficiente, sufficiencia, suffragio, suffraganeo.

¶ Das que dobrão. G.

G. Dobrão as dições começadas nesta mesma letra cõpostas cõ a preposição, ad, por se mudar o .d. em .g. como aggrauar, aggrauo, aggressor, aggerar, & exaggerar, bagga, de bacca.

¶ Das que dobrão. I.

I. Dobrão os nomes acabados em .il. na formação do seu plural, como barril, barrijs. septil, septijs. couil, couijs. buril, burijs. E assi todos os mais, acrescentando ao singular hum .i. em lugar do .e.

que os outros nomes acabados em consoante tomão, na formação de seus pluraes.

Item os nomes pluraes, cujos singulares se acabão em, im. como arhim, arbĩjs. beleguim, beleguĩjs. delfim, delfijs. malsim, malsĩjs. Os quaes entre os dous ijs. admittem o .til. ã os ata, & faz ser diphthõgos.

Item dobrão .i. estes preteritos .lij, de legi. vij, de vidi. corrij, de cucurri. & crij, de credidi.

K. não se dobra, porque he o mesmo que .c.

¶ Das que dobrão. L.

L. Dobrão muitos, d'onde veo, que algũs ignorãdo a natureza das palauras, & sitio das letras, & syllabas, o dobrão em quasi todas as dições sem juiço, não deuyendo fazelo assi. Porque lhe alterão o accento, & as vozes, & a significação. E os que deuem screuer com .l. dobrado são estes. Primeiramente os compostos com a preposição, ad, junta a verbos começados em .l. como allegar, alludir, alluuião.

Item os compostos de dições começadas em .L. com a preposição, con, por mudarem o .n. em .l. como: collação, collaço, collateral, collegio, collegial, collegir, collector, collocar, colloquio, colludir, colluuião.

Itẽ os cõpostos cõ a preposição, in, como, illação, illicito, illiberal, illudir, illusão, illustrar, illustre.

Item todos os nomes diminutiuos acabados em lo. ou .la. como bello, libello, castello, bacello, cadel-la, donzella, janella, portella, codicillo, pupillo.

Item todos os nomes acabados em .lo. ou .la. a que precede .e. ainda que não sejam diminutiuos: porq̃ assi parece, que o pede a orelha, como adella, carauella, scudella, amarello, singello, verdizello. E outros taes: porque nenhũa differença lhe achamos de janella, nem de bello.

Mas aquelles screueremos com .l. singello, que os Latinos assi screuem (digo dos acabados em .lo. ou la.) como, camelo, pelo, querela, cautela, tutela, tela, pela, que he o mesmo, que pila, vela polo instrumẽto da nao, & vela, de vigilia.

Item os verbos, a que ajuntamos os relatiuos, o, a, em lugar de is, ea, id, Latino, a que por bom soido mudamos o .s. em .l. em algũas pessoas do singular, & plural, como, vistela? vistelo? fizestela? fizestelo? amastela? amastelo? amalo? amala? amamolo. Item tirando a preposição, per, & por, junta aos artigos masculino & feminino, pelo, pela, polo, pola. Item tirando os nomes, que teem .l. aspirado, como abe-

lha, ouelha, coelho, trebelho.

Item dobrão .l. estes superlatiuos, facillimo, difficillimo, humillimo, simillimo.

Item dobrão estes per natureza das mesmas palavras, sem virem debaxo de regra geeral.

Achilles, alli aduerbio local, amollescer, ampolla, annullar, appellar, appelação, appellante, appellidar, appellido, Apelles, Apollo, Apollonio, aquelle, aquella, aquelloutro, aquello, ou aquillo, auellãa, auelleira.

Bellicoso, bulla.

Cabello, calle, callo, Calliope, Camillo, Camilla, cauallo, cebolla, cella, celleiro, chancellor, colla por grude, colle por monte, collo, collar, colleira, collyrio, compeller.

Degollar.

Elle, ella, ello, excellente, excellencia.

Falla, fallar, fallacia, fallencia, fallescer, fallescido, fallescimento, folle, follia.

Gallego, Galliza, Gallia, gallo, gallinha, gallineiro, gallinhola.

Helleboro, Hellesponto, Hollanda.

Illyrico, interuallo.

Marcello, martello, melles, mellado, meollo,

molle, mollette.

Nulló, nullidade.

Ollaria, olleiro.

Parallelo, Pallas, pelle, & os que delle descendem, como pellica, pelliteiro. Mas não pelóme, porq̃ não vem de pelle, senão de pelo, & de pelar, que se screuem com .l. singello. pollegar, pollo por aue pequena, pollução, polluto, pusillanimo, pusillanidade.

Repeller, reuellar ou rebellar, reuellia.

Sella, selleiro, sello, Sibylla, stillar, strella, Sylla, syllaba, syllogismo.

Tollo, tolla, Tullio.

Vacillar, valle, vallado, vallo, vello de lãa, vello por cabelo, vellosó, villa, villão, villania, mas não vileza, que vem de vil, villo.

¶ Das que dobrão. M.

M. Dobrão os compostos das preposições, con, & in, juntas a verbos, ou outras dições, que começam em .m. como, commemoração, commêdar, commendador, commendatario, commercio, commetter, commissario, commiserar, commissura, comodo, incommodo, commodidade, accom-

modar, commutar, commutação.

Immemorial, immenso, immodesto, immodico, immortal, immouel, immundo, immuniade, immutauel.

Item estes meros Portugueses compostos com a nossa preposição, en, emmadeirar, emmagrescer, emmanquescer, emmastear, emmininescer, emmẽta, emmudescer.

Item dobrão cammarão, cimmerico, commum, communidade, communicar, commungar, excõ-mungar, communhão, epigramma, flamma, inflamar, gomma, grammatica, summa, summo, summario, summariamente, consummado.

¶ Das que dobrão. N.

N. Dobrão os cõpostos destas preposições, ad, & in, jũtas a dições, ã começo ẽ .n. como, annotar, annumerar, annũciar, annunciação, annũciada, innauegaue, innocente, innouar, innouação, innu-meraue. E os Portugueses cõpostos da nossa preposição, en, como: ennastrar, ennobrece, ennuurar.

Item dobrão per natureza, anno, & seus cõpostos, & deriuados, como, annal, anniuersario, annojal, por cousa de hũ anno, annata, ou mea annata, annel, perenne, perennal, solenne, solennidade, triennal.

Item dobrão banno, bannido, Britannia, Britanno, canna, cannaueal, kannauoura, cannaue, gannir, Gebenna, Ioanna, Ioanne, Iannez nome patronymico de Ioanne, panno, penna, por pluma: porque por castigo he com .n. singello, tinnir, tyranno, tyrannia, tyrannizar, Vianna.

¶ Das que dobrão .O.

O. Dobrão os nomes contractos, & abbreviados, a que se tirou algũa consoãte do meo de duas vogaes, como, noo, de nodo, onde se tirou o .d. & moo, de mola. & soo, de solo, onde se tirou o .l. & poo, de poluo, & de puluere Latino. & noctiuoo, de noctiuolans. A qual letra se dobra em outros para denotar a vltima syllaba ser longa, & teer o accento agudo. Porq̃ para mostrar a vogal ser longa, se permite, que se dobre na scriptura, como os antigos fazem segundo Quintiliano no lib .I. das instituições oratorias cap. vj. & Angelo Politiano nas Miscellaneas. Polo que screueremos tambem assi enxoo, eiroo, ilhoo, ichoo, traçoo, malhoo, auoo. E isto soomente nas dições, que teem .o. final, & o accento agudo nelle.

¶ Das que dobrão .P.

P. Dobrão os verbos compostos, que teendo .p. no principio, se cõposerão com as preposições ad, ob, sub, como,

Apparar, apparato, apparo, apparelhar, apparecer, apparência, apparescimêto, appellar, appellação, appellante, appellado, appellidar, appellido, appetite, appetescer, applacar, applanar, applauso, applicar, apportar, appresentar, appresentação, appropinquar, appropriar, approuar, approuação, approuadamente.

Oppilação, oppilar, oppilado, oppoer, oppoente, opposição, opportuno, oportunidade, oppressão, opprimir, opprobrio, oppugnar.

Supplicar, supplicação, suppoer, supposto, presuppoer, presupposto, sapphira, supportar, supprir, supprimento, supprimir,

Item estes não compostos, Agrippa, Agrippina, Appio, Appiano, cappa, Cappadocia, cappella, cappello, ceppo, mappa, pappar, pappa por comer de meninos: porque por summo Pontifice se diz Papa, poppa. sapphira.

Item os nomes Gregos deriuados desta palaura hippos, que quer dizer cauallo, como Aristippo, Chrysippo, Cratippo, Damasippo, Hippocentau-

ro, Hippocrates, Hippocrene, Hippodamia, Hippolyto, Hippomenes, Hipponax, Philippo, Xanthippo, Xanthippe.

Q. Não se dobra, porque se muda em .c. sua semelhante, quero, acquiro, vacca, vacqueiro.

¶ Das que dobrão .R.

R. Como as mais outras letras, que se dobrão, não se pode dobrar, senão vindo entre duas vogaes, como, arra, carro, ferro, terra. E porque a aspereza da letra he tal, que vindo dobrada, logo se conhece, he escusado particularmente poer aqui os que a dobrão: porque não ha mais, que screuer, como pronunciamos .s. o aspero per dous .rr. & o mais brãdo per hum. Soamente nos deue lembrar, que quando esta letra vier em principio de dição, ou despois, ou antes de outra consoante, ainda que soe, quam aspero quiser, não se screuerá dobrada, como ja teemos dicto, no capitulo desta letra .R.

¶ Das que dobrão .S.

S. Dobrão muitos, que he escusado poer particularmente: porque he letra tam apparente, quando se dobra, q̃ qualquer orelha o sinte: como dixemos do r. Polo que não fica mais, que screuer, como pronũ-

ciamos com a obseruação, & regras, que teemos dadas, no capitulo desta letra .s. & com nos lembrar, ã nenhũa letra se dobra, senão vindo entre duas vogaes, ã he hũa regra, em que poucos caem. D'onde vem dizerem mansso, immenso, & outros assi erradamẽte. Mas o que se pode dizer em somma, & per via de regra he, ã dobrão esta letra os superlatiuos, como, doctissimo, illustrissimo, serenissimo. Mas não os numeraes, como algũs mal cuidão, como, vigesimo, trigesimo, porque erradamente dizem, vigesimo, trigessimo.

Item os verbos Portugueses, ã começam em .a. & teem logo depos elle .s. & depois outra vogal, como assacar, assanhar, asseettear, assegurar, assẽtar, assessegar, assinalar, assoelhar, assolar, assoldadar, assomar, assombrar, assouiar.

Item os nomes femininos de dignidades como Abbadessa, Prioressa, Alcaidessa, Baronessa, Cõdessa, tirando estes, Princesa, Duquesa, Marquesa, & da mesma maneira Deosa, que stá recebido pronũciaremse, & screueremse per hum .s.

Item dobrão os verbos deste tempo de todas conjugações, amasse, leesse, ouuisse, per todos seus numeros, & pessoas.

¶ Das que dobrão. T.

T. Dobrão, attento, attenção, attêtado, attonito, attraher, attribuir, attrição, & os nomes proprios, Atteio, Attico, Attica, Attilio. Item gatto, gotta, gotto, metter, arremetter, permittir, prometter, Scotto, Scottia, seetta.

Item os diminutiuos em .te. ou .ta. como verdet-te, pequenette, pequenetta, mocette, mocetta, &c.

¶ Das que dobrão .V.

V. Dobrão, cruu por cruo .nuu, por nuo .muu, por muo. & assi no plural .cruus. nuus. muus.

X. & Z. não se dobrão por serem letras dobradas.

Y. Não se dobra porq̃ não entra, senão em dições Gregas, em que não há dobrarse vogaes.

DAS LETRAS QVE SE ASPIRÃO.

AS consoantes, que se aspirão, são quatro c.p.r.t. das quaes porei algũs exemplos de dições, que podem vir em vso em nossa lingua. E não chamamos aspiradas .ch (da maneira que os Portugueses a pronunciação diferente dos Latinos) nem .lh. nem .nh. porque o não são, como teemos dicto acima.

¶ Das dições que aspirão .C.

C. Aspirão todos os nomes compostos desta palaura Grega archos, que quer dizer principe, ou principal, como Archangio, architriclino, architecto, monarcha, monarchia, patriarcha, tetrarcha, tetrarchia.

Item os compostos desta palaura Grega, chrysos, ã quer dizer ouro, como Chrysostomo, Chrysolito, Chryseida, Chrysippo.

Item os compostos da palaura chír, que quer dizer mão, como chiromantia, chirurgia.

Item aspirão estes: Achaia, Achilles, anchora, Antiocho, Antiochia, Baccho, charo, charissimo, charidade, cherubin, chimera, cholera, choro por congregação, CHRISTO, Christouão, drachma, machina, mechanico, melancholia.

Os quaes vocabulos para bẽ ser, se hão de screuer assi, posto que a pronunciação, que vulgarmẽte damos a .ch. seja mui differente da que se ha de dar aos dictos vocabulos. Porque a ã os Gregos, & Latinos lhe dão he como .c. & a que agora lhe damos he entre .s. & .c. Pola qual razão aos que não souberẽ differençar os nomes Gregos, & Latinos dos vulgares, será trabalhoso entenderem, quando o pronuncia-

rão aa maneira dos Latinos, ou Gregos, & quando aa maneira vulgar. Polo que deuiamos de fazer hũa de duas, ou screuermos os dictos nomes Gregos, & Latinos, per .c. simplez, como fazem os Franceses, ã teendo a mesma differença ã nos, os nomes vulgares de .ch. pronunção como com .x. & os Gregos, & Latinos, que teem .ch. screuem com .c. simplez, para fazerem differença na scriptura, como fazem na pronunção, dizendo por camara, *chambra*, & pronunçando *xambra*. & por caualleiro screuem *cheualier*, & pronunção *xeualier*. & por castello, *chasteau*, & pronunção *xasteau*, & por dizerem cholera, *chameleon*. dizem, *colera*, *cameleon*. Ou screuamos o ch. dos nomes vulgares, que se pronuncia como .x. ou .s. ou .ç. cõ a cifra a baxo do .c. que faça a differença, de choro por pranto, a choro por ajuntamento, ã se faz de cappa, a çapa, dizendo, choro, & çchoro, taça, monarcha. Porque não ha duuida senão, ã se screuessemos per c. simplez, os que teem .ch. aspirado, ã nos embarçariamos, quando viessemos screuer, Antiochia, Antiocheno. Porque seria necessario soccorrermonos a letras alheas, & dizer Antioquia, Antioqueno. Por que dizendo Antiocia, vai dar em outro soido diferente, por o corrupto, que viemos dar ao .c. junto a

e. i. Polo que fica mais necessidade da aspiração, para screuer o dicto vocabulo, do ã tinham os Latinos. Porque assi se pronunciava acerca delles Antiocia, sem aspiração, como Antioquia, como temos dicto mais largamente no capitulo da letra .C.

¶ Das que aspirão .P.

P. Aspirado teerão acerca de nos os nomes Gregos assi como o tinham acerca dos Latinos, como antiphona, aphorismo, apophthegma, blasphemo, blasphemia, philosopho, philosophia, phantasma, phantasia, physico, physionomia, Philippe, triumpho, nympha, camphora, diphthongo, porphydo.

¶ Das que aspirão .R.

R. Aspirão os nomes Gregos, ã começam na dicta letra como, Rhetorica, Rhodes, Rhodope, Rhamãtho, & os ã teem .r. dobrado, sempre aspirão o derradeiro delles, como Tyrrheno, Pyrrho, catarrho.

Das que aspirão .T.

T. Aspirão asthma, Arithmetica, Athenas, Atheniense, anathema, anathematizado, author, & authoridade, segundo o costume, ainda que Andre Alciato diz, que em hũa pedra antiga vio scripto

auctor, a qual scriptura agora os mais seguem na lingua Latina. Item cantharo, catholico, Carthago, Carthagines, Corintho, cathedra, Ethiopia, epithalamio, Iacyntho, Labyrintho, Mathematica, methodo, parenthesis, orthographia, rithma, Scythia, theatro, amphiteatro, thema, Thebas, Theseu, Thracia, thio, Thessalia, thesouro, Thetis, Thoscanno, throno,

Item os nomes compostos desta palaura, theos, ã quer dizer deos, como, theologo, theologia, Theodosio, Theotonio, Theodoro, Theophrasto, Theocrito, Theophilo, Theophilacto, Timotheu.

Item os nomes proprios Gregos, ã se compõem desta palaura, Sthenos, ã quer dizer força, ou potência, como Demosthenes, Callisthenes, Antisthenes.

E os que se compõem de agathos, que quer dizer bom como, Agathocles, Agathosthenes.

Item estes peregrinos. Elizabeth, Nazareth, Iudith, Iapheth, Ruth, Goliath, Tamar, Seth, Zenith, Martha, Matheus, Thomas, Bartholomeu, Mathias, Mathusalem.

Item os nomes de ã a sagrada scriptura vsa, cõpostos de beth, ã quer dizer casa, como, Beth-ania, Beth-phage, Beth-leẽ, Beth-sabee, & outros muitos.

REGRAS GEERAES

Da orthographia da lingoa Portuguesa.

¶ Regra. I.

DO que tractei em particular da força, & natureza de cada letra, podemos inferir a primeira regra da orthographia Portuguesa: que assi hemos de screuer, como pronunciamos, & assi hemos de pronunciar como screuemos.

¶ Regra. II.

D'Esta primeira regra se infere, ã nunca na scriptura accrescentemos, nem mudemos letras a dição algũa, querendonos accommodar aa origem, & scriptura Latina. Porque isso he fazer noua lingoa, & mudar a commun & vsada, que fallamos. Porque não consiste a policia da lingoa Portuguesa, em as palauras serem mui conjunctas & parecidas com as Latinas. Mas antes quanto nos desuiamos da Latina, tanto fica teendo mais graça, & sendo mais nossa, como tambem dizem os Italianos da sua. Os quaes chegada aa Latina chamão lingoa *pedantesca*, que quer dizer lingoa de pas-

casios. Polo que he nojenta scriptura, & fora de razão, a dos que dizẽ princepsa, por princesa. & epse, por esse. & oclho, por olho. & comptar, por contar, por ser mais conforme ao Latim. Porq̃ sendo a nossa lingoa corrupta da Latina, & fazendo nos desta corrupção noua lingoa propria, & peculiar nossa, q̃ pelo vso se foi deriuado, & introduzindo, não hemos de mudar, nem torcer os vocabulos, do soido, & vso cõmũ. Qua as palauras são como as moedas, q̃ não valem senão as correntes, & as q̃ stão em vso. E d'outra maneira, se fosse melhor reduzirmos as palauras todas ao Latim, & por, esse, podessemos dizer, epse, tãbẽ diriamos por elle, ille, & por, agoa, aqua. & assi ficaríamos fallando tudo Latinamente. Qua menos mudãça he, cõuerter hũa letra em outra sua affim, q̃ accrescentarlhe outra differente. Polo q̃ nos fique por regra, q̃ aa commũ pronunciação, não accrescêtemos, nem diminuamos, nem mudemos letra algũa. Mas que na scriptura sigamos corrupção dos vocabulos corruptos, & não a origẽ, & digamos pẽtem, & não pectem. feito, & não fecto. contar, & não comptar: pois já stão corruptos. No q̃ se deue aduertir, q̃ algũus vocabulos há, q̃ descendendo todos de hũ primitiuo, em hũus seguimos a scriptura La-

tina, & ã outros a corrupta: porq̃ na verdade os pronũciamos assi differẽtamente. Porq̃ hũus vocabulos corrõpemos, & outros deixamos incorruptos, q̃ pola maior parte sã os de q̃ a gẽte vulgar nã vsa tãto. Porq̃ screuemos insigne, significar, & significação cõ .g. porq̃ stã incorruptos: mas sinal, sinette, assinar, sem .g. por starẽ corruptos, sendo certo q̃ todos descendẽ de signum. E screuemos vnidade sem aspiração, por star quasi incorrupto, & o primitiuo ser vnus. Mas, hũ, & hũa, screuemos com ella, pelo costume, que nã carece de razão. Porque se dixeramos, um, & ũus, ũa, & ũas, causara duuida, por se encontrarem com outras dições de differente significado. O que tambem fazemos em o verbo substãtiuo, he, por se desencontrar do, e, conjunção.

Item se deue aduertir, que aquelles vocabulos poderemos screuer cõ orthographia Latina, q̃ acharmos incorruptos. E incorruptos chamo aquelles, em q̃ nã stã mudado mais, que a terminação final, que he geeral em todas as lingoas corruptas. Polo q̃ se ha de screuer officio cõ dous .ff. porq̃ officium se screue assi, & cauallo cõ dous .ll. porq̃ caballus se screue assi. E screueremos docto, doctor, doctrina, precepto, preceptor, pecto, pectoral, perfectio, cõtracto,

usufructo, & outros taes. E se algũs de orelhas mais mimosas dixerem, que lhe soa melhor, pronunciar se estes como corruptos, & dizer douto, doutor, doutrina, noute, ou noite, peito, perfeito, não lho estranharia. Porque na verdade, a pronũciação d'aquelles vocabulos, & de outros semelhantes, algũs a fazem sem .c. Mas por starem tam inteiros na forma Latina, eu os não screueria senão per .c. que o uso tudo vem amollêtar, & fazer corrête. Polo que a cada hum fique, screuelos como os pronuncia. Mas os versificadores, cujo trabalho he buscar consoantes, poderão screuer de hũa maneira, ou d'outra.

¶ Regra. III.

Item se infere da sobredicta regra, que na scriptura não ponhamos letras, que não se ajão de pronũciar, & de que as mesmas palauras não constão, como os vulgares fazem no nome de CHRISTO, que o screuem com .x. & p. dizendo Xp̃o, & Xp̃ouão, não sendo estas dições compostas d'aquellas letras. No qual erro tiuerão esta occasião de cair, q̃ os Gregos screuião o nome de Christo com suas letras capitales assi ΧΡ̃Σ como se em letras Latinas dicessem CHR̃S. E como este sanctissimo nome por a cele-

bridade, & frequência delle, seruia de figura tanto como de letras, como agora, IHS, que scripto em letras cabidolas, o entêdem os que não sabem leer, os mesmos Latinos o screuião com as mesmas letras Gregas. Mas os scriptores indoctos despois, não entendendo os characteres Gregos, cuidarão, que erão as letras Latinas, & que o .X. era .x. & que o .P. era o p. nosso, não sendo assi. Porque esta figura .X. he o c. aspirado dos Gregos .s. ch. & .P. he o seu .R. por que são suas letras assi na figura differentes das correspondentes Latinas. Polo que enganados cõ os dictos characteres, screuião despois Xpo, & Xpouão, não entrando em taes nomes .x. nem .p. E da mesma maneira se houuerão com o nome de IESV. Por que screuendo os Gregos abbreviado desta maneira, IHΣ. cuidarão, que a letra do meo era .h. nota de aspiração, não sendo assi senão .H. letra vogal dos Gregos, que pronunciamos como .é, longo, como se dixerão .IÊS. D'onde veo, screuerem este diuino nome com .H. não o teendo, assi IHESV, notando com cinco figuras de letras o nome tetragramaton, que he de quatro per secreto mysterio.

¶ Regra. IIII.

Item se infere, que deuemos fugir o abuso, que algũus teem, por se conformarem com o Latim na scriptura, os quaes screuem crux, por cruz. & vox, por voz. pax, por paz. perdix, por perdiz. No que errão de duas maneiras, a hũa porque screuem diferente do que pronunção (o que não deue, nẽ pode ser) a outra porq̃ quando viessem formar os pluraes dos taes nomes, era necessario, que dicessem de vox, voxes. & de crux, cruxes. & de pax, paxes. & de perdix, perdixes. Porque a formação dos Hespanhoes nos pluraes, he accrescêtar aos dictos nomes, & aos mais dos acabados em consoantes, hum .es. sobre a terminação do singular. Polo que accrescentando a pax as dictas letras, dirá paxes. & de vox, se dirá voxes. & de crux, cruxes. Assi que fique por regra, que todo nome Latino acabado em .x. de que os Portugueses vsão cõuerte .x. em .z. como cruz, luz, paz, perdiz, verniz, simplez, anthraz, capaz, rapaz, voz, noz, pez, fêz, atroz. O que como digo, se entẽde dos nomes Latinos, que a lingoagem toma sem outra corrupção. Porque muitos se acabão em .x. acerca dos Latinos, que não screuemos com .z. em Portugues, porq̃ stão corruptos, & mudados. Qua de rex, dizemos rei, & de grex, grei, & de lex, lei. & de sex,

seis. & de dux, duque. & de nox, nocte, & outros, que d'outras maneiras são corruptos.

¶ Regra. V.

Ainda que digamos, que os nomes Portugueses havião em todo de seguir a orthographia Latina, não sejamos tão supersticiosos, que algũa dição, que já he feita Portuguesa, ainda que stee inteira Latina, screuamos com diphthongo de .æ. nem de .œ. dizendo ædificio, hærdreiro, æstio, Æthiopia, pœna, fœno. Porq̃ nem nossa lingua os recebe, nem a nossas orelhas são mais que .e. Mas diremos edificio, herdeiro, estio, Ethiopia, pena, feno. E soamente poderemos screuer com diphthongo, os nomes proprios Latinos, ou Gregos, que o tiuerem, que não forem mui vsados, para que nos não fação duuida, & entêdamos de quẽ se falla, como Oenone, Oedipo, Ælio, pola razão, q̃ deemos no capitulo da letra .I.

¶ Regra. VI.

QVe não sigamos o abuso, de accrescêtar a todas dições Latinas, q̃ começam em .s. hũ .e. fazendoas sempre de mais hũa syllaba, do q̃ teem de sua colleita. Porq̃ dizem vulgarmente escriuão, esperar,

espírito, Esteuão, & outros infinitos. O que he grã-de erro, & maa maneira de screuer. E o ã enganou aos vulgares foi, que o .s. como he mais assouio, que letra, da hũa apparêcia de lhe preceder hum .e. Mas os doctos, que são os que fazem o costume, não screuem assi. E assi vemos, que os Italianos, & Franceses, que da mesma maneira tomarão dos Latinos as dictas dições, não as screuem, nem pronũcião per e. No qual erro a gête Castelhana tãbem cae. Assi ã hemos de dizer, stado, studo, star, statua, Steuão, spirito, sperar, scriptura, scriuão, &c.

¶ Regra. VII.

QVe não soamente os vocabulos Portugueses, que stão inteiros, como no Latim, mas os corruptos, no que não stiuerm mudados, deuẽ guardar a mesma orthographia. De maneira que assi como stella, dobra o .l. em Latim, assi o dobrará strella em Portugues. E assi como dizemos gutta, diremos gotta: & como dizemos spissus, diremos spesso.

¶ Regra. VIII.

QVe esta particula, se, junta aos verbos da terceira pessoa do singular, de qualquer tempo, faz ã

signifiquem passiuamête, ou impersoalmente, per arrodeo, por falta de palauras, de ã a lingua Hespanhol careçe. Porque em lugar de amatur, & amabatur, impersoal, dizemos ámase, & amáuase, & em lugar de amatur da voz passiuua, dizemos tambem ámase, em lugar de he amado, como dizemos, a virtude amase dos bõos. A qual particula, se, deuemos screuer separada, & per hum .s. no que vulgarmête os mais errão, & dizem, digasse, façasse, passesse, não attentando, que alterão assi as syllabas na quãtidade, & mudão o accentto, & de duas dições fazê hũa, & causão confusão no significado. Polo que assi como dizemos aquillo se ama, prepoêdo o, se, assi hemos de dizer separadamente, amase, quãdo o postpoemos, & cõ hum .s. soomente, como faz se, diz se, nauega se, ajunte se, póde se, passe se.

¶ Regra. IX.

QVe não confundamos esta particula, ou preposição, de, com as dições, a que se ajunta, que começa em vogal. E que ainda que o .e. da dicta particula, se aja de elidir, & comer na pronunciação, ã se não coma na scriptura, que he cousa fea, & barbara. Porque screuem vulgarmente, a cidade deuora,

anel d'ouro, homem d'armas, d'elle, d'ella, tudo ligado, como se fosse hũa dição, hauêdo de dizer a cidade de Euora, assi como dizem de Roma, anel de ouro, homem de armas, de elle, de ella. E já que quisessem logo na scriptura tirar o .e. como se tira na pronunciação, fação como os Italianos, & Franceses, que denotão a detracção d'aquella vogal com hum apostropho, como os Gregos, desta maneira cidade d'Euora, anel d'ouro, homem d'armas, d'elle, d'ella. O que parece mui bẽ, & vsão já algũs Hespanhoes curiosos das lingoas. O que tambem fazem nestas particulas, no, na (q̃ são a preposição, en, junta a articulo) quãdo as ajuntão a pronomes, ou nomes começados em vogal, como n'este, n'aquelle, n'quella, n'aquelloutro, n'outro, n'algun n'um. Dos quaes direi no capitulo dos apostrophos.

¶ Regra. X.

QVe não vsemos fallãdo, ou screuêdo indistinctamente destas preposições, per, & por, nem as confundamos, como fazẽ vulgarmẽte, não fazêdo differença de hũa a outra, sendo entre si tam differêtes, como no Latim são, per, & pro, q̃ teẽ differête significação, & pedẽ diuerso caso. Assi q̃ quãdo quisermos di-

zer o meo, per ã se faz algũa cousa, o hemos de significar, & screuer per esta preposição, per, & não per esta, por, como he quando dizemos: Eu vos mostrarei isto per razões euidentes: Este liuro he composto per tal author: & tudo o mais, que os Latinos dizem per a dicta preposição.

Mas o nosso, por, poemos em lugar do, pro, dos Latinos, como quando dizemos: Eu vos tenho por amigo, este lugar stá por elRei, trocaime este liuro por outro. O que não se soffria dizer assi: Tenhouos per amigo, este lugar stá, per el Rei, trocaime este liuro per outro. E aas vezes se põe a mesma preposição em lugar de propter, como nestes exêplos: Por a tempestade ã vai, não nauego: fazei isto por hũ vosso amigo. Posto ã quando se põe na dicta significação, pola maior parte se lhe ajũta esta palaura amor, ou causa. Porã dizemos: Por amor das neues não passo os alpes: & por amor dos Turcos não passo o mar. As quaes palauras, amor, ou causa, não seruem de mais, que de explicar a significação da dicta preposição. Porque não tõe a lingua Portuguesa voz, que responda a, propter, & por isso vsão d'aquelle rodeo. E a mesma ordem se deue guardar no vso das mesmas preposições juntas aos articulos, o,

a, quando por bom soido, mudamos o .r. em .l. dizendo. Polo amor de Deos, pola honra, pelo caminho, pela terra. Porque do, per, vê pelo, pela, & do por, polo, pola, & a conjunção polo que, ã dizemos por a Latina, quapropter. De que se collige tambem, que se deuem screuer per hum soo .l. que succede em lugar do .r.

¶ Regra. XI.

QVe tiremos outro abuso, de poer a letra .p. entre m. & .n. como algũs maos Hespanhoes, & piores Latinos fazião, que screuião, sompno, dampno, solempnidade, & aas vezes antes de .u. consoante, como, scripuão, screpuer, & peor ainda que isto dezião, spriuão, spreuer.

¶ Regra. XII.

QVe reduzamos a melhor scriptura muitas dições, que sendo Latinas, & stando incorruptas em muitas syllabas, & algũas em todas, tirada a da terminação, lhe tiramos suas letras, como são estas: calidade, cantidade, contia, nunca, cinco, ca, acolá, como? aduerbio interrogatiuo, hauendo de dizer: qualidade, quantidade, quãtia, nunca, cinco, qua aquola, quomo?

¶ Regra. XIII.

QVe nunca dobremos a primeira letra de algũa dição, porq̃ a nenhũa vogal nem consoãte, podem preceder duas letras semelhantes. Porque a primeira não teeria vogal que ferir, nem letra, a que se ajũtar: o que não pode ser. E pela mesma razão, não dobraremos a letra final de algũa palaura: porque a vltima não teeria vogal, a que fosse atada. Assi q̃ errão os q̃ screuem, llourenço, rrei, & elrrei, quall, mill, & outros assi.

¶ Regra. XIII.

QVe por abbreuiar a scriptura, não screuamos per notas numeraes, ou de algarismo as palauras, q̃ não denotão numero, como fazem algũs por ignorancia da lingua Latina, & da propriedade, & natureza das palauras, guiados do som dellas, & não da significação. Porque dizem: Não vos vades, sem 1º. fallar comigo. E por dizerem, segundo Platão, dizẽ 2º. Platão. E por dizerem: Eu serei neste negocio bõ terceiro, screuem 3º. O que he grande erro, & fealdade da scriptura. Porq̃ alli a palaura, primeiro, he aduerbio, que significa antes, & a palaura, segundo, he preposição, q̃ quer dizer acerca, & a palaura, terceiro, he nome, que quer dizer intercessor, & me-

dianeiro. Polo que fica claro, que não denotando numero, não se podem screuer com cifras, ou notas numeraes.

¶ Regra. XV.

Qve guardemos a analogia, & ordem nos vocabulos deriuados, & q̃ não variemos nelles. Porq̃ dizem muitos, rindeiro, vindeiro, vistido, não respeitando aos primitiuos. Porq̃ se renda se screue cõ e. necessariamente, se ha de screuer assi, rendeiro, q̃ he seu deriuado. E se dizemos veste, & vestimenta, assi vestir, & vestido, & assi de venda, vendeiro. E como dizemos, pelle, tambem diremos pelliteiro, & pellica, & não pillica, nem pilliteiro. E assi como dizemos pomo, diremos pomar, & não pumar, como muitos dizem. E de gemer, diremos gemido, & não gimido. E como dizemos pedir de peço, diremos petição, & não pitição, pedinte, & não pidinte. E de ferir, diremos, ferimento, & ferida, & não, firimêto, nem firida. E de mealha, diremos, mealheiro, & não mialheiro. E de meço, medes, medida, & não midida. E de mento, mêtes, mêtira, & não mintira: posto que tambem digamos, minto, & mintes.

¶ Regra. XVI.

QVE tenhamos grande tẽto nos vocabulos, em ã entra .c.s. & .z. Porã a mais da gente, & não soo a vulgar, se engana na scriptura, confundindo estas letras, & poendo hũas por outras, sem distinção, sendo ellas differentes, & distantes na pronunciação, & natureza, assi como o são na figura. Das quaes letras o que se pode reduzir a regra he isto: Que com .c. se screuem todos os nomes verbaes, corruptos dos Latinos acabados em, tio, de qualquer conjugação que sejam deriuados, como, oração de oratio, geeração, de generatio, lição, de lectio: tirando razão de ratio, que dizemos aa differença de razão, por porção.

Item todos nomes cujos Latinos se acabão em, tium. como seruiço, de seruitium, negocio, de negotium, exercicio, de exercitium. Por o que não dirão negotio nem exercitio. Porque como dixe na letra .C. he pronunciação mui alhea. Nem menos diremos, offitio, como algũus, querendo ser mais Latinos do que he necessario, dizem. Porque os Latinos não dizem offitium, senão officiũ, por vir de facio, assi como também dizem iudicium, de iudico, que corrompemos, & mudamos em juizo.

Item screueremos per .c. os vocabulos acabados acerca dos Latinos em, tia, que são os nomes, ã cha-

mão denominados, como prudencia, de prudêtia. paciencia, de patientia. sciencia, de scientia. Porque a nossa lingoa não admite nelles a pronũciação Latina, que não he, a que lhe nos damos vulgarmête. Polo ã os hemos de screuer, como os pronũciamos. O que se vee em algũus, a que tiramos o .i. per syn-copa, ã necessariamente ficão em .ç. como justiça de justitia, sentença, de sententia. E pela mesma analogia, conuença, differença, Valença.

Item os verbos deriuados dos ditos nomes denominados acabados em ça, como de sentença, sentẽciar. de justiça, ajustiçar. de preguiça, espreguiçar. de cobiça, cobiçar.

Item todos nomes deriuados de outros, ainda que meros Portugueses desta figura, confiança, medrãça, possança, bonança, abastança, &c.

Itẽ todos os verbos cõ toda sua inflexão de tẽpos, modos, & pessoas, cujas primeiras pessoas do presẽte do indicatiuo, se acabão ã, iço, como espreguiço, espreguiçar. esperdiço, sperdiçar. enfeitiço, enfeitiçar.

Item todos nomes acabados da mesma maneira, ã por a maior parte significão abũdancia, ou frequencia, como chouediço, fugidiço, feitiço, castiço, mettediço, maciço, dobradiço, agastadiço, nouiço, &c.

Item todos os verbos desta figura, preualeço, preualeçer, basteço, basteçer, appareço, appareçer, & assi conheço, stabeleço, emmagreço. E assi mesmo os nomes que delles descendem, como conhecimêto, bastecimento, sobstabelecimento.

Item se screuem per .c. todos nomes, que acerca dos Castelhanos se acabão em zo. ou za. que significão grandura, ou abundancia, que são contrarios na significação aos diminutiuos, como bargantaço, ca-uallaço, porcaço, negraço, gordaço, gordaça, &c.

E todos os nomes que os Castelhanos acabão na dicta terminação, zo. ou za. ainda que não tenham aquella significação augmentatiua, como laço, agraço, inchaço, chumaço, aço, couraça. &c.

Item os nomes desta figura, ladroice, truanice, bebedice, sandice, velhice, meninice, paruoice, garri-dice, &c.

Per .s. se screuerão aquelles, cujos Latinos teem .s. Polo que de mensa diremos mesa, & não meza. E de casa não diremos caza. E assi screueremos os derivados delles, como casal, caseiro, casamento, & não cazal, nem cazamento. E se dizemos diuisio, não diremos diuizão, & de defensa, não diremos defeza, nem presente, por presente. Polo que nos fique por

regra, que todo nome verbal, que acerca dos Latinos se acaba em sio, mudemos em, são, & digamos de diuisio, diuisão, de conclusio, cõclusão, de pêsio, pensão: & todos os mais pela mesma maneira, tirãdo paixão, que dizemos de, passio.

Per .z. se screuem aquelles, de que a tras fizemos menção no titulo da letra .Z.

¶ Regra. XVII.

QVe todo nome proprio de homem ou molher, se screua com a primeira letra grande, & capital, como Lourenço, Antonio, Duarte, Maria, Ambrosia. E assi os cognomes, ou appellidos, ainda que em outra maneira sejam appellatiuos, ou cõmũus, como Sylua, Pereira, Carualho, Lobo, Raposo, Gama, para cõ a dicta maneira ð screuer, se tirar a duuida ã aas vezes incide, ð quando são appellatiuos, ou proprios.

Item todos nomes de prouincias como: Portugal, Algarue, França, Alemanha, India. E de cidades, como: Euora, Lisboa, Coimbra. E os nomes das gẽtes, que das prouincias, ou cidades se deriuão: como, Portugues, Arabio, Lisbones, Coimbrão.

Item os nomes de montes: como, Sion, Olympo, Tauro, Ætna.

E de rios como: Tejo, Guadiana, Danubio, Euphrates.

E de fontes como: Arethusa, Castallio.

E de meses como: Ianeiro, Março, Maio, Nouẽbro.

E de deoses da gentilidade como: Iuppiter, Neptuno, Venus, Diana.

Finalmente todo o nome, que não pode competir, senão a hũa soo pessoa, ou cousa.

Item se screue com letra capital & grande, todo o principio de lectura, & qualquer clausula, que se siga depois de acabar outra clausula precedente, em pôto final, ou interrogatiuo, ou admiratiuo, como se veraa nos exêplos, que poeremos, quando tractarmos dos pontos das clausulas.

Item se screue com letra capital, o ã vai depois do cõma, quãdo se muda de hũa sentença a outra, como, Dicam Deo: Noli me condemnare. Direi a Deos: Não me queirais cõdênar. Ou quãdo se passa de hũa pessoa a outra, como, Dixit autẽ quidã: Ecce mater tua. Dixe então hũ certo homẽ: Ex aqui vossa mãi.

E em meo de algũa dição, se não poeraa letra maiuscula, ã seria feo dizer. IoAm. LouRêço. AnRique.

¶ Regra. XVIII.

QVe em a scriptura não liguemos hũas letras a

outras & muito menos hũa dição a outra, como fazem geeralmente scriuães, por razão de com hũa penada fazerẽ muitas letras, & em pouco spaço mais scriptura, respectando mais ao seu proueito, que ao dos lectores. Porq̃ da tal ligatura nasce confusão, & obscuridade, ainda em letra de bõa mão, & não se lee senão o que se tira per descrição. Porque por causa das ligaturas, não se podẽ formar as letras perfectamente. De que vem que per discurso de tempo, ou de se costumarem outras ligaturas, ou se não costumarem, se não leerão muitas scripturas. No que de- uemos imitar a nossos passados, cujas scripturas antiquissimas, por não screuerem ligado, leemos sem nenhũa difficuldade, o que nossos posteros não farão das nossas. Outro inconueniente se segue das ligaturas, que por causa dellas, nenhum estrangeiro pode leer, nem entender nossas cousas. O que não fora se as letras forão soltas, porque os characteres, & figuras de nossas letras puros em si, são commũs a todas nações, que vsão do alphabeto Latino. Ache- gase a isto, q̃ toda letra solta & desapegada, por maa que seja, representa ao sentido de quem a vee, & faz conceber, o que nella se contẽe, & por maa que seja, se lee, sem difficuldade. E pelo contrario, sendo li-

gada, ainda que bõa letra seja, se lee com trabalho, & muitas vezes se não entende. Do que quis fazer regra de orthographia não o sendo, por o trabalho q̃ scriuães dão, a quem lee seus processos, que por co- biça de pouco ganho, muitas vezes offuscão a justiça das partes, & porque meu intento he ser este tracta- do, hum preludio da arte & instrução dos notarios, que despos elle spero logo diuulgar.

¶ Regra. XIX.

QVe não confundamos, nem misturemos as fi- guras numeraes da cõta Romana cõ a Arabica, como fazem algũus, que por dizerem, xxv. xxvj. xxvij. xxviij. screuem xx5. xx6. xx7. xx8. que he cousa fea, & nojenta para quem entende. Nem co- mecemos a conta em figura, & acabemos em letra, mas toda a conta screuamos junta, ou per palauras, ou per notas numeraes, & digamos: Anno de mil, & quinhentos, & setenta & seis, ou: Anno de 1576. & não: Anno de mil, & quinhentos & 76. nem Anno de 150. & setenta & seis, que outro si he cousa fea & desproporcionada.

¶ Regra. XX.

A Vltima regra, que na lembrança deue ser a pri-

meira seja, que trabalhemos sempre, por inuestigar a origẽ dos vocabulos. Porq̃ pela etymologia delles, se sabe a orthographia, & pela bõa orthographia a etymologia. E esta he a fonte & a raiz de fallarmos, & screuermos bem, & propriamente, ou mal. Porque de as palauras andarem tiradas de seu curso, & scriptura, vem não se saber a origem, & propriedade dellas: & de não sabermos a origem, vem andarem muitas tam mal scriptas, que por starem tam recebidas do vulgo, não podem já teer emẽda. Esta palaura, memposteiro, ategora andou mal scripta, mas agora, q̃ com outras muitas vola dou emẽdada em, mamposteiro, facilmẽte caireis no q̃ quer dizer, & dõde se deriua, que he homẽ posto da mão d'alguẽ, para algũ negocio, na forma que dizemos mãteudo, o que stá teudo, & alimẽtado da mão d'alguem. E assi sabendo, que farropea vem de ferro, & de pea, direis ferropea com .e. & não com .a. como quem sabe, donde se deriua. E quem soubera, q̃ manto bernio, queria dizer, mato de Hybernia, ilha a q̃ per outro nome chamão Irlanda, onde se fazẽ, como, Paris, Ruão, Hollãda, por outros panos, dixeram hybernio, & não bernio, q̃ não he menos grosseria, q̃ se dixessemos, Taliano, por Italiano, & Lemão, por

Alemão, o ã se não soffre. Porã em nomes proprios ou deriuados d'lles, não pode hauer mais corrupção, que na terminação final. Ao ã não obsta dizer, ã isso he o effecto da corrupção das lingoas, & ã assi he em todos os mais vocabulos, em ã se mudão hũas letras em outras, & se accrescentão, & diminuem. Porque hũa cousa he a corrupção, ã se faz por a propriedade da lingua, a que traspassamos os vocabulos, & perã corrõpemos hũas letras em outras suas affijs, outra he, a ã se faz por a ignorancia da origem dellas, ã he corrupção, ã as orelhas de homens polidos, & de bom entẽdimẽto não admittẽ, como he dizer enxucação, por execução, socresto, por sequestro, rendição de captiuos, por redempção, alicornio por vnicornio, sorodio, por serodio, & outros infindos vocabulos, ã muita gẽte pronũcia, & screue mal, por não saber a origẽ delles, sem a qual he impossivel screuer certo, nem fallar proprio. Assi ã ainda ã da vulgar gẽte vejamos, ã stá recebido, screueremse d'outra maneira, como não deuem, attreuamonos aos screuer, como deuem sem medo, & por memposteiro, digamos mamposteiro, por sorodio, serodio, & por bernio, hybernio, ã o vso tudo vem abrãdar, & fazer corrente, & natural. E reuendiquemos, & restituamos a seu lu-

gar os vocabulos, & façamos costume do ã consiste ã razão, & analogia. Porã em nenhũa cousa pode mais o costume, que na orthographia, & nas palauras, ã se mudão, & varião como as moedas. Scipião Africano (segundo Quintiliano screue) de vorto, vortex, & vorsus, começou a screuer, vorto, vertex, & versus, & assi ficou em vso. Caio Cesar de optumus & maxumus, que então dizião, screueo optimus, & maximus, que nos durão ategora. Por magister dizião os antigos magester. por liber, leber. por nutrix, notrex. por Hecuba, Hecoba. & por sibi dizião sibe. & por quasi, quase. & outros infindos, ã se mudarão com o tempo em outra maneira de screuer. E de dez diphthongos que os Latinos tinham se foram esquecendo os quatro. E assi veemos na lingua Portuguesa, per quam differente maneira se screue agora do que se screuia & pronunciava, no tempo antigo ate o delRei dom João o primeiro, que parece outra differente lingoagem. E mui facilmete (para tornarmos ao proposito que comecei) se alcãçaraa a origem dos vocabulos (moormente per os ã a lingua Latina souberem) se considerarmos as letras que se conuertem em outras, como acima vos mostrei.

DA OBSERVAÇÃO

Dos artigos, & como se deuem screuer.

Ainda que na lingua Latina se escusem os artigos, por as terminações dos casos, que mostram quaes são, na lingua Portuguesa, onde os nomes são indeclinaueis (tirada a differença dos numeros) são necessarios, porque per elles vimos em conhecimêto dos casos, pois no caso em que elles stão, sabemos star os nomes, a que se ajuntão. Mas porque aos artigos, que tambem são indeclinaueis, & soo teem variação no genero & numeros, não podiamos dar esta demonstração dos casos, soccorremonos aas preposições, de, &, a, pelas quaes os mostramos. Porque, de, nos serue pera o genitiuo, & ablatiuo, &, a, para o datiuo desta maneira.

Articulo masculino.			Articulo feminino.		
	Singular.	Plural.		Singular.	Plural.
Ntõ.	o.	os.	Ntõ.	a.	as.
Gtõ.	d' o.	d' os.	Gtõ.	d'a.	d'as.
Dtõ.	a o.	a os.	Dtõ.	a a.	a as.
Acctõ.	o.	os.	Acctõ.	a.	as.
Ablti.	d' o.	d' os.	Ablti.	d' a.	d'as.

O vocatiuo não tõe articulos. Porque o .ô. cõ que chamamos, he aduerbio de chamar, & não articulo. Porque a natureza dos nomes relatiuos, & demonstratiuos, como os articulos são, não padece aquelle caso, que requiere presença da pessoa, a que se dirijão as palauras de chamar. E assi vereis, que não tõe variação de genero, nem de numero. Porque dizemos. ô senhor, ô senhores, ô senhora, ô senhoras. Assi que errão, os que cuidão que o articulo tõe variação de caso .s. o, a, do, da, ao, aa, ô. Porque não ha mais que, o, a, & o que se lhe prepõe, são as dictas preposições. Porq̃ por dizermos de o .de a. viemos dizer, do, da, comendo, & apagando o .e. per hũa figura chamada synalepha, assi como de en o, & de en a, viemos dizer no, na. & de com o, co. & de com a, coa. De maneira que quando dizemos ao, a, he preposição & o, he articulo. E quando dizemos aa, da mesma maneira o primeiro, a, he preposição, & o segundo articulo feminino. Donde se segue, q̃ necessariamente, quando a preposição se ajunta ao articulo feminino, que he no caso datiuo, screueremos per dous, aa. O que antes parecia duro a algũs que não caião na razão disso. Porque o, a, como digo, per si soo he preposição.

E porque ha algũus de engenhos obstinados, a que não sei se persuadi, quero lho prouar per hũa demonstração nas lingoas Castelhana, Italiana, & Frãcesa, que nisto cõformão com a nossa. Porque acerca dos Castelhanos, quando dizem *voy a Roma*, aquelle, a, he preposição, & não põem articulo, por Roma ser nome proprio, que o não admite. E quando dizem *voy a la Iglesia*, fica manifesto, que o, a, he preposição, & o, la, articulo como tambem fazem no masculino, quando dizem, *voy a Toledo*, sem articulo por a dicta razão de ser nome proprio, & *voy al mercado* por ser appellatiuo, com o articulo, al, que he o mesmo que a el, de ã fazem syncopa. E os Italianos da mesma maneira dizẽ *ando a Roma*, & *ala piazza*, & *io passai per Bologna*, & *passai per la strada*, E os Franceses dizem, *ie voy a Naples*, & *a Rome*: & *ie voy a la maison*, & *a la eglise*. Do que fica conuencido, que necessariamente hauemos de screuer dous .aa. quando ajuntamos a preposição, a, ao articulo feminino no caso datiuo, & dizer, vou aa igreja, doume aa virtude, das te aas armas.

Item deueis saber outra regra, que nunca ouuiri-eis, que por os nomes proprios serem demonstratiuos de seu genero, & por não teerem necessidade de articulos, demonstramos os casos d'elles,

soamente com as dictas preposições sem articulo, & dizemos: Pedro corre, & não, o Pedro. & Cæsar vence, & não o Cæsar: & de Cæsar he vencer, & não do Cæsar: & a Cæsar conuem vencer, & não ao Cæsar: & com Cæsar stá a victoria, & não com o Cæsar. O que tudo he per as dictas preposições, sem articulo. Mas nos appellatiuos, dizemos assi: O capitão vence: Do capitão he vencer: Ao capitão conuem: Com o capitão, &c. Dõde se segue, que errão hũus, que por se fazerem mais Portugueses do necessario, & muito anciãos, dizem, o Bartolo diz isto, o Baldo diz aquell'outro. O que he cõtra a propriedade dos articulos, que não se ajuntão aos nomes proprios: porque não demonstrão, o que naturalmente stá demonstrado. Ainda que nos appellidos, & cognomes de pessoas mui conhecidas, de que frequentemente fazemos mẽção, se ponhão algũas vezes, como quando dizemos, o Pinheiro, o Nauarro.

E assi como aos nomes proprios, se não ajuntão articulos, assi nem aos pronomes, porque stão em vez de nomes proprios, soamente lhes ajũtamos as preposições, como de mi, de ti, de si, de este, d'estoutro, a mi, a ti, a si, a nos, a vos, a aquelles. Mas não ao mi, ao ti, ao este, aos nos, &c.

Item se ha de aduertir acerca d'estes articulos outra cousa, a que não se pode dar razão, senão pedilo assi a orelha & costume, que a algũus nomes de prouincias ajuntamos articulos, & a outros não. Porque dizemos: Italia he prouincia fertil, & cidade de Italia, & d'isto vem bẽ a Italia, & vou a Italia, & o mesmo em Frãça, Lombardia, & Hespanha, & outros. Mas não he assi nesta palaura, India, onde não nos soffrẽ as orelhas dizer, India he terra grãde, cidade de India, nem vou a India. Porq̃ dizemos, a India, da India, aa India. E assi dizemos Cambaia stá na India, & vou a Cambaia. Mas não diremos, China stá no oriente, senão a China, & assi vou aa China. E assi dizemos vou a Corintho, vou a Toledo, & não ao Corintho, nem ao Toledo. Mas não diremos vou a Cairo, se não ao Cairo.

Outra obseruação he, que quando os nomes das cidades podião per outra maneira ser appellatiuos, ou cõmũus, sempre lhes damos articulo. Porq̃ ainda q̃ digamos vou a Toledo, vou a Roma, não dizemos assi, vou a Porto, vou a Guarda, senão vou ao Porto, vou aa Guarda. E da mesma maneira quando se as prouincias nomeão pluralmẽte, como vou aas Hespanhas, vou aas Canarias. O que não he nos nomes

das cidades: porque dizemos vou a Athenas, vou a Bruxellas, vou a Thebas, vou a Cumas.

Item hão de aduertir, ã dizemos vou a casa, quando entêdemos da nossa morada, & vou a casa de Pedro, & não aa casa. Mas quando não he casa de habitação, dizemos cõ preposição, & articulo, vou aa casa dos tabelliães, vou aa casa da India, &c.

E porque muitos aspirão os articulos, cuidando, ã os tomamos dos Gregos, que no masculino, & feminino do primeiro caso os teem aspirados, dizendo, ô. ñ. lembro que he escusada curiosidade, assi porã os não pronunciamos aspirados, como porã não tomamos esses articulos dos Gregos, ainda ã como elles os tenhamos. Porã os nossos articulos, o, a, são o pronome, is, ea, id, por o qual dizemos, o, a, o, o qual pronome não soomête vai antes dos nomes, como articulo, mas antes & depois dos uerbos, como relativo ã he. Porã dizemos a Pedro eu o amo, & dizemos amoo, amoa .s. eu o amo a elle, & amo a ella. E dizemos nos o amamos, & amamolo .s. por amamos o, mudando o .s. em .l. por bom soido, como quando dizemos fizestelo? ouuistela? por fizestes o? ouuistes a? Por tanto he desnecessario aspirar o que de sua natureza não tõe aspiração.

DOS ACCENTOS, E QVANDO

Os deuemos vsar na scriptura.

COmo as palauras constão de vozes, naturalmẽte as não podemos pronunciar, senão com differença de accentos. s. hũus altos, & predominantes, & outros graues & baxos. E accento chamamos, o tom que damos a cada syllaba, que em cada hũa dição leuamos, ou abaxamos. E o predominãte, de que tractamos, não he mais que hum em cada syllaba. E tirada aquella syllaba, em ã stá o accẽto predominante, as mais teem accento graue, que propriamente não he accento, senão quanto em respecto do agudo. E os accentos são tres .s. agudo, graue, circumflexo. Agudo he, o ã leuãta mais a voz, & tẽe esta figura, á. O graue he o ã abaxa & he assi, à. Circumflexo he o que participa de ambos, & assi tẽe a figura, â. E porque muitas dições se parecem com outras, por teerem as mesmas letras, & todauia por serem differentes na significação, teem differença no accento, releua vsar destes accentos, para demonstração da differença. Dos quaes nas dições, que não teem outras semelhantes, não deuemos vsar. Porq̃ não seruirão de mais, que de causar confusão aa gẽte vulgar, & fazer cair em erro, os que os quiserem imi-

tar, não o sabendo per arte.

Assi que onde o accêto faz mudança de significação, o notaremos sempre, como nas terceiras pessoas do preterito pfecto, do modo demonstratiuo de todas as conjugações. Porq̃ concorrem cõ as terceiras pessoas do futuro do mesmo modo, & numero, em as mesmas syllabas, senão que differem no accentto. Qua as vozes do preterito teem o accentto agudo na penultima, & as do futuro na vltima. Polo q̃ para tirarmos a differença dos modos, & tempos, de que fallamos, quando for preterito, diremos amára, leéra, ou uíra. E quando for futuro diremos, amarâ, leerâ, ou uirâ, com accentto circumflexo.

O mesmo vsaremos nos nomes, onde assi for necessario, como nesta palaura, cór, por vôtade, que notaremos com accentto agudo, aa differença de cõr por color, que o teem circumflexo: & como em fêz pessoa do verbo faço, aa differença de féz por borra: & ía pessoa do verbo vou vás, aa differença de já aduerbio tẽporal, & ê, terceira pessoa do verbo sou, aa differença de, e, conjunção, ainda q̃ neste a differença se tira sem accentto, ou pela aspiração, q̃ se lhe põe de costume, quando he verbo, ou por a figura que dão ao, e, quando he conjunção assi, &.

Mas algũus ha, que por não teerem noticia dos accentos, em lugar delles, dobrão as vogaes do accêto predominante, & screuẽ, amaarão, ouuijrão, aa differença do futuro, & amaraa no futuro do indicatiuo, & amaara no presente do optatiuo, & preterito imperfecto do subjunctiuo, & assi em os mais. Porque as syllabas, que teem o accento, pela moor parte são lōgas acerca de nos. O ã não carece de exemplo dos antigos, como acima teemos dicto, dos õ dobrão .o. Mas o melhor será, notar a differença com os accentos, por não poer letras ociosas, que na verdade se não pronunciação.

DOS APOSTROPHOS

APostropho he hũa figura, que os Gregos contão entre seus accentos, sem ser accêto. Porque soo denota a vogal que se tira do fim da dição, per hũa figura chamada synalepha, quando se segue outra dição, que outro si começa em vogal. O que se faz no verso, para se euitar o hiato & abertura da bocca, que se causa acabãdo hũa dição em vogal, & começando outra també em vogal. A qual nota se põe sempre sobre a derra-

deira consoante da dição, ficando em lugar da vogal que se tira, cuja figura he ametade de hũ circulo assi .o. E as dições acabadas em vogal, em que mais cõmummente comemos & tiramos a dicta vltima vogal, são estas, de, me, te, se, que, ante, no, na, esse, este, aquelle, outro. Polo ã as screueremos assi, quando lhe tirarmos & elidirmos aquellas vogaes, m',t'. s', qu', n', n', ant', ess', est', aquell', outr', como d'ambos, d'isto, não m'ouuis? não t'ouui, não s'entende, qu'andais dizêdo? n'este, n'esta, n'outro, ant'ontem, ess'outro, est'anno, aquell'outr'anno. E cõfundindo tudo, & ajuntando o na scriptura, como fazemos na pronunciação, seria cousa fea, & que causaria duuida no significado, como se screuessemos, não mamais, por não me amais, ou não touço, por não te ouço.

E em algũs lugares necessariamente hemos de v-sar deste apostropho, ainda ã seja em prosa, como he nesta preposição, de, jũta a dições, ã começa em vogal, se na pronunciação comemos aquella vogal, de que já teemos feita mẽção nas regras geeraes da orthographia. Item he necessaria, para screuer algũs nomes cõpostos, quando o primeiro simplez, se acaba em vogal, & o segundo começa em outra vogal, em que necessariamente tiramos a primeira vogal,

como em Montagraço, Montargil, Portalegre. Os quaes se hão de screuer assi, Mont'agraço, Mont'argil, Port'alegre, Font'arcada,

E da mesma maneira he necessario, para os nomes proprios & cognomes. Qua por o que vulgarmête dizemos, Fernão daluarez, Pedrafonso, tudo junto, hemos de dizer separado Fernand' Aluarez, Pedr' Afonso. E assi não diremos, foão Dalmeida, Daguiar, Dantas, Doliueira, senão d'Almeida d'Aguiar, d'Antas, d'Oliueira, &c.

DAS ABBREVIATURAS.

SOccede serẽ na scriptura necessarias as abbreuiaturas, ã já forão mui costumadas dos antigos, para celeridade & presteza do screuer. Mas o abuso, que entre nos anda, fora do costume d'outras nações de abbreuiar as palauras per entrelinhas, se deue fugir. Porã he remẽdar a scriptura, ã pode ir limpa, & inteira. Qua nũca nos hemos de soccorrer a screuer em spaço, senão quãdo depois de tudo scripto nos lẽbra algũa cousa, ã se houuera de screuer em regra, que por não hauer já lugar, a mettemos em spaço, tirando a abbreuiatura do, til, ã he necessaria, & não se pode poer em regra. Polo que as abbreuiaturas, que

houermos de fazer, não sejam para poupar papel, senão para poupar tempo. Porque screuendo em espaço, não he abbreuiar, senão mudar o lugar do papel.

Assi que nossas abbreuiaturas sejam de tal maneira, que nas palauras, que são mui notorias, ponhamos letra por parte, & nas que o não forem tanto, ponhamos tantas letras em regra direita, ate que fique manifesto, que palauras são. As muito notorias são, as que andão em vso, & vão em consequencia de outras, como. S. por senhor, & V. A. por vossa alteza. V. E. vossa excellencia. V. S. vossa senhoria. V. M. vossa merce. V. P. vossa paternidade. V. R. vossa reuerencia. E por elrei nosso senhor ElR. n. s. & por autor .A. & por reo .R.

Mas nas outras partes, que não são recebidas pelo vso, screueremse per hũa letra, poremos mais letras & em regra direita, & não per entrelinha, como por Elrei Dõ Sebastião nosso senhor, Elrei D. Seb. N. S. E por Caio Iulio Cæsar, C. Iul. Cæs. por Quinto Fabio Maximo. Q. Fab. Max. por Marco Tullio Cicero, M. T. Cicero. M. Tul. Cic. por Francisco, Franc. por Bartholomeu, Barthol. & por Andre, And. & por supplicante, supp. E assi todas as mais abbreuiaturas que se fazem em regra direita com o

til. como ap̃lo. m̃ia. sñã. & outros taes.

Mas deuemos ser auisados, que na abbreuiatura de algũa palaura, nunca ponhamos letras, q̃ a palaura scripta ao extenso não tenha, nem dobremos letra algũa, se outro si a não teem. Polo que por Gonçaluez, que he impossivel teer dous .ll. não diremos, Gll̃z. senão Gl̃z. nem por Fernandez, Frr̃z. mas Fr̃z.

Item por euitar prolixidade de scriptura, se costumão os numeros screuer per notas, & abbreuiaturas pela conta Romana assi.

Vnidade.	I. II. III. IIII. V. VI. VII. VIII. IX.
Dezena.	X. XX. XXX. XL. L. LX. LXX. LXXX. XC.
Centena.	C. CC. CCC. CCCC. D. DC. DCC. DCCC. DCCCC.
Milhar.	M. IIM. IIIM. IIIIM. VM. VIM. VIIM. VIIIM. IXM.
Dezena de m.	XM. XXM. XXXM. XLM. LM. LXM. LXXM. LXXXM. XCM.
Cêtena de m.	Ċ. ĊĊ. ĊĊĊ. ĊĊĊĊ. D. DĊ. DĊĊ. DĊĊĊ. DCCCC.
Cêtena de m.	CM. CCM. CCCM. CCCCm. DM. DCM. DCCM. DCCCM. DCCCCM.
Conto	M̃. IIM̃. IIIIM̃. IIIIM̃. VM̃. VIM̃. VIIM̃. VIIIM̃. IXM̃.

REFORMAÇÃO DE

algũas palauras que a gente vulgar vsa & screue mal.

ERRADAS

ACipreste dignidade.
 Acipreste aruore.
 Acolá.
 Acupar.
 Adaião.
 Agabar.
 Agardecer.
 Alanterna.
 Alcorcouado.
 Alicornio.
 Alifante.
 Almario.
 Almazona.
 Aluidrar.
 Aluidro.
 Antre.
 Apoupar.
 Astim de terra.
 Astrolomia.
 Aualuar.
 Aualuação.
 Auangelho.
 Auoar.
 Auto, por conueniente.

 BAixo.
 Barrer.
 Bisconde.

EMENDADAS.

Arcipreste.
 Cypreste.
 Aquolá.
 Occupar.
 Deão ou Daião.
 Gabar.
 Agradescer.
 Lanterna.
 Corcouado.
 Vnicornio.
 Elefante.
 Armario.
 Amazona.
 Arbitrar.
 Arbitro.
 Entre.
 Poupar.
 Hastim.
 Astronomia.
 Aualiar.
 Aualiação.
 Euangelho.
 Voar.
 Apto,

 Baxo.
 Varrer.
 Vizconde.

ERRADAS.

Bitalha, bitualha.
Boutiçar.
Boutiço.

CA, aduerbio local.
Ca, por quia.
Calidade.
Cantidade.
Caronica, coronica.
Caronista, coronista.
Chançarel.
Cileiro.
Cinco.
Coadrar.
Como, aduerbio interrogatiuo.
Compeçar.
Compeço.
Concurdir.
Conselho por pouo.
Consinar.
Consirar.
Contia.
Coresma.
Creligo.
Crelesia.

DEdo meiminho.
Desenuergonhado.
Desdeque.
Despeçome.
Disforme.

EDitos.
Emprouecer.
Enfatiosi.
Enfatiota.

EMENDADAS.

Vitualha.
Baptizar.
Baptismo.

Qua.
Qua.
Qualidade.
Quantidade.
Chronica.
Chronista.
Chançeller.
Celleiro.
Cinquo.
Quadrar.
Quomo ?
Começar.
Começo.
Concluir.
Concelho.
Consignar.
Considerar.
Quantia.
Quaresma.
Clerigo.
Cleresia.

Dedo minimo.
Desauergonhado.
Desque.
Despidome.
Deforme.

Edictos.
Empobrecer.
Emphiteusi.
Emphyteuta.

ERRADAS.

Enxerca.
Enxuação.
Enxucatar.
Era, herua.
Escuro,
Escuma.
Eprimentar.
Esprital.
Esprito.
Estiba.
Estibar.
Estormento.
Estreuer.
Estruibidor.
Estruibição.

FArnesia.
Farnetego.
Farropea.
Ferrugem de chamine.
Filosomia.
Fogir.
Freima.
Frol.
Frolido.
Fugareiro.

Ho, articulo.

IHESV.
Impunar.
Increo.
Interlucutoria.
Ioelhos.

MAgestade.
Mancipado.

EMENDADAS.

Enxerga.
Execução.
Executar.
Hera.
Obscuro, oscuro.
Spuma.
Experimentar.
Hospital.
Spirito.
Estima.
Estimar.
Instrumento.
Atreuer.
Distribuidor.
Distribuição.

Frenesia, ou phrenesia.
Frenetico, phrenetico.
Ferropea.
Felugem, de fuligo.
Physionomia.
Fugir.
Flegma, ou fleuma.
Flor.
Florido.
Fogareiro.

.O.

IESV.
Impugnar.
Incredulo.
Interlocutoria.
Giolhos.

Majestade.
Emancipado.

ERRADAS.

Manicordio.
Manifico.
Manincolizado.
Memposteiro.
Menagem.
Menhãa.
Mercaderia.
Mialheiro.
Milhor.
Milhoria.
Monipodio.
Mouro deixo a vida.
Mulher.

NEgrigente.
Negrigencia.
Nunca.

OBsequias.
Oucioso.

PEcição, precissão.
Pera, preposição.
Pessuir.
Pirolas.
Praceiro por companheiro.
Precurador.
Precuração.
Pregunta.
Preguntar.
Preimatica.
Priol,
Proluxo.
Prometor.
Proue.
Pruuico.

EMENDADAS.

Monocordio.
Magnifico.
Melancolizado.
Mamposteiro.
Homenagem.
Manhaã.
Mercadoria.
Mealheiro.
Melhor.
Melhoria.
Monopolio.
Morro.
Molher.

Negligente.
Negligencia.
Nunqua.

Exequias.
Ocioso,

Procissão.
Para,
Possuir.
Piloras, ou pilulas.
Parceiro.
Procurador.
Procuração.
Pergunta.
Perguntar.
Pragmatica.
Prior.
Prolixo.
Promotor,
Pobre.
Publico.

ERRADAS

Pruuicar.

Quiça.

RABiscar.

Reima.

Rendição de captiuos.

Resido.

Reueria.

Rezão.

Rindeiro.

Rolação.

Rossio.

SAlmo.

Sambixuga.

Socresto.

Solemne.

Solorgião.

Solorgia.

Somana.

Sorodio.

TAballião.

Teima.

Theor.

Theudo, mantheudo.

Tisouro.

Titor.

Titoria.

Trelado.

Tribulo.

VEador.

Visorei.

EMENDADAS.

Publicar.

Quiçais.

Rebuscar.

Reuma.

Redempção.

Residuo.

Reuellia.

Razão.

Rendeiro.

Relação.

Ressio.

Psalmo.

Sanguixuga.

Sequestro.

Solenne.

Cirurgião.

Cirurgia.

Semana.

Serodio.

Tabellião.

Thema.

Teor.

Teudo, manteudo.

Thesouro.

Tutor.

Tutoria.

Traslado.

Thuribulo.

Veedor.

Vicerei, vizrei.

VOCABVLOS QVE

Screuendo se com differentes letras, teem differente significação

Hũa das cousas, per que se vee, quanto importa a razão de bem screuer, ao entendimento dos conceptos & palauras, he a diuersa significação, que muitos vocabulos teem, por soo distarem de outros em hũa letra, perq̃ fica conuencida a barbara practica de algũus, q̃ por palliar sua ignorancia, ou negligencia, dizem q̃ pouco vai screuer com hũas letras, ou cõ outras, ou serẽ as letras singellas, ou dobradas, como elles fazem, q̃ fortuitamente as dobrão, sem saberem onde, nem porque. Do que poerei algũus vocabulos, dos que me occorrerão, para exemplo do que digo, & para emenda dos que o mal screuem.

ABraço, com os braços.

Acamar o pam.

Aço, ferro fino.

Acoutar, ir ao couro.

Actor ou autor o que demanda.

Acude, verbo.

Amegeas, marisco,

Assas a carne verbo.

BARca que nauega.

Braça, medida.

Abraso, com fogo.

Açamar os porcos.

Asso a carne.

Açoutar, castigar.

Auctor ou author de algũa obra.

Açude, de moinho.

Amexeas, frutta de aruore.

Assaz, aduerbio.

Barça, vaso de palha.

Brasa, caruão acceso.

Caçar aues, ou animaes.
 Caça de aues, ou animaes.
 Caiado, branqueado.
 Cal branca.
 Canto, faço melodia.
 Canto, cantiga.
 Canto, esquina.
 Ce, aduerbio de chamar.
 Ceda de cauallo, ou porco.
 Cegar dos olhos.
 Cella de frade.
 Celleiro de trigo.
 Ceo & janto.
 Ceo empyrio.
 Ceo hei ceumes.
 Cerrar com fecho.
 Cerra verbo, fecha.
 Ceruo, Veado.
 Cesta vaso de vime.
 Ceuo, comida.
 Cinto que cinge.
 Como, mastigo.
 Como por cum conjunção.
 Concelho ajuntamento de pouo.
 Coso o panno com agulha.
 EMpoçar, metter no poço.
 Era, verbo substantiuo.
 Era dos annos.
 FOrça, fortaleza.
 Forçado que padece força.
 Franca liberal.
 ¶
 ¶ Incerto duuidoso.
 LAço armadilha, ou prisão.
 Liço de tear.
 Louça de barro.

Casar tomar molher, ou marido.
 Casa em que habitamos.
 Cajado bordão.
 Qual homem ?
 Quanto nome relatiuo.
 Se, particula condicional.
 Seda, que vestimos.
 Segar o pam.
 Sella de cauallo.
 Selleiro que faz sellas.
 Seo de Abraham.
 Serrar, com serra.
 Serra instrumêto de serrar, ou montanha.
 Seruo captiuo.
 Sesta nome numeral por sexta.
 Seuo, grossura do animal.
 Sinto, tomo sentimento.
 Quomo ? aduerbio interrogatiuo.
 Conselho dos sabios.
 Cozo a carne no fogo.
 Empossar, tomar posse.
 Hera herua.
 Forca de ladrões.
 Forcado pao de duas pontas.
 França prouincia.
 Inserto enxerido.
 Lasso, froxo.
 Liso, sem aspereza.
 Lousa, armadilha.

MAça de ferro, ou pao.

Marquesa dignidade.

Meça, verbo de medir.

Moça, que serue.

Ouço o que falla.

PAço, casa real.

Parceiro, companheiro.

Passo, ando.

Peço com rogo.

Poço de agoa.

Preço valor da cousa.

QVeijada de queijo.

Queijo de ouelhas.

Queijar, fazer queijos.

RAça, casta.

Ração, quinhão, ou porção.

Ressio campo largo.

Roça de mato.

Roido dos ratos, ou traça.

¶ Spera, teem speranza verbo.

¶ Vaso de prata, ou barro.

Massa de farinha.

Marqueza nome proprio.

Mesa em que comemos.

Mossa de spada.

Ouso, atreuome.

Passo, de cinco pees.

Praceiro de praça, ou publico.

Pasço o gado.

Peso com as balanças.

Posso, tenho poder.

Preso na carcere.

Queixada, parte da cabeça.

Queixo da cabeça.

Queixar, fazer queixume.

Rasa, chãa.

Razão, causa.

Rocio chuiua meuda.

Rosa de cheiro.

Ruido de agoa.

Sphera, corpo redondo, nome.

Vazo entorno, ou derramo.

VOCABVLOS QVE SCRIPTOS COM letra singella significão de hũa maneira, & com dobrada de outra.

ATras, aduerbio, retro.

Attraz, verbo, attrahir.

BArata de pouco preço.

Baratta, bicho.

Besta animal.

Beesta, arma.

Bota de calçar.

Botta de vinho.

Botar, lançar.

Bottar perder a côr, ou agudeza.

CApa, os bois, verbo.

Cappa vestido.

Caro que custa muito.

Carro de bois.

Caso accontescimento.

} Casso irritado & vão.

Caso com minha molher.

Cera de mel.
Cometa, strella.
Coro de Igreja.

¶ Encerar, vntar com cera.

FEro, cruel.
Fora aduerbio local.
Foro, tributo.

MAscara figura fingida.
Meses do anno.
Moleira do moinho.
Molinhar, moer.

PEco nescio, nome.
Pega, aue.
Pena, castigo.
Pero por pomo.
Polo por o ceo, ou norte.
Prego o crauo na parede.
Presa molher que staa em prisão.

¶ Quinta nome numeral de cinco.

¶ Reuelar, descobrir.

SACa tirada para fora.
Se conjunção dubitatiua.
Sesta por sexta numeral.
Serão tempo da tarde.

VEelo, tu o vees.
Velar de noite.
Vso, costume.

Cerra fecha verbo.
Commetta verbo.
Corro de touros.

Encerrar fechar.

Ferro, metal.
Forra liure.
Ferro, liure.

Mascarra de caruão.
Messes do campo.
Molleira de cabeça.
Mollinhar, chouer meudo.

Pecco, faço peccados, verbo.
Peega, prisão de bois.
Penna pluma de aues.
Perro por cão.
Pollo, animal pequeno.
Preego o euangelho no pulpito.
Pressa celeridade, ou trabalho.

Quintãa, casal.

Reuellar, ou rebellar, resistir.

Sacca sacco grande.
See cathedral,
Seesta hora da calma.
Serrão cousa da serra.

Vello de lãa.
Vellar a freira, ou os casados.
Vsso, animal.

VOCABVLOS, QVE MVDADO O accento, significação de diuersa maneira.

ACérto dou no fito.
Amára, preterito.

Acerto, caso.
Amará, futuro.

Auóo, ou auoa, mãi de meu pai, ou mãi. Auô, pai de meu pai, ou mãi.

¶ Báia, corada.

Baía, enseada.

Céo, empyrio.

Cêo, como a noite.

Cópo de beber.

Côpo, de lãa, ou algodão.

Cór vontade.

Côr, por color.

Córtē, quintal.

Côrtē delrei.

¶ Gósto, verbo.

Gôsto, nome.

¶ Mólho de crauos.

Mólho de coelho.

Pégo, do rio.

Pêgo, aue.

Pêso, com a balança.

Pêso com que pesão.

Pêsame a carga.

Pêsame leuo desprazer.

Póde de presente.

Pôde de preterito.

Sáio, vestido.

Saío, verbo.

Sóldo, moeda.

Sôldo, stipendio.

¶ Véo, toucado.

Vêo, he vindo.

TRACTADO DOS

Pontos das clausulas, & de outros que se põem nas palauras, ou oração.

NO processo da oração, ou practica, que fazemos, naturalmente vsamos de hũas distinções de pausas & silencio, assi para o que ouue entender, & conceber o que se diz, como para o que falla, tomar spirito & vigor, para pronunciar. E assi he da mesma maneira, quã-

do screuemos. Porque como a scriptura he hũa representação do que fallamos, para se tirar a cõfusão, do que queremos dar a entender, & para saber onde começamos & acabamos as clausulas, vsamos de pontos, como de hũas balisas & marcos, que diuidão as sentenças, & os membros de cada clausula. E he tam importante o apontar a scriptura, que muitas vezes se ignora o verdadeiro sentido della, por falta ou erro dos pontos. Item serue para cõceber na memoria, o que se lee. Porque os spaços ou balisas fazem parecer o caminho mais pequeno, & ser mais facil, & o que não stá diuidido, he mais comprido, & enfadonho.

E os pontos que neste tempo se vsão, no partir & diuidir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na stampada, são tres .s. virgula, coma, colon, que teem estas figuras.

Virgula	,
Comma	:
Colon	.

E a differença que há entre estes tres pontos he, que a uirgula se põe, & faz distinção, quando ainda não stá dicto tal cousa, que dee sentido cheo, mas soomente descansa para dizer mais.

O segundo se põe, quando stá dicto tanto, que dá sentido mas fica ainda mais para dizer, para perfeição, & acabamêto da sentença. O qual ponto se chama comma, que quer dizer cortadura.

O terceiro se põe, quando teemos chea a sentença, sem ficar della mais que dizer. E chamase colon, que quer dizer mēbro. Porque elle he parte do periodo, que he a clausula ou materia acabada, de que a baxo diremos mais. O qual periodo, que quer dizer arrodeio, cõsta de tres membros, & ao menos de dous.

E os exemplos destes pôtos, como se deuem vsar, se podẽ veer nestas clausulas: Creio em Deos padre, todo poderoso, criador do ceo, & da terra: & em Iesu Christo seu filho, hũ soo nosso senhor. Amerceaiuos senhor de mi, segundo vossa grande misericordia: & segundo a multidão de vossas misericordias, apagai minha maldade.

Item se ha de notar, que em hũa clausula pode vir hũ cõma, ou mais, sem nenhũa virgula, como nestes exemplos: Senhor não me argüaes em vosso furor: nem me comprehendaes em vossa ira. No principio era a palaura: & a palaura era acerca de Deos: & Deos era a palaura.

E assi podem vir muitas virgulas, sem algum cõ-

ma, como neste exêplo. Quem me dará pennas, como de pomba, & voarei, & descansarei? E em verdade vos digo, q̃ quẽ não receber o regno de Deos, como hum menino, não entrará nelle.

Item pode hauer clausulas, em que não entre virgula, nem cõma: se não soo o ponto final como aqui. No principio criou Deos o ceo & a terra. Qual de vos me arguirá de peccado?

Mas para saberdes vsar destes pontos em seu lugar, heis de notar, q̃ a virgula se põe para distinguir, não soamente hũa oração da outra, mas ainda para distinguir hũas dições de outras. Porque se põe despos nomes adiectiuos, quando cõcorrem muitos em hum mesmo caso, como aqui: Deuida cousa he ao principe ser humano, liberal, justo, prudente, & constante. Item se põe entre substantiuos, como aqui: As virtudes são quatro, fortaleza, justiça, temperança, prudencia. Item se põe despos de adiectiuo junto a substantiuo assi: Homem de grãde coração, de singular prudencia, & de diligencia estremada. Item se põe entre aduerbios puros, sem outra cousa, como elle o fez galantemente, valerosamente, & diligentemente. Item se põe despos verbos simpleses, sem algum caso que rejão, como aqui: Pecquei em comer,

em beber, em rijr, em escarnecer. E o mais cõmum-mête, despos verbos, que regem casos, que he a oração perfectã & acabada, como seruir a Deos, amar o proximo, lembrar da morte.

O comma se põe sempre em sentença suspensa, & não acabada, como nos exemplos acima dictos. Itẽ se põe, quãdo na practica que fazemos, referimos palauras d'outrem, como aqui: Sam Paulo diz: fee sem obras he morta. E Platão diz: Os homẽes não nascerão para si soos. Item vsamos do comma quando conuertemos as palauras em alguem, como naquellas palauras: Direi a Deos: Não me condeneis: Mostraime como me julgaes assi.

O colon & periodo tudo se assinala com hum pôto, & nisso ha pouco que dizer, pois são pontos, q̃ se põem no fim da sentença acabada, ou da clausula toda, em que não ha que errar.

De maneira, que hũ cõma pode cõprehender muitas virgulas, & hum colon muitos cõmas, & hũ periodo muitos colõs, desta maneira: O Emperador conhecẽdo, quam melhor he viuer em paz, q̃ andar em guerra, fez concertos com elRei de França: & para confirmar estes concertos, se vírão em Niça: da qual vista ficarão reconciliados, & os poucos mui cõ-

tentes. Agora se spera por a resolução do que se as-
sentou. Prazerá a Deos, será para quietação do pouo
Christão. Isto se chama periodo, onde vai a clausula,
& materia toda acabada, incluindo tres membros,
que são tres sentenças, que vão distinctas com o pon-
to final, que he o colon.

De outro ponto vsão agora algũs modernos, que
consta de hum colon, na parte superior, & de hũa vir-
gula na inferior assi; do qual dizem, ã querem vsar,
onde não stá dicto tanto, que se aja de poer comma,
nem tãpouco, que se aja de poer virgula. Mas a meu
veer, he inuêção de pouca vtilidade, & desnecessaria,
& que eu não imitaria. Porque pelos pontos antigos
se distingue tudo, & este faz mais toruação, que di-
stinação, que he o fim dos pontos.

ALem d'estes pontos, que seruem de demarcar as
clausulas, há outros mais para outros effectos,
cujas figuras são as seguintes.

Interrogatiuo	?	Hyphen	-
Admiratiuo	!	Asterisco	*
Paragrapho	§	Obelisco	►
Parenthesis	()	Brachia	~
Meo circulo	)	Diuisão	—
Apices	..	Angulo	^

O primeiro he o interrogante, ã se põe no fim da

clausula ou sentença interrogatiua .s. quando se pergunta algũa cousa, como nestas palauras: Se vos eu digo verdade, porque me não credes? Qual de vos m' arguira de peccado?

O II. ponto he o admiratiuo, que quasi se parece na figura cõ o interrogatiuo senão que teem a plica direita para cima. O qual se põe no fim da clausula, que pronũciamos cõ algũ espãto ou indignação, como neste exêplo: Quãta diferêça ha de hũ homẽ a outro! Com quã grãde trabalho se sustenta a virtude!

O III. he o paragrapho, o qual he ponto de distinção, não de hũa clausula a outra, mas de hũ tractado a outro, ou de hũa materia a outra, cuja figura era esta τ . donde se tirou o § dos Iuristas. Mas o proprio deste ponto he, poer se no principio da cousa diuidida, como o vulgarmente veemos vsar.

O IIII. he parêthesis, que he hũa formação de diuersa sentença, & palauras estranhas, ã se interpõem na clausula, & se podem tirar, ficando perfectõ o sentido. As quaes palauras interpostas incluimos em meo destes dous meos circulos. (). para denotarmos, ã são alheas d'aquella clausula, em que se interpõem, como quando dizemos: Se accõtecesse caso (o ã Deos não permitta) ã eu não torne da India:

Bem afortunadas serão as republicas (segundo dizia Platão) quando os Reis philosopharem, ou os philosophos regerem. E aas vezes seruem estes dous meos circulos, sem força de parenthesis, quando nelles incluimos alguma addição, ou declaração nossa, sobre a materia que tracta algum author, q̃ interpretamos.

O V. he hum meo circulo da parte directa, de que vsamos, quando glossamos alguma sentença de algum author, ou quando declaramos algũ dicto, incluindo nelle palauras glossadas assi.)

O VI. são hũs apices ou cimalhas, das quaes vsamos, quando se ajuntão duas vogaes, q̃ se podião leer de duas maneiras, ou jũtas em hũa syllaba, ou separadas em duas. Polo q̃ quando queremos mostrar, q̃ as vogaes se hão de leer diuididas, poemos os apices nesta maneira, aïo por mestre de criação, caiado por brãqueado, a differença de, cajado, por bordão, ãa, preterito imperfecto do verbo vou, a differença de já, aduerbio tẽporal, & assi boiada, boia, argüir, saúde.

O VII. he o hyphen, q̃ quer dizer vnião, ou ajuntamẽto. O qual se vsa de duas maneiras: a primeira, quando se ajũtão em hũ corpo duas dições differẽtes, ficando feitas hũa soo, como passa-tẽpo guarda-porta, val-verde, Mont'-agraço & aquellas palauras La-

tinhas, venum-dare, pessum-dare, ab-intestato, & outras muitas. A outra maneira de ã a vsamos he, quando per caso, ou per erro, se acerta de screuer hũa palaura cõ as syllabas muito separadas hũas das outras, para denotarmos, ã se hão de ajũtar em hum corpo, para formar hũa dição, & tirar a duuida em ã staria o lector, como aqui: Confia-do na vossa palaura. De maneira que he sinal de vnião & ajuntamento, & como hũa solda, & ferruminação de syllabas.

O VIII. he o asterisco, que quer dizer strellinha. Do qual vsauão os antigos, & se vsa agora, quando se notão algũs versos, ou palauras, que faltauão em o author, ou quando querem mostrar algũas palauras, que são dignas de se notar, & he assi, *

O IX. he o obelisco ► cõtrario ao asterisco, & quer dizer pequena ponta de espeto ou seetta, com ã assinalauão os versos ou palauras adulterinas, d'algũ author. Das quaes duas figuras, o ã primeiro vsou, foi Aristarcho, na censura ã fez dos versos de Homero. Porque os bõos & genuinos notaua com asteriscos, & os maos & adulterinos com obeliscos. De quem despois os tomarão Origenes, & S. Hieronymo, & os vsarão na sagrada scriptura.

O X. he a nota, que os Gregos chamão brachia.

O que he sinal, de ser breue a vogal, sobre ã se põe. Da qual vsamos, quando queremos fazer differença, em algũa palaura, de que hũa syllaba pode ser longa & breue, & que sendo breue, tõe differente significado, de quando he longa, como cagãdo por o animal aquatico, a que os Latinos chamão testudo, & no Latim occĩdo por cair, a differença de occido por matar.

O XI. se chama nas impressões diuisão, quando no fim da regra acerta de vijr hũa dição, que por não caber nella, se parte, para se acabar na regra seguinte. O qual se põe no fim da regra, na derradeira syllaba da dição interrupta, desta maneira, Antonio, para demostrar que a dição não stá acabada.

O XII. he o angulo ou meta, que os scriptores de mão vsão, quando lhe esquecerão palauras, ã vão per entrelinha, ou se põem na margem da scriptura, com o qual mostramos que naquelle lugar onde elle stá, se hão de metter as taes palauras desta maneira.

do nascimento

Anno de nosso senhor Iesu Christo.

^

FINIS.